

DM.
COEL/J.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

PROFESSOR DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS
ORIENTADOR

MECANISMOS DE DEFESA NO DESENHO INFANTIL

DISSERTAÇÃO DE

JAI ME CARVALHO COELHO

Ref. 7072
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

LISBOA 1993

Í N D I C E

	PAG.
NOTA INTRODUTÓRIA.....	2
HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E CONCEITO DO DESENHO INFANTIL.....	4
HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E CONCEITO DE DEFESA.....	26
MECANISMOS DE DEFESA NOS DESENHOS.....	34
A LEITURA DOS MOVIMENTOS PSÍQUICOS na situação de avaliação psicológica.....	148
BIBLIOGRAFIA.....	173

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente trabalho começa por situar o desenho —no capítulo História Definição e Conceito do Desenho Infantil— no seu percurso histórico. Refere e contextualiza, tanto quanto possível, os seus grandes marcos e as suas linhas de evolução, nomeadamente a sua aplicação nos domínios do desenvolvimento da criança e o seu uso como técnica projectiva. Neste particular aspecto procura-se fundamentar as suas características projectivas numa psicologia dinâmica que assume como quadro de referência principal a teoria psicanalítica.

No capítulo seguinte, História, Definição e Conceito de Defesa, o objectivo é tratar este conceito de modo semelhante ao desenho, seguindo a sua evolução e os contextos dos seus grandes momentos. Este capítulo serve de introdução ao seguinte, para onde converge, a par com o primeiro.

O capítulo Mecanismos de Defesa nos Desenhos, trata de cada mecanismo procurando descrevê-los na sua evolução, nos seus aspectos

patológicos mas também nos seus aspectos organizantes e funcionais, num primeiro momento. A seguir procura exemplificar, com material retirado exclusivamente da prática clínica do seu autor, o modo como esses mecanismos se traduzem na produção gráfica.

Por último, o capítulo, A Leitura dos Movimentos Psíquicos na Situação de Avaliação Psicológica, visa exemplificar, numa situação relacional específica mas com muito de comum a todas as situações relacionais, o modo como os mecanismos surgem, actuam e inter-actuem ao vivo. De passagem, mostra também um dos modos de validar cientificamente o significado de uma representação simbólica e demonstra a relatividade do simbolismo geral perante a simbólica individual.

1)-HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E CONCEITO DO DESENHO INFANTIL.

O interesse sistemático sobre o desenho infantil começou a ficar documentado nos fins do século XIX. As produções gráficas infantis, a existirem antes, seriam feitas na areia ou poeira, ou em "graffiti" facilmente destrutíveis e, por essa razão, pouco propícias a fornecer motivo de interesse ao estudioso. Widlocher, (1965), é de opinião que o desenho da criança é um produto da nossa civilização industrial porque, tributário dos meios de que a criança dispõe para o efeito, terá andado ligado à difusão do lápis e do papel. A primeira notícia sobre desenhos de crianças, aparece sob a forma de um estudo, publicado por Adolf Siret em 1876, sobre umas gravuras feitas a partir de paisagens pintadas por um menino (Frederico Van de Kerkhove) entre os oito e os dez anos (Widlocher, ibidem).

Thomas e Silk (1990) registam dois escritos datados de 1895 e 1897, sobre desenhos de crianças.¹

¹ Os títulos, curiosamente, —*What Children Draw to Please Themselves* e *The Child's Attitude towards Perspective Problems* respectivamente— parecem já indicar as duas principais direcções em que os desenhos viriam a ser estudados: o das capacidades (Habilities), mais ligado às teorias do desenvolvimento psicológico; e o da projecção, mais relacionado com a dinâmica gerada pela fantasia-desejo-defesa.

Em França, Naville, (1950), publica uma recolha crítica da bibliografia sobre o assunto publicada até 1949; Stora (1963) faz um apanhado da bibliografia publicada até 1960 e Ph. Wallon (1985) dá-nos uma listagem dos títulos publicados entre 1962 e 1984 para a língua francesa e entre 1974 e 1984, para a língua inglesa.

Na América, Harris (1963) faz também uma revisão crítica de muitas das investigações feitas sobre o desenho das crianças.

Cerca de 2000 títulos recenseados, se considerarmos apenas a Europa (e nesta, só a França e, parcialmente, a Inglaterra, para o período entre 1950 e 1984), dão-nos uma idéia do interesse que tem merecido o desenho infantil a psicólogos, psiquiatras e educadores, profissões que assinam, na maioria, os trabalhos.

Embora, evidentemente, não se possam extremar as direcções em que os estudos se fizeram, é possível considerar, "grosso modo", dois ângulos principais, que nos dão duas perspectivas suficientemente caracterizadas para que possa ser feita uma primeira classificação:

- A perspectiva do desenvolvimento, que se debruça sobre as características do desenho infantil em termos da sua evolução de acordo com as idades;

- A perspectiva projectiva que encara o desenho como manifestação da estrutura e da dinâmica da personalidade.

A Perspectiva do Desenvolvimento.

Desde 1885 até cerca de 1920 foi realizado um vasto trabalho de recolha, análise e classificação do desenho infantil. Segundo o interesse dos investigadores eram utilizados critérios vários, pontificando as classificações que diferenciavam culturas, sexo, e idades.

O estudo dos desenhos segundo as idades havia de revelar-se o mais frutuoso para o conhecimento da criança. Stora (1963) assina a diferença que se poderão chamar de pormenor para os critérios diferenciadores de meio, do sexo e até psicopatológicos, se comparadas com as constatações feitas quando os estudos observam os critérios etários. Aqui não existem diferenças essenciais entre as culturas transcontinentais, meios sócio-culturais, sexos, etc. e sempre se verifica uma inalterável sucessão de etapas, com iguais características, do desenho infantil.

Três nomes merecem, neste aspecto particular do desenvolvimento, um especial destaque:

Kerschensteiner (1905) que estudou milhares de desenhos feitos por crianças alemãs e que concluiu que, numa escala etária, os podia classificar em três níveis:

- desenhos esquemáticos
- desenhos em conformidade com a aparência visual
- desenhos que atingem a representação das três dimensões espaciais.

Rouma (1913), na Bélgica estudando desenhos de crianças

feitos em determinados períodos de tempo, concluiu pela existência de dez estádios no desenvolvimento da figura humana.

Luquet (1913, 1927) em França, chega a uma classificação em seis etapas de desenvolvimento, a partir do estudo dos desenhos da sua filha (Luquet, 1913) e, alguns anos mais tarde (1927), com um estudo que inclui desenhos de crianças de muitos países.²

Pela sua importância, vamos descrever com mais pormenor as etapas de desenvolvimento das operações mentais próprias do desenho, tais como as conhecemos hoje e que se conservam fiéis, no essencial, ao esquema proposto por Luquet em 1927.

O princípio fundamental em que assenta esta classificação é o realismo intencional, isto é, a criança ao desenhar quer reproduzir uma reconhecível e realista representação de um qualquer objecto real, cujo modelo mental interno (imagem mental, para Piaget) se teria formado a partir dele.

Um outro princípio subjacente é o de que o desenvolvimento da representação mental se faz por aquisição lenta dos pormenores relativos ao objecto e frequentemente por mutações bruscas que fazem atingir novos e mais ricos níveis de integração desses pormenores.

²Os trabalhos de Luquet são os mais conhecidos e isto deve-se não se a validade do seu trabalho ainda hoje inquestionável nas suas linhas gerais, mas também à difusão que lhe proporcionou a inclusão das suas idéias no corpo teórico da epistemologia genética de Piaget.

Por último há que considerar que a capacidade de representação se desenvolve a partir de um nível sincrético a que se segue um nível analítico e por fim um sintético.

Bourgès (1978) resume estes princípios: "O desenho da criança torna-se, com efeito, cada vez mais fiel a um modelo e rico em reproduções pormenorizadas daquilo que o modelo comporta, num conjunto cada vez melhor estruturado".

O que passa pelas seguintes etapas:

-Realismo fortuito: A partir dos 18 meses a criança começa a interessar-se pelo traço que o objecto traçante imprime. Ao rabisco inicial, sem intenção de representar seja o que for, sucedem-se formas esquemáticas reconhecíveis: a espiral, o "círculo primordial"...³ que permitem à criança encontrar ocasionalmente semelhanças entre um traço e um objecto e interpretá-lo nesse sentido.

Realismo falhado: Entre os dois e os três anos aperfeiçoam-se os esquemas básicos do grafismo: aparecem as linhas verticais, depois as horizontais, as linhas paralelas. A criança, embora sem relevantes aquisições, domina cada vez melhor o seu grafismo (o traço vai-se tornando

³O modelo visual mais simples (na opinião de Arnheim, citado por Thomas e Silk, 1990) que consiste normalmente num círculo incompleto, aberto de um dos lados, e que se virá a revelar capaz de servir de base para a representação da maior parte dos objectos conhecidos da criança: a figura humana, nomeadamente a face, muitas vezes constituída por um círculo maior e três ou quatro mais pequenos dentro deste, figurando olhos nariz e boca; toda a classe de animais; o sol, a lua, etc.

mais firme; as linhas, inicialmente descontínuas, tornam-se uniformes) e aparece o desenho intencional, frequentemente anunciado com antecedência. Mas entre a intenção e as capacidades gráficas há ainda um desnível e a criança falha no seu propósito. Mais adiante poderá encontrar um compromisso: um grafismo não intencional, o círculo, por exemplo, é associado a um objecto conhecido: um animal. A criança acrescenta-lhe então dois traços verticais representando as pernas e dá-lhe o nome de uma qualquer ave.

Mesmo depois de algum domínio dos automatismos gráficos a criança continua a falhar na capacidade sintética. A criança representa as diversas partes de um objecto não tendo em conta as suas posições relativas (sincretismo). Assim, numa figura humana, as pernas podem ser desenhadas ao lado do tronco e os olhos ao lado da cabeça. O sinal mais seguro, talvez, da passagem da etapa do realismo falhado ao realismo intelectual ser-nos-á dado então pela perda deste sincretismo e a sua substituição pela capacidade de integração das diversas componentes de um todo no respeito das suas posições recíprocas: pela capacidade sintética.

Realismo intelectual: Dos 3 aos 6/7 anos faz a aquisição progressiva de todas os esquemas gráficos: a linha sinuosa, o círculo, a cruz, o quadrado, o triângulo e o losango- que lhe permitem, enfim, representar intencionalmente um modelo interno.

Mas nesta etapa a criança desenha o que conhece, o que sabe existir, e não aquilo que vê e como o vê. Daí que nes-

ta etapa se notem características específicas, que importa descrever. São elas: a transparência, o rebatimento, a narrativa gráfica e a mudança de ponto de vista.

Transparência - A criança reproduz certos elementos do desenho que normalmente devem estar escondidos. Por exemplo o umbigo sob a roupa, o conteúdo do estômago, cenas familiares vistas da rua, como se as paredes fossem transparentes, etc. Luquet (1927) dá o exemplo de uma transparência dupla: a de um carro fúnebre, dentro do qual se via o caixão onde, por sua vez, era visível o corpo. A transparência começa a desaparecer entre os 8 e 9 anos e já não se verificará aos 12.

Rebatimento - Ainda pela preocupação de desenhar tudo o que sabe que existe, a criança rebaterá os planos, podendo, assim representar partes que, de outro modo, ficariam invisíveis. Por exemplo, num carro, as rodas aparecem deitadas ao lado do corpo central; uma mesa tem os pés no prolongamento do tampo, etc.

Mudança de pontos de vista: - A criança desenha "observando" parte do objecto de um ângulo e parte de outro, o que pode dar dois olhos num rosto de perfil; pés de perfil e corpo visto de frente; uma sala com os móveis encostados à parede na vertical e a mesa vista de cima, etc.

Narrativa gráfica: - A narrativa gráfica que consis-

te em resumir numa só imagem os vários elementos de uma história que se desenrola em momentos diferentes (tipo simbólico); ou repetir o personagem principal a cada momento da história, mantendo o cenário de fundo (tipo sucessivo); ou ainda, repetir o cenário e personagens isoladamente para assim indicar com clareza a relativa descontinuidade dos acontecimentos, é uma das características mais importantes desta etapa por, exactamente, marcar, na capacidade de representação, a passagem do estático ao dinâmico, no desenho infantil.

Realismo Visual: -As coisas são desenhadas tal como são vistas e não como são conhecidas como no realismo intelectual. Este tipo de desenho pode já manifestar-se, esporadicamente, a partir dos 6,7 anos, mas na opinião da generalidade dos autores, é por volta dos doze anos que está solidamente adquirido. As aquisições posteriores verificar-se-iam apenas ao nível do domínio das técnicas e não das estruturas mentais.

A visão geneticista do desenho infantil aqui esquematizada, foi a predominante, quase exclusiva, na primeira parte do século XX e a ela se ligam muitos dos estudos sobre as capacidades grafo-perceptivas da criança que permitiram a construção de instrumentos de avaliação do desenvolvimento com base nessas capacidades. Citemos apenas, como um dos exemplos mais conhecidos, o teste da figura

humana de Goodnough (1926),⁴ no qual se submete um desenho de um homem a uma análise de acordo com vários elementos seleccionados em função da idade e relacionados com a presença, ausência e correcção das diversas partes do corpo; pormenores do vestuário, tamanho, proporções, perspectiva, etc. A construção e a validação do teste é de forma a poder calcular um quociente de desenvolvimento (artifício que está na origem do quociente intelectual) e a ser usado como medida de inteligência com tanta maior legitimidade quanto as correlações encontradas com os "scores" da escala de inteligência de Stanford-Binet,⁵ entre outros, foram positivas.

A Perspectiva Projectiva

A perspectiva genética não esgota as possibilidades de utilização do desenho na Psicologia e, muito menos, constitui uma teorização acabada deste. O interesse por outras potencialidades do desenho não é, aliás, recente.

Thomas e Silk, (1990), referem um estudo de Simon⁶ sobre a imaginação na loucura, no qual este autor notava "uma relação entre os desenhos e os sintomas comportamentais dos pacientes com perturbações severas" (pg. 110).

Luquet, (1927), teorizador do modelo mental interno como cópia fo-

⁴ Usado tal qual foi concebido até 1963, altura em que Harris, na América, o revê e o apresenta sob forma revista e ampliada como teste de maturidade psicológica.

⁵ Uma das provas introduzidas por Binet na escala que deu origem a esta, era, curiosamente, a cópia das figuras geométricas, para a qual encontrou também uma sequência genética já em 1911, data do aparecimento, em França, da Escala Métrica de Inteligência.

⁶ Infelizmente não recenseado na bibliografia

tográfica do objecto real externo, concede, a páginas 93 da edição portuguesa:

"Na percepção e na memória, o espírito não é reduzido ao papel de um recipiente inerte onde se verte e se conserva, tal qual a experiência, «o dado». Não só cada categoria de espíritos mas também cada espírito individual pode ser comparado a um repercutidor ou a uma dessas telas coloridas que só podem ser atravessadas por certas radiações".

Contemporâneo do evolucionismo e influenciado por este, parece render-se, nestas afirmações, à gestalt-teoria, para qual a percepção não é apenas o resultado de impressões sensoriais sobre um aparelho psíquico totalmente passivo.

Goodnough (1926), ainda que preocupado essencialmente com a avaliação da inteligência, afirma que a análise dos desenhos infantis também pode ser usado para avaliar a emocionalidade da criança. Ao contrário de Luquet que se fica por uma longínqua referência a outras zonas do psiquismo para além da perceptiva, Goodnough trabalhou a ideia com os seus colaboradores, nomeadamente com Harris, (1963), que aproveita as características projectivas do desenho para explorar a personalidade.

O conceito de projecção.

O uso do conceito de projecção no desenho tem a sua história ligada, naturalmente, ao conceito nas outras técnicas projectivas.

Ele é de início "um juízo de exterioridade pelo qual uma sensação do corpo é atribuída a um fenómeno que se produz no espaço" o que "fundamenta, por exemplo, o princípio dos testes projectivos, que,

constituindo o modo de resposta de um sujeito face aos estímulos visuais em função do seu estado psíquico, têm como finalidade revelar os traços essenciais da personalidade" (Braconnier, 1991). A tentativa de ligar este conceito de projecção ao conceito psicanalítico de projecção nunca foi muito conseguido, na medida em que este se restringe à externalização, com fins defensivos, das coisas inconscientes inaceitáveis pelo próprio, pelo menos na sua acepção original e mais elaborada em Freud,⁷ se bem que este entreabra uma porta à elaboração do conceito noutras direcções possíveis em "Totem e Tabú" , quando nota que as recordações dos perceptos influenciam as percepções dos estímulos contemporâneos:

"Sob certas condições que não estão ainda suficientemente determinadas, as próprias percepções internas dos processos ideacionais e emocionais projectam-se no exterior, como as percepções sensoriais, e são utilizadas para configurar o mundo exterior".
(SE, pg.93).⁸

E mais à frente:

"O que nós, tal como o homem primitivo, projectamos na realidade externa, não pode ser outra coisa que o reconhecimento de um estado em que uma dada coisa

⁷ Veja-se "Neurose de Angústia", (1894); "As Neuro-psicoses de Defesa", (1896); "Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia", (1911); "Totem e Tabú", (1912); "O Futuro de uma Ilusão", (1927).

⁸ Só na década de 50 a psicologia clássica se aproxima mais claramente desta ideia com teoria do campo sistematizada por Lewin.

está presente aos sentidos e à consciência, junto à qual existe outro estado em que a coisa está latente, mas que pode reaparecer, quer dizer, a persistência da percepção e da recordação ou, para generalizar, a existência de processos psíquicos inconscientes junto a outros conscientes"

Esta formulação permite pensar que a projecção, conceito já de si complexo na sua aceção primeira em Freud, é um processo que pode comportar funções mais amplas que o simples alijar das coisas insuportáveis para o consciente e, assim, veicular toda a espécie de estados afectivos emocionais e ideacionais. Bellak, entre outros e com outros,⁹ parte desta formulação para elaborar a fundamentação teórica das técnicas projectivas de que nos dá, talvez, o mais conseguido resultado no seu trabalho "Fundamentos Teóricos da Psicologia Projectiva" de 1959.

O conceito de identificação projectiva (que à frente veremos com algum pormenor) elaborado por M. Klein e seus discípulos, torna mais claros os processos psíquicos em acção nas técnicas projectivas, sobretudo a partir da distinção feita por Bion entre uma forma patológica e uma normal deste mecanismo, podendo veicular emoções e afectos também do tipo chamado positivo, e não só o ódio, o ciúme e a inveja. Isto torna possível, ao nível das técnicas projectivas, e nomeadamente no desenho, obter mais informação sobre os processos psíquicos do que:

⁹ Rapapport, Kris e Lowenstein.

- a visão projectada da estrutura da personalidade de acordo com a primitiva conceptualização da projecção como "juízo de exterioridade pelo qual uma sensação do corpo é atribuída a um fenómeno que se produz no espaço".
- a análise e determinação dos pontos traumáticos e de conflito, ligados a uma conceptualização da projecção como externalização dos sentimentos ansiógenos, o que nos dá uma fotografia mais dinâmica da configuração da estrutura da personalidade,¹⁰ que na primeira acepção.

A identificação projectiva permite-nos seguir, passo a passo, os contínuos movimentos ligados aos processos de regulação interna dos estados de ansiedade, e assim alcançar, o que talvez nem seja tão importante, a organização mais estável da personalidade: a estrutura.

O desenho como técnica projectiva. Talvez mais por uma questão de arrumação de idéias que pela sua pertença a naturezas diferentes, diferenciemos o desenho como técnica projectiva em desenho temático e desenho livre. É fundamentalmente deste último que se ocupará este trabalho.

¹⁰ O esquematismo a que me obriga a necessidade de seguir um raciocínio mais ou menos linear, corre o risco de tornar simplista o discurso e as idéias e dar uma noção de extrema pobreza de conteúdos e resultados nas técnicas projectivas. Nestas encontramos de facto, e desde o início, espaço para o estudo das fantasias, dos símbolos, dos processos de identificação, etc., o que lhes dá contornos que ultrapassam a mera "radiografia", como é costume referir.

O **desenho temático**. A exploração do desenho como técnica projectiva, começa nos anos 30 e podemos citar, dentre os primeiros e dos mais conhecidos, Schilder, (1935); Bender, (1938); Buck, (1948). No teste por este elaborado, onde se pede para desenhar uma casa, uma árvore e uma pessoa¹¹, é claramente introduzido o uso do simbolismo, como Hammer, (1958) o explicita:

"a casa é apropriada à simbolização do corpo da criança, ao útero ou à casa paterna; a árvore, essa, é adequada a reflectir os sentimentos relativamente profundos e os mais inconscientes da criança a respeito de si mesma; a pessoa veicula a visão consciente da criança relativamente a si própria e ao mundo que a rodeia". (cit. de Thomas).

Para além do já referido desenho de um homem, de Goodnough, que, como atrás referimos, foi durante muitos anos usado como teste de desenvolvimento intelectual e que Harris, 1963, desenvolve no sentido da sua utilização como teste projectivo, tal como Goodnough o havia preconizado, um trabalho ainda hoje considerado de grande relevo e credibilidade é o de Karen Machover, 1949, sobre a projecção na figura humana, o que se deve aos princípios teóricos em que assenta e à preocupação de validação dos resultados por comparação com testes de crédito científico já formado, como o Rorschach, o TAT e o CAT.¹²

¹¹ Conhecido pela abreviatura constituída pelas suas iniciais em inglês: HTP.

¹² O que se não deve exclusivamente a Machover. Neste capítulo merece particular destaque o nome de Ada Abrham, que, com as suas investigações publicadas em artigos de revistas e em livro (1976), confere grande crédito científico ao teste.

O teste de Machover, "Desenho de uma Pessoa", consiste em pedir ao sujeito o desenho de uma pessoa e, logo a seguir, o desenho de uma pessoa do sexo oposto ao desenhado em primeiro lugar. Resumidamente os fundamentos teóricos seriam: A projecção do si mesmo, aqui, não se faz por intermédio da palavra (como no MMPI), nem é mediada pela percepção visual (como no Rorschach e TAT), mas por um grafismo específico: o corpo humano. O corpo e a sua imagem são determinados pelo que há de mais específico e desprovido de equívocos: a pertença ao sexo feminino ou masculino. Identificando-se ao seu próprio sexo, a criança aceita e faz suas, na estrutura da sua personalidade, os papéis, as concepções, as condutas e as pulsões próprias do seu sexo. Esta identidade sexual (quem sou eu, menino ou menina?) é o local onde sedia o sentimento de normalidade, referência que assegura a expansão da personalidade.

É a personalidade, e não os estados emocionais temporários, que Machover tem em vista, partindo do pressuposto que a criança projecta a sua própria imagem no desenho da figura humana. Machover encara os desenhos como a expressão dos mais permanentes e firmes traços da personalidade.

De entre os muitos trabalhos que a obra Machover inspirou, citemos apenas Ada Abraham (1976) que analisou minuciosamente muitas das afirmações e hipóteses colocadas por Machover sujeitando-as a um dispositivo de investigação no qual podiam ser comparadas as próprias produções gráficas de uma criança com as suas produções verbais no TAT e CAT e com os dados anamnésticos, contribuindo assim para a credibilidade científica do significado geral de muitos dos índices do desenho.

O desenho livre. Paralelamente ao desenvolvimento das provas gráficas standardizadas, com uso reservado ao diagnóstico da personalidade, de que atrás se viram apenas alguns exemplos, e que pela necessidade de standardização eram temáticas: desenho do homem, desenho de uma pessoa (DAP), desenho de uma casa-árvore-pessoa (HTP), desenho de "uma senhora-passeia-e-chove" (Dama de Fay), desenho de uma família etc., os desenhos foram utilizados de uma forma não temática a que costuma dar-se o nome de desenho livre.

Talvez de início, como ainda se verifica hoje, para o estabelecer de um primeiro contacto com a criança numa "actividade neutra"; para a "entretêr" enquanto conversamos com os pais, numa consulta; ou para a "seduzir", no sentido de Ana Freud, e poder ganhar-lhe a confiança. Mas rapidamente se descobriu o seu valor simbólico, hoje com crédito firmado no diagnóstico psicológico e na psicoterapia graças à possibilidade que tem de pôr em acção e mostrar, de forma inteligível ao observador, o funcionamento dos processos psíquicos.

Mais do que no desenho temático, o desenho livre apoia-se nas concepções dinâmicas da psicologia e nomeadamente nos conceitos psicanalíticos, em particular na sua noção de símbolo e na teorização dos mecanismos de defesa.

O interesse pelo desenho dentro da prática e da teoria psicanalíticas tem também a sua história. Vejamos as suas principais referências:

A atenção de Freud pelos desenhos das crianças tem uma pequena amostra no desenho de um cavalo do Pequeno Hans, onde este desenha o pénis do cavalo de forma talvez demasiado clara para ser uma re-

apresentação simbólica. Já os trabalhos sobre o "Moisés de Miguel Angelo" e sobre a obra de Leonardo da Vinci, revelam o seu interesse pela tradução das motivações afectivas inconscientes nas particularidades da expressão plástica.

Logo no princípio do século, em Viena, Hermine von Hug-Helmmuth utilizava o desenho na sua prática terapêutica com crianças, de que mais tarde dá conta num artigo publicado em 1921.¹³

M.Klein (1955) refere-se-lhe em "A Técnica Psicanalítica através do Brinquedo: Sua História e Significado":

"Em 1919 quando iniciei o meu primeiro caso, já se realizara algum trabalho psicanalítico com crianças, particularmente pela Dr^a Hug-Helmmuth. Ela, no entanto, não empreendeu a psicanálise de crianças com menos de seis anos e, embora usasse o desenho e, ocasionalmente, o brinquedo, como material, não desenvolveu esse recurso numa técnica específica".

Klein não refere Anna Freud, discípula e continuadora de Hug-Helmmuth neste campo, e que praticava a psicanálise de crianças desde 1926. A.Freud, no seu livro "O Ego e os Mecanismos de Defesa" publicado já em 1936, dá-nos alguns exemplos de pormenorizadas análises de desenhos nas quais, embora possam não constituir uma técnica específica no sentido de Klein, se pode ver a sua utilidade na compreensão dos diversos mecanismos de equilíbrio do Eu. Dos mecanismos de defesa, como lhes chamou Anna Freud.

¹³ "On the Technique of Child Analysis", Int. J. Psycho-Anal., 2:287-305.

Melanie Klein considerava o brincar, no qual incluía o desenho, como um modo de fazer associação livre, equivalente à produção verbal do adulto e substituta desta na psicanálise da criança. Em qualquer dos modos de fazer associação livre, Klein constatou que a tradução de fantasias, desejos e experiências, utilizava a mesma linguagem e o mesmo modo de expressão que são comuns também ao sonho. O que quer dizer que o conteúdo manifesto, neste caso o desenho, é o resultado final de um trabalho (processo secundário) levado a cabo por exigência da actividade fantasmática inconsciente (processo primário) e simboliza o conteúdo latente.

Em 1926, Sophie Morgenstern, ao contrário de Klein que nunca destacou o desenho das outras produções da criança, viu-se numa situação em que o desenho lhe foi imposto como único material de análise, pela simples razão de ser este o único meio de expressão de que dispunha a criança que tratava de um mutismo psicogénico, caso de que nos faz como um relato em artigo publicado em 1926.

Os desenhos representavam cenas extremamente violentas cujo significado a psicanalista se esforçava por entender à luz da sua prática e do contexto teórico da época, arriscando interpretações que comunicava verbalmente e recebendo, frequentemente, como resposta, outro desenho, num diálogo esclarecedor também, como conclui, de que na elaboração dos desenhos se encontram mecanismos específicos do inconsciente, na acepção psicanalítica do termo.

Entusiasmada com a experiência, prossegue as suas investigações e disso nos dá conta em livro publicado em Paris em 1937: "Psychanalyse Infantile, Symbolisme e Valeur Clinique des Créations Imagi-

naires de l'Enfant". Também ela estabelece analogias entre o desenho, o jogo e o sonho, mas é aos símbolos, sobretudo os de origem sexual, que dedica a principal atenção. É do trabalho de Morgenstern, ao menos na opinião de Widlocher, que data a simbólica dos objectos fálicos, das angústias de castração, das preocupações anais e orais, que pode ser considerada uma contribuição maior da psicanálise para a interpretação do desenho.

Françoise Dolto, na esteira de Morgenstern, interessa-se também pelo desenho, desenvolvendo e corrigindo até alguns pontos da teoria desenvolvida por Morgenstern. Esta, por exemplo, propunha uma interpretação geral válida para todo o material simbólico: Assim, as chaminés muito grandes das locomotivas seriam índices das preocupações ansiógenas das crianças relativamente aos seus órgãos sexuais e ao receio de castração. Ainda que esta opinião fosse fundamentada na observação de vários casos análogos e portanto, merecesse o crédito de toda a generalização feita a partir de um suficiente número de casos, F.Dolto põe em prática uma técnica experimental que consiste em pôr em relevo, em cada desenho, todos os elementos significantes e, em seguida, compará-los nos desenhos de diversas crianças, para verificar se as características formais encontradas correspondem a uma analogia entre os casos clínicos, reforçando, assim, com um método comparativo mais objectivo, o método de decifração do símbolo ligado unicamente às associações da criança e do psicanalista.

Uma outra achega importante de Dolto foi o alargamento do conceito de projecção no desenho tanto ao nível de conteúdo projectado, como ao nível dos modos de projecção.

O conteúdo: A criança não exprime apenas certos pensamentos e sentimentos, mas projecta uma imagem total de si mesma no desenho. Essa imagem é a imagem do corpo,¹⁴ que tem uma significação dinâmica e que traduz o interesse que temos pelo corpo e não a representação que dele fazemos.

Ora o interesse varia segundo a parte do corpo investida: -Se a criança investe grande interesse na zona oral, as sensações que provêm desta região tornar-se-ão muito intensas e fonte de prazer. Diz-se então que o investimento libidinal da zona oral é prevalente. Mudando os investimentos zonais com o desenvolvimento, cada criança tem portanto uma imagem dinâmica do seu corpo, resultante dos diversos investimentos libidinais feitos nas diferentes partes do corpo. Uma vez que é com o nosso corpo que apreendemos o mundo exterior, a relação da criança com o próprio corpo exprime também as suas relações libidinais com os objectos do mundo exterior. A imagem do corpo é, assim, o reflexo de tudo o que o sujeito viveu com as pessoas das suas relações, não somente naquilo que sentiu, mas também naquilo que simbolicamente intuiu.¹⁵ É toda uma globalidade e não apenas coisas parciais, sentimentos fugazes ou estados afectivos temporários, que seriam objecto de projecção.

Os modos de projecção: -Para Dolto a imagem do corpo pode projectar-se em todas as representações quaisquer que sejam, -um objecto, um vegetal, um animal- e não apenas nas representações humanas.

¹⁴ Dolto distingue entre imagem do corpo e esquema corporal, noção ligada à neurofisiologia e traduzindo mais um conhecimento que um investimento libidinal do corpo.

¹⁵ Creio que se pode aproximar esta definição de imagem do corpo ao conceito de "self".

Estas, aliás, seriam particularmente apropriadas para a projecção da imagem do corpo pós-edipiana:

"Somente após o Édipo, a imagem do corpo é projectável na representação humana completa" (Dolto, 1961, pg.72).

A projecção global da imagem do corpo verificar-se-ia também nos desenhos não figurativos.

Widlocher, (1965, pg.137) ainda que tenha o cuidado de ressaltar que a influência de Dolto no domínio do desenho livre está mais ligada ao ensino oral que aos textos publicados, --lembrando que ela própria sublinhou que a interpretação do desenho supõe todo um contexto clínico--, critica a Dolto o facto de considerar imediatamente o desenho como um todo acabado que revela a criança de um modo global:

-"De facto, a elaboração do desenho no tempo faz da fase do acabamento uma realização necessariamente afastada daquilo que se desenrolou no espírito da criança. Além disso, privilegiando as relações projectivas com a imagem do corpo, não é certo que levemos em consideração todos os mecanismos inconscientes que actuam na elaboração do desenho"

São estes mecanismos inconscientes --cujos movimentos e direcção dependem, no contexto, de numerosos factores, alguns facilmente identificáveis como o enquadramento material, o próprio, o outro para quem ou a pedido de quem se desenha; outros menos facilmente identificáveis como, por exemplo, a significação que dos primeiros

faz a criança, a acção reorientadora do desenho e da temática que o levantar de uma ansiedade pode ter-- que tentaremos estudar nas páginas que se seguem.

2)-HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E CONCEITO DE DEFESA

O termo defesa é, segundo Ana Freud (1936) a primeira referência ao ponto de vista dinâmico na teoria psicanalítica. Encontra-se pela primeira vez nos escritos de S.Freud em 1894, em "Psiconeuroses de Defesa". Reaparece em "Estudos sobre a Histeria" (1895) e em "Novas Observações sobre Psiconeuroses de Defesa" (1896). O termo é usado num sentido lato, vago, que permite a confusão com o recalçamento e até, na opinião de Ana Freud (1936), a substituição do primeiro pelo último: "Esta palavra (defesa) é de seguida abandonada e substituída pela palavra recalçamento" (pg. 41), voltando a resurgir em 1926 no apêndice de "Inibição, Sintoma e Angústia".

Esta opinião (que tem, aliás, origem no próprio Freud, em declarações de 1905: "Recalçamento, como comecei a dizer em lugar de defesa"), não é geralmente partilhada.¹⁶

Não obstante, a distinção feita entre um e outro termo em 1926, constitui um dos elementos para caracterizar o conceito. Diz Freud:

"Não convém utilizá-lo (o termo defesa) senão para

¹⁶ Laplanche e Pontalis (1967) esforçam-se, de maneira convincente, por provar que sempre os termos foram utilizados em contextos que permitem uma clara diferenciação dos sentidos.

designar de maneira geral, todos os procedimentos de que se serve o ego nos conflitos susceptíveis de desembocar numa neurose, enquanto que a palavra recalcamiento designa um modo bem determinado de defesa que as nossas investigações nos permitiram conhecer melhor".

A primeira característica, pois, de defesa, é ser um termo genérico que engloba outros termos que designam tipos de defesa específicos, o que se torna bastante claro na seguinte definição de Widlocher:

"A defesa é o conjunto de operações cuja finalidade é reduzir o conflito intrapsíquico tornando inacessível à experiência consciente um dos elementos do conflito: os mecanismos de defesa serão os diferentes tipos de operações nos quais se pode especificar a defesa, isto é, as formas clínicas destas operações defensivas" (citado por Chabert, (1983), pag. 246).

Uma outra característica importante da defesa e dos seus mecanismos¹⁷, e sua razão de ser, é a finalidade da sua acção: impedir ou minimizar o desenvolvimento da ansiedade. Freud, 1926, estruturou a teoria da ansiedade como sinal, na qual as defesas eram concebidas como um processo geral de funcionamento do ego com vista a man-

¹⁷ Mecanismos de defesa é expressão usada por Ana Freud para substituir expressões várias de Freud, tais como: Técnicas defensivas usadas pelo ego; Métodos defensivos. (Steven Cooper, 1989).

ter no estado inconsciente os impulsos temidos e assim reduzir a ansiedade, o que fica bem explícito na noção do sintoma como formação de compromisso.

Para além da coloração patológica que encerra o termo sintoma, Freud, nesse mesmo escrito, avança a hipótese de que um dia se descobrirá uma relação estreita entre determinadas doenças e certas formas particulares de defesa. Assinala o recalçamento para a histeria, e à neurose obsessiva liga a formação reactiva, o isolamento e a anulação rectroactiva. Em "A propósito de alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e na Homossexualidade", a introjecção e a projecção são considerados mecanismos típicos deste géneros de doença, etc. A idéia tem sido trabalhada desde então, e hoje, as diversas constelações defensivas configuram, de facto, os quadros psicopatológicos.

Não admira, pois, que os mecanismos de defesa não tenham uma boa reputação, conhecidos que são, no geral, pelo seu lado "negativo": conflitual ou mesmo patológico. No entanto, sempre foram conhecidos também os seus aspectos positivos, a começar pela sua função equilibrante, homeostática. A atenção dada aos aspectos adaptativos, e mesmo organizantes, dos chamados mecanismos de defesa não é de ontem. Hartman, 1939, e Hartmann, Kris e Loewenstein, 1964, encaram o ego como um órgão de adaptação e acomodação que, para atingir esse fim, tem acesso ao uso das defesas, entre outras funções do ego, para lidar com as exigências do mundo externo, do mesmo modo que com as exigências pulsionais. Bibring, 1943 e Lagache em 1957,¹⁸ não

¹⁸ In Laplanche e Pontalis, Vocabulário da Psicanálise.

parecem longe desta posição embora falem da existência de mecanismos de desimpedimento (adaptativos) ao lado dos mecanismos de defesa.

Vale a pena transcrever um trecho do artigo de Van Der Leeuw, 1971, que coloca lado a lado o aspecto normal (organizador e funcional, adaptativo) e o aspecto patológico (impeditivo e desorganizante) dos mecanismos de defesa:

"...a defesa, por si mesma, não é um fenómeno patológico, estando também ligada à normalidade e à saúde, o que não diz apenas respeito à defesa como função, mas também ao mecanismo e à organização. Veremos como o mesmo mecanismo assinala a existência de neuroses, por um lado, e mostra por outro, a sua indispensabilidade para o normal funcionamento psíquico da mesma pessoa. O que quer dizer, entre outras coisas, que:

- 1. A introjecção serve de suporte à formação do ego; facilita a empatia com as outras pessoas, mas dificulta a diferenciação das personalidades.*
- 2. A projecção afina o "insight" entre as pessoas, torna o ego capaz de se amar a si mesmo e previne a destruição do ego. Mas danifica a relação com o self e dimensiona exageradamente características irrelevantes do outro.*
- 3. A identificação é uma condição necessária à aprendizagem e torna o indivíduo capaz de pieda-*

de. Mas se for muito intensa, altera a capacidade de avaliação da realidade.

- 4. A negação altera a percepção.*
- 5. O recalçamento danifica a memória.*
- 6. A formação reactiva estabiliza o ego, mas pode levar à rigidez da estrutura da personalidade.*
- 7. A sublimação enriquece o ego.*
- 8. A internalização fortalece o ego e é necessária à formação do super-ego.*
- 9. A regressão é, como regressão ao serviço do ego, necessária para o trabalho creativo".*

Nesta linha, a escola kleiniana vê o jogo projecção-introjecção na identificação projectiva como mecanismos visando estabelecer as primeiras fronteiras entre o eu e o não eu, base da organização do ego. No tocante à introjecção, por exemplo, M.Klein, 1921, seguindo o pensamento de Freud, em "Luto e Melancolia", 1917, segundo o qual alguns indivíduos incorporam objectos no seu ego, em resultado de uma experiência de sofrimento psíquico (perda do objecto amado), verificou que o fenómeno era de ocorrência mais geral e um aspecto típico da vida social e leva ao interessante resultado de uma defesa (introjecção) estimular o desenvolvimento do ego. E Abraham com o seu trabalho de 1924, "Um Estudo sobre o Desenvolvimento da Libido", faz da introjecção o conceito base da sua teoria do desenvolvimento do ego: o ego é composto de um "precipitado de relações objectais" (conf. Hinshelwood, 1991).

A perplexidade em que nos coloca esta, pelo menos aparente, con-

tradição, de o mesmo mecanismo servir simultâneamente à saúde e à doença, tem levado a tentativas de explicação. Uma das mais clássicas, que retiro de Fenichel, 1945 (pags.131-2), consiste numa classificação em:

1. Defesas bem sucedidas, que geram a cessação daquilo que se rejeita e que se poderiam agrupar todas sob a designação genérica de sublimação, "expressão que não designa nenhum mecanismo específico".
2. Defesas patogénicas, nas quais radicam as neuroses e que actuam quando dois impulsos opostos não encontrando descarga, permanecem suspensos no inconsciente com tendência a aumentar pela alimentação contínua proveniente das fontes físicas, produzem um estado de tensão com possibilidade de irrupção.

Fenichel explica em que consiste a patologia:

"Deve-se diferenciar a sublimação, das defesas que usam contra-investimentos; os impulsos sublimados descarregam-se, se bem que drenados por um canal artificial, enquanto que os outros não se descarregam. Na sublimação, cessa o impulso original pelo facto de que a respectiva energia é retirada em benefício da investimento do seu substituto. Nas outras defesas, a libido do impulso original é contida por um investimento elevado"

Elevado e, acrescentemos, permanente, duas características geralmente consideradas patologizantes.

Uma outra explicação, que assenta na idéia de que a saúde mental se baseia no uso adequado de um grande número de mecanismos de defesa, encontra-se neste excerto de Bergeret, 1976, de que apresento uma tradução livre:

"Um indivíduo nunca é doente "porque está cheio de defesas", mas porque as defesas que utiliza habitualmente se revelam ineficazes por serem demasiado rígidas, por serem mal adaptadas às realidades internas e externas, ou por serem exclusivamente de um mesmo tipo, vindo-se por isso o funcionamento mental entravado na sua flexibilidade, na sua harmonia e adaptação."

Dentro da teoria kleiniana, quadro de investigação onde foram estudadas as defesas mais primitivas e ligadas às pulsões agressivas¹⁹, encontramos também os mecanismos de defesa ao serviço da organização e do funcionamento mental saudável e como agentes de patologia. Em "Funções da Introjecção e da Projecção", 1952, Paula Heimann escreve:

"...quando consideramos os processos primitivos, não podemos efectuar uma distinção nítida entre o id e o ego, porque, em nosso entender, o ego é formado a partir das experiências com o mundo exterior. Os mais remotos contactos (introjecção e projecção) dão início a esse processo. A primeira mamada do bebé não é, pois, uma actividade do id nem uma actividade do ego: é as duas coisas, é uma actividade do ego incipiente. ... A afirmação de que o ego

¹⁹ As chamadas defesas neuróticas tratadas por Freud e por Ana Freud, decorrem sobretudo da sua relação com a pulsão libidinal.

se torna diferenciado do id através da percepção não significa apenas que desenvolve a capacidade de perceber e, por consequência, ganha consciência e noção concreta da realidade. A percepção e as suas operações componentes (atenção, registo, conservação, juízo, etc.) estão ligadas à introjecção e à projecção²⁰ e são esses processos de somar algo de novo ao eu ou de lhe subtrair algo próprio, que constituem parcela inestimável na modificação do id original em ego".

Bion, 1959 e 1962, consciente da dificuldade em separar uma e outra, refere uma identificação projectiva normal e outra anormal, a primeira servindo a empatia e a comunicação, a segunda tendo como objectivo e resultado finais, impedir isso mesmo. E retomando a expressão "identificação projectiva excessiva" que M. Klein utilizava para sublinhar a utilização patológica deste mecanismo, precisa que o termo "excessivo" deve ser entendido como não se aplicando só à frequência com que é utilizado, mas também à força da onipotência e ao grau de sadismo com que é utilizado.

²⁰ Sublinhado meu.

3) - MECANISMOS DE DEFESA NOS DESENHOS

O estudo das defesas no desenho, adquire sentido quando este é encarado dentro de uma teoria de relação de objecto tal como é apresentada na teoria kleiniana, na qual a formação de símbolos constitui, ela própria, uma estratégia defensiva, e em que a análise dos processos de simbolização é, simultâneamente, uma análise das defesas.

M. Klein, no seu trabalho analítico com crianças, ao defrontar-se com severas inibições do brincar e, portanto das fantasias, verificou que a inibição constituía uma barreira ao desenvolvimento das fantasias, barreira que se erguia como defesa contra a ansiedade que o desenrolar da actividade fantasmática levantava. Constatou também que a interpretação apropriada das ansiedades relançava o trabalho de fantasia da criança e os processos dinâmicos da sua vida mental.

Como parte dos processos dinâmicos, as defesas são vivenciadas como fantasias inconscientes relativas a aspectos do ego e/ou do objecto. Esses aspectos são enfatizados, depreciados, controlados, divididos, escotomizados, etc., com o objectivo de diminuir a ansiedade existente nos vínculos objectais e preservar o equilíbrio psíquico.

Estas fantasias traduzem-se em modos específicos de conduta relativamente aos objectos internos e externos, acreditando, assim, satisfazer as necessidades e evitar os perigos fantasiados. Por exemplo, numa fantasia em que domina o medo de que a agressividade possa desorganizar e destruir definitivamente o objecto, obriga a manter essa agressividade dentro de certos limites, para o que o sujeito tenderá a perceber só o que é bom no objecto, evitando assim tomar conhecimento dos seus sentimentos agressivos, e a valorizar exclusivamente o amor por ele, traduzindo-se, eventualmente, tal facto, na adopção de condutas externas de reconhecimento, trato delicado, amabilidade generalizada, etc. Esta necessidade interna obrigará a uma perda da espontaneidade e da liberdade para sentir. Sentir livremente exporia o sujeito ao "perigo" de sentir raiva.

Este tipo de conduta resultante de tais fantasias podem ser conceptualizados como "formação reactiva", mecanismo de que à frente se darão alguns exemplos na sua tradução gráfica.

O uso de uma defesa responde, pois, a um espectro de fantasias relativas ao vínculo objectal a que podemos dar a seguinte arrumação:²¹

-fantasias sobre o estado do ego: ego forte ou fraco; clivado ou íntegro; grau de construtividade, de bondade ou maldade.

-fantasias complementares sobre o estado do objecto: danificado, fracturado, inteiro, frágil; do seu grau de maldade ou de bondade.

-fantasias referidas ao vínculo possível: atitude de

²¹ Segue-se aqui de perto, o esquema apresentado por Piccolo, 1979.

bondade ou persecutória do objecto para com o ego.

-fantasias referidas ao tipo de resposta temida, e relativas ao modo de controlar, neutralizar, regular e preservar o ego e o objecto para evitar o reaparecimento do vínculo temido.

Evolução dos processos defensivos: Os processos defensivos têm um desenvolvimento evolutivo. Deste ponto de vista, uma primeira e ampla divisão, daria uma classificação em:

-Defesas primárias frente a ansiedades também primárias ou psicóticas, erigidas contra as actividades sustentadas pela pulsão agressiva.

-Defesas adaptadas ou mais evoluídas, as chamadas defesas neuróticas, dirigidas contra as manifestações libidinais.

Em termos mais específicos pode considerar-se a seguinte sequência evolutiva:

-Mecanismos esquizóides, onde se agrupam: a clivagem, a negação, a idealização e o controle onipotente.

-Mecanismos maníacos e obsessivos, correspondentes à entrada na etapa depressiva, onde incluiríamos: o controle obsessivo, o triunfo sobre o objecto, o desprezo pelo objecto, o isolamento, a anulação e a formação reactiva.

-Mecanismos neuróticos, os mais classicamente conhecidos, cujas designações são: o deslocamento, o recalca-mento, a regressão e a sublimação.

Mantendo o respeito pela sequência, e para dar à identificação projectiva o necessário relevo, dá-nos mais jeito, na prática, uma classificação como a que se segue:

- A -Identificação Projectiva.
- B -Mecanismos Esquizóides.
- C -Defesas Maníacas.
- D -Técnicas de Controle Obsessivo.
- E -Defesas Neuróticas.

Arbitrária como qualquer classificação, permite-nos incluir a identificação projectiva como primeiro organizador dos espaços psíquicos: o dentro e o fora; o eu e o outro; como instrumento de conhecimento; e técnica de relação. Deste último aspecto nos ocuparemos um pouco mais extensamente na última parte do nosso trabalho.

Arbitrária ainda a inclusão da regressão nos mais evoluídos mecanismos. Justifica-se, no entanto, pois pressupondo o voltar para trás, um caminho andado, não parece desajustada a sua inclusão no topo. A dificuldade em situá-la torna-a, aliás, parceira da sublimação cuja polémica sobre a legitimidade da sua classificação como mecanismo de defesa, é conhecida.

A) -IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA.

Introdução ao conceito

A identificação projectiva é o mecanismo pelo qual o ego deposita por projecção, um vínculo (um aspecto do ego ligado a um objecto com uma fantasia especial: agressiva, amorosa, etc.) num objecto, o qual passa a ter as mesmas características do vínculo projectado: objecto agressivo, amoroso, etc.

O objecto para o qual se faz a projecção pode ser um objecto interno, que é, então, marcado pelas características que o ego, por projecção, lhe atribui. (neste caso falamos de identificação projectiva no objecto interno). Se a identificação projectiva se faz num objecto externo, o ego amplia o seu âmbito geográfico, pois uma parte sua passa a fazer parte do objecto externo na fantasia. Como consequência, tanto pode acontecer que o objecto seja percebido com as características da parte projectada do ego, como pode o ego identificar-se com o objecto.

A identificação projectiva, tanto pode ser um mecanismo normal como patológico. Em condições normais favorece a relação empática de comunicação e entendimento com o objecto, por duas razões:

- porque através da identificação projectiva o sujeito pode pôr-se no lugar do outro.
- porque pode conseguir que o outro se ponha no seu lugar: a maneira de falar, os gestos, o

tom de voz, produzem no outro ressonâncias afectivas de irritação, simpatia, aproximação ou rejeição derivadas dos aspectos que o objecto deposita nele.

A qualidade normal do funcionamento da identificação projectiva, depende não só de como funcionaram as identificações projectivas do sujeito nas primeiras relações objectais, mas também de como se fizeram as identificações projectivas dos seus primeiros objectos (os pais) e que repercussão produziram nele.

Os índices de patologia ou adaptação do mecanismo de identificação projectiva, são dados pelos factores que a seguir se descrevem, sendo certo que é sempre um critério seguro de patologia o carácter intensamente agressivo, raivoso ou invejoso da identificação projectiva.

Factor quantitativo: predomínio das identificações projectivas com características evacuativas, ou, ao contrário, a sua utilização ao nível mais organizado dos mecanismos obsessivos, que permitem manter o controle das partes clivadas e projectadas.²²

²² Este factor justifica que tratemos em separado, para o estudo dos desenhos, a identificação projectiva maciça (com a sua clivagem peculiar entre o dentro e o fora impossibilitando a organização de símbolos que permitam a realização de uma produção gráfica) e a identificação projectiva subjacente aos mecanismos utilizados em organizações posteriores onde ego e objecto existem com um mínimo de autonomia e, portanto com representações internas susceptíveis de serem "projectadas" sobre uma folha de papel. Caso dos mecanismos obsessivos sem dúvida, mas também, embora em menor grau de integração do ego, da posição esquizo-paranóide.

Factor qualitativo: a qualidade da fantasia ou parte do ego projectada, isto é, a natureza benigna ou maligna da parte projectada do "self" e da fantasia que se deposita no objecto.

Finalidade: para se livrar dos aspectos maus do objecto interno; para resguardar os aspectos bons; para reparar o objecto, etc.

Explicitemos um pouco, diferenciando a função dominante do mecanismo, as suas modalidades e as diversas finalidades:

Função dominante do mecanismo: O mecanismo da identificação projectiva, na medida em que implica pôr para fora aspectos do ego, corresponde a uma função anal expulsiva ainda quando a finalidade é incorporativa. Referindo-se a isto, P. Heimann, diz:

"Embora possa haver formas orais de rejeição, como o cuspir e o expelir, os impulsos orais são sempre de tipo receptivo, incorporativos. Portanto, tudo o que se deseja dissociar, projectar e pôr para fora dos limites do ego, corresponde a uma função anal-expulsiva".

Quando o depósito de um aspecto próprio num objecto externo se dá num contexto oral incorporativo, a sua finalidade é incorporar o objecto externo ao próprio ego (na medida em que apaga a diferença (ego-objecto)). A finalidade é incorporativa, mas o mecanismo (depositar) é anal-expulsivo.

Modalidades da identificação projectiva: os conteúdos das identificações projectivas (orais, uretrais, genitais) conferem, às relações objectais, modalidades específicas. Os conteúdos que são evacuados através de uma função anal-expulsiva, podem corresponder a diferentes níveis da evolução libidinal: fantasias incorporativas, anal-sádicas, fálicas, genitais: pode-se projectar um seio que devore ou que morda, que envenene, etc. A predominância de qualquer uma destas fantasias contidas na identificação projectiva, condicionará as modalidades (esquizóides, melancólica, fóbicas, etc.) dos vínculos com os objectos. Por exemplo: através da identificação projectiva o ego projecta-se no objecto para comer, chupar ou devorar, no nível oral; queimar com urina no uretral, destruir com excrementos ou gases no anal, etc.

Finalidade da identificação projectiva. A finalidade para a qual o mecanismo é utilizado varia na identificação projectiva normal e patológica e de um indivíduo para outro dentro do mesmo grau de patologia. Segue-se uma pequena lista de finalidades e consequências do mecanismo, inspirada nas que organizaram Rosenfeld, 1983 e Betty Joseph, 1987:

- a) -livrar-se de partes do self indesejáveis por causar ansiedade ou dor, expulsando, com isso, a tensão gerada;
- b) -livrar-se de partes más e proteger com isso o bom objecto interno da contaminação das partes más;
- c) -Depositar o self ou partes do self, no objecto, para manter o controle e conse-

guir a união com ele e, assim, evitar o sentimento de separação pela fantasia de se "meter" dentro do objecto;

- d)- manter a salvo uma parte boa por descrença nas próprias capacidades para preservá-la;
- e)- ser uma forma de reparação primária do objecto.
- f)- Meter-se dentro do objecto para roubá-lo, feri-lo ou destruí-lo;
- g)- Colocar partes do self nos objectos com o fim de os conhecer, identificar-se com eles (base da empatia), e comunicar.

As consequências do uso deste mecanismo são várias e de vulto para o funcionamento mais ou menos integrado do indivíduo. Assim, por exemplo, se o seu uso pode evitar a consciência da separação, da dependência, da admiração pelo objecto e do concomitante sentimento de perda, de ansiedade, inveja, etc., pode mergulhar o indivíduo em ansiedades persecutórias, claustrofobias, pânico, sentimentos de confusão, de fragmentação, intensos medos de retaliação, etc.

Ao contrário, o uso normal do mecanismo (e entende-se aqui por normal a sua utilização sem um excessivo fundo de raiva e inveja) suporta a precoce organização do ego, torna possível a relação com os objectos totais, facilita a empatia (pôr-se no lugar do outro por colocação nele de algo de si próprio), a comunicação interna e interpessoal.

Ao longo da evolução do indivíduo as identificações projectivas sofrem uma gradual modificação na intensidade e na qualidade. No início da etapa esquizo-paranóide, a incipiente integração do ego permite à identificação projectiva uma acção de distorção em relação ao objecto tendo como resultado que as qualidades ou partes do ego projectadas, são vivenciadas como pertencentes ao depositário. A sua principal finalidade é incorporar o objecto externo: quando um bebé projecta um aspecto seu (a boca, por exemplo) dentro do seio da mãe, não é somente para se livrar desse aspecto, mas sim para recuperar a união pré-natal, mediante um duplo processo de união: o seio da mãe dentro do bebé e o bebé, ou uma parte sua, dentro do seio da mãe.

Se houver uma adequada relação continente da mãe, diminui a ansiedade persecutória resultante do carácter ávido, ou de algum modo agressivo, do projectado, e aumenta a capacidade integrativa do ego.²³

Com a entrada na situação depressiva, entram em funcionamento mecanismos de controle das projecções que vão permitir a diferenciação entre o mundo externo e o mundo interno e, assim, fortalecer a distinção entre o ego e o objecto. Na etapa depressiva a identificação projectiva, tem por fim obter a empatia com o objecto, desenvolvendo, consequentemente, as funções da comunicação e conhecimento do outro, e a reparação do objecto que a criança crê danificado pelas fantasias agressivas da etapa precedente. A identificação projectiva adquire agora um valor fundamental no processo de simbolização.

²³ Veremos num exemplo da parte final deste trabalho, de como tal pode acontecer mesmo dentro de um quadro de observação psicológica com suporte na produção gráfica.

Ainda do ponto de vista evolutivo, é no estadio de desenvolvimento que Paula Heimann denomina perverso-polimorfa, período situado entre o oral e anal expulsivo, que a identificação projectiva funciona com particular violência. Nesse período o bebé experimenta as excitações de todas as zonas do corpo de forma desintegrada e deseja, com vigor, a sua imediata satisfação. As fantasias desencadeadas pela excitação das diferentes zonas do corpo criam grande confusão, a qual, somada a um incremento do sadismo, intensifica as qualidades agressivas das identificações. Afirma Heimann:

"A tendência anal-expulsiva, como reacção defensiva, alivia o ego da confusão ao permitir-lhe evacuar os objectos perseguidores internalizados, os conflitos e as tensões equiparadas com excrementos".

As identificações patológicas, pela quantidade de sadismo e pelo conteúdo que veiculam, correspondem a fixações ou regressões a etapas mais primitivas do desenvolvimento que tiveram já, elas próprias, características patológicas. Nas identificações projectivas, que M. Klein descreve como típicas da posição esquizo-paranóide, as partes projectadas não sofrem alteração de maior e seguem certas linhas demarcantes. Mas quando o excesso de sadismo, de inveja, ou ainda, as falhas da função continente do objecto externo, alteram o processo, a tensão torna-se esmagadora para o bebé e a identificação projectiva ganha características maciças e muito violentas, tendo, como consequência, a desintegração do objecto (clivagem) e do ego.

Normalidade e patologia da identificação projectiva.

- Identificação projectiva psicótica. Existe uma forma de identificação projectiva característica das situações patológicas, onde a intensidade da inveja, da hostilidade e da angústia domina o quadro: os aspectos do ego dissociados e fragmentados são projectados no objecto, desintegrando-o também em pequeníssimas parcelas. A realidade externa, é então percebida de forma violentamente persecutória, gerando um também violento ódio contra ela assim como contra a realidade interna. O ego fragmenta-se para tentar ver-se livre da uma percepção angustiante e, ao mesmo tempo, o aparelho perceptivo é atacado e destruído. Os múltiplos fragmentos a que o objecto fica reduzido, são chamados "objectos bizarros", os quais, violentamente expulsos pela identificação projectiva patológica, povoam o espaço externo de objectos maus e criam uma realidade que se torna cada vez mais dolorosa e persecutória: frente a ela, o ego reage com vivências de vazio, de despersonalização, etc. Esta é a identificação projectiva com características psicóticas.

- Identificação projectiva indutora. A identificação projectiva própria da psicopatia, é denominada identificação projectiva indutora, que se caracteriza por ser violenta, excessiva e ter como característica básica, por parte do ego: - "*uma manipulação súbita e brusca, que tende a paralisar e a anular a capacidade de discriminação do objecto externo*". (Piccolo, 1979).

Procura também depositar partes más (fantasias correspondentes a qualquer nível libidinal) no objecto externo, mas, diferentemente da identificação projectiva psicótica, o ego mantém o controle do projectado para evitar a reintrojecção e para induzir o objecto a assumir activamente as características projectadas. A intensidade e o sadismo correspondem a uma intensificação do "período perverso-polimorfo".

Identificação projectiva normal. Nesta, o ego mantém o controle daquilo que foi depositado no objecto a fim de manter os limites da identidade e distinguir-se do objecto e não já para evitar a reintrojecção do projectado, como na identificação projectiva indutora, e muito menos, como na psicótica, para se livrar da realidade interna.

Nos desenhos

Clivagem e identificação projectiva maciça nos desenhos: Os mecanismos de clivagem, tão inevitavelmente unidos aos mecanismos da identificação projectiva que constituem a sua base, têm como consequência:

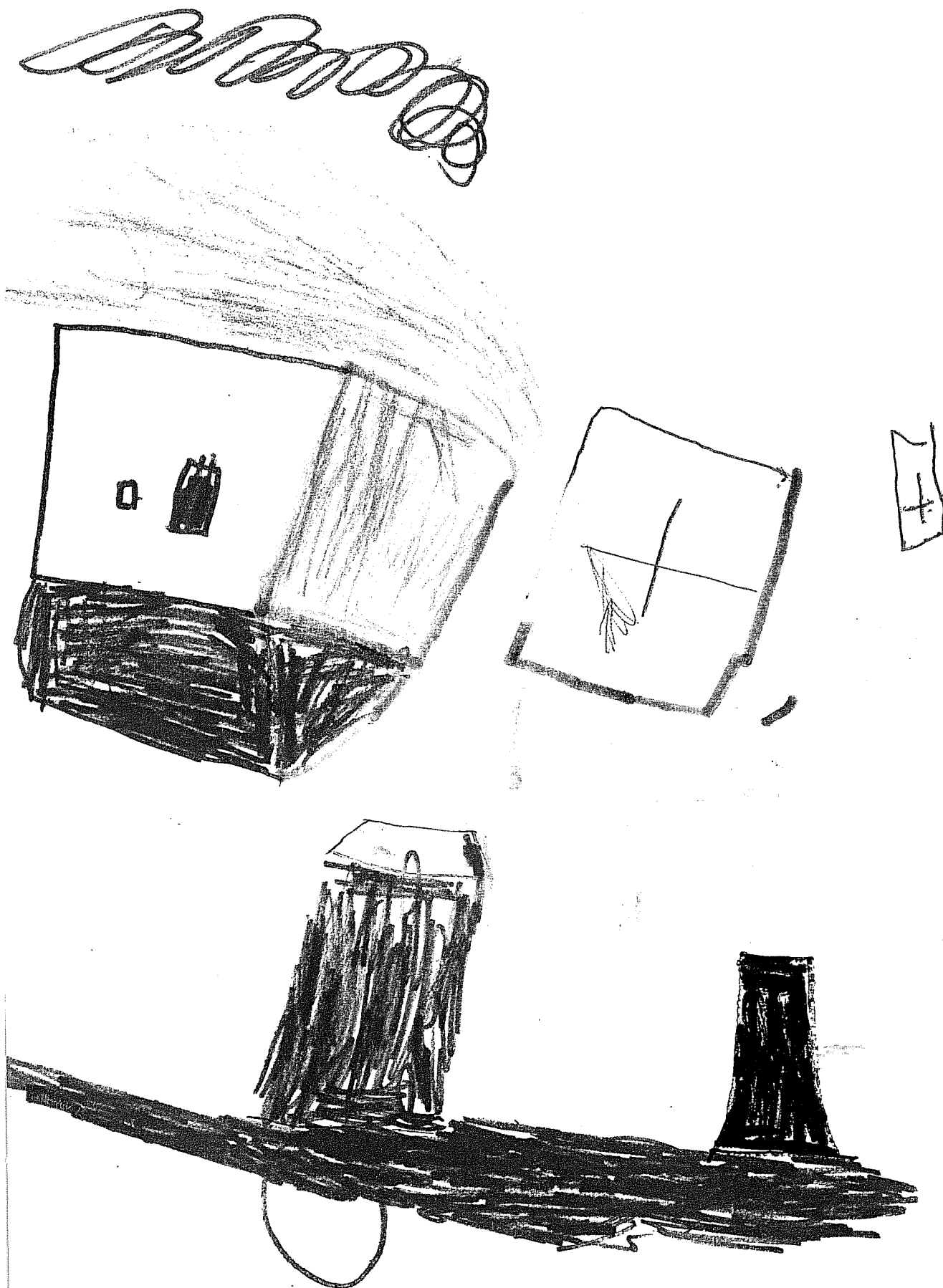
- desorganização do ego e do objecto,
- vivências de esvaziamento.
- vivências de despersonalização,

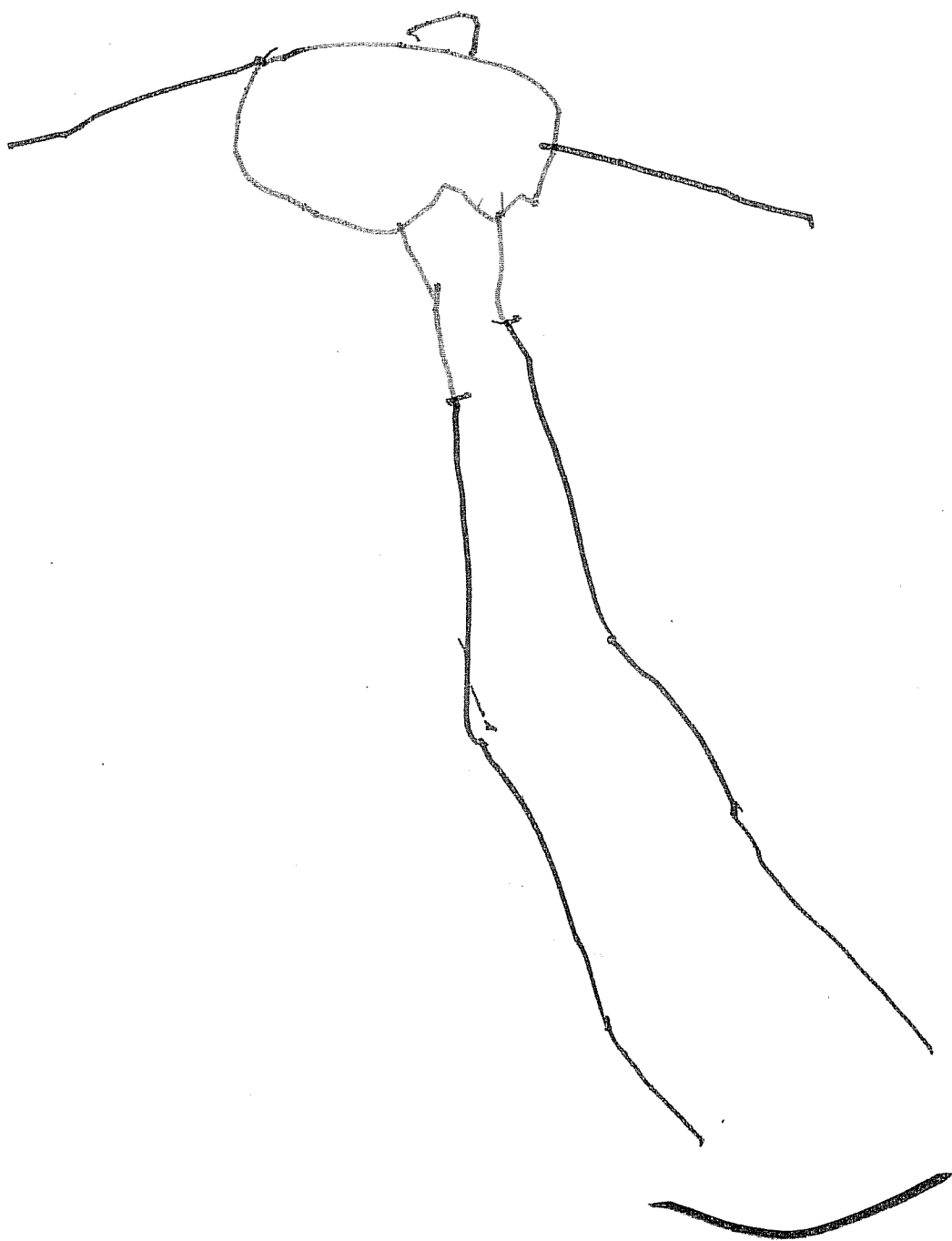
o que, no desenho, se manifestam por:²⁴

- 1) -fracasso na organização gestáltica: falta de organização, coerência e movimento harmónico. (Des. 1 e 2).
- 2)- Ataque às funções adaptativas: as características anteriores mais alterações lógicas:
 - noção de perspectiva (na frente e atrás, na frente e perfil)- noção do tamanho adequado: Relação entre as partes do objecto em si; noção de volume: Desenhos 3 e 4
- 3)- A folha em branco, representante do mundo externo, é tratada como depositária de objectos fragmentados, confusos e persecutórios (expressão dos processos evacuativos). Exemplos no desenho livre: desenhos 5,6,7, e 8: onde se vêem objectos sem conexão entre si; objectos sujos ou fragmentados; objectos isolados; objectos vazios de conteúdo.
- 4)- Não há boa delimitação entre o que é interno e o que é externo. Os limites do desenho são:
 - vagos, de traços com zonas abertas (expressão de indiferenciação): des. 9 e 10, ou,
 - excessivamente rápidos e exacerbados, quando predominam mecanismos de controle obsessivo: caso dos desenhos 5 e 6)

²⁴ De novo seguimos de perto a sistematização de Piccolo, 1979.

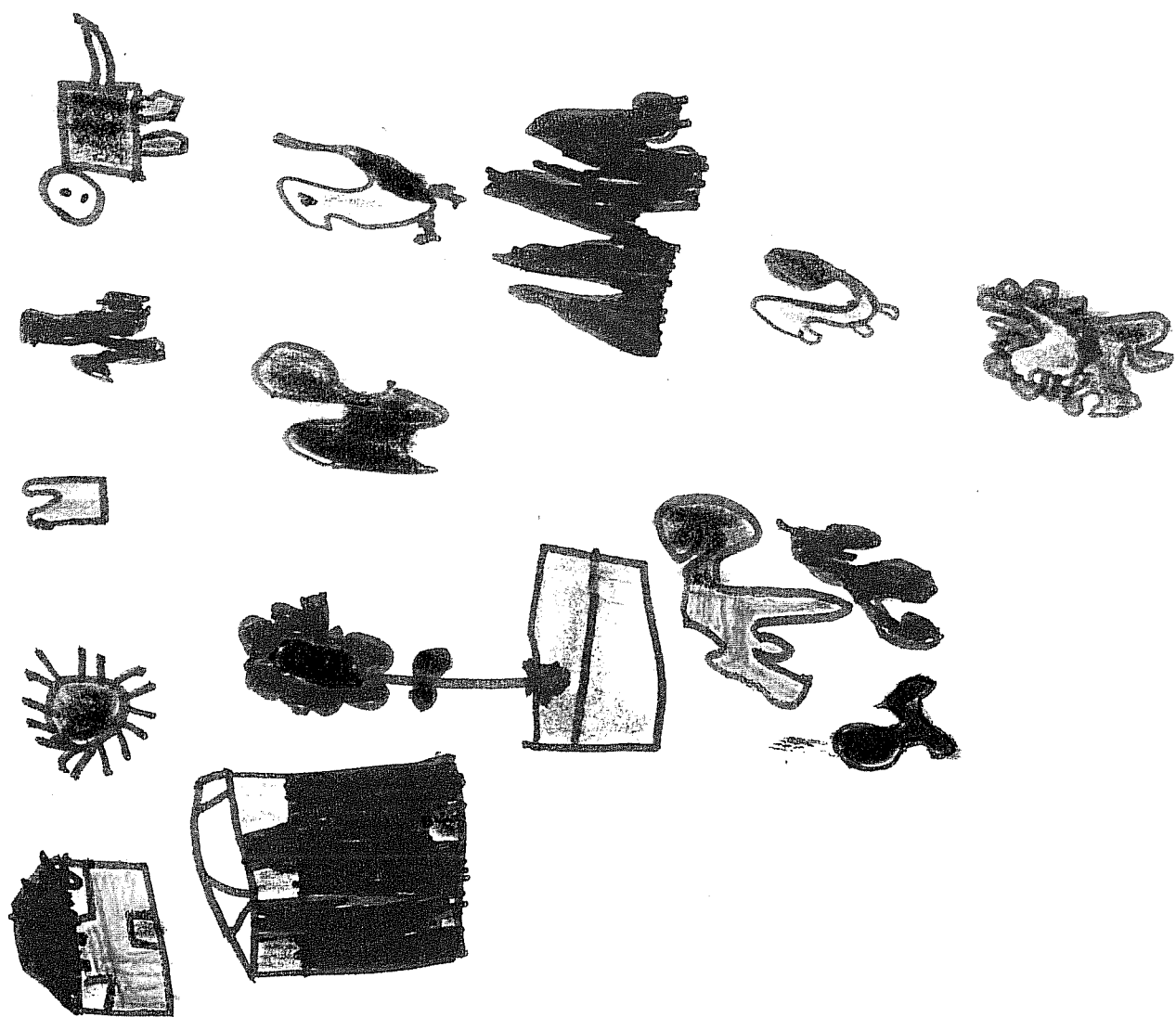


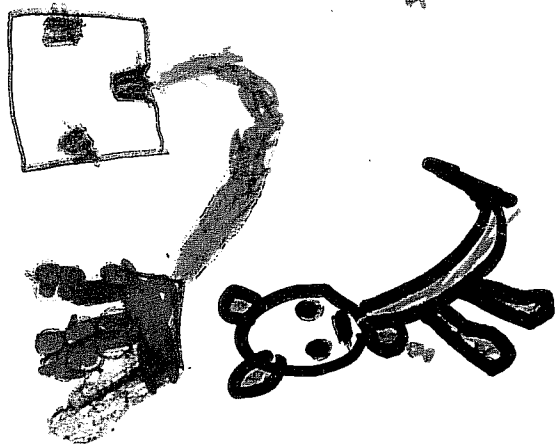
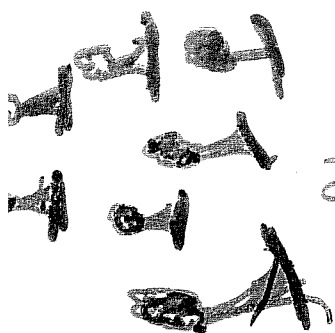
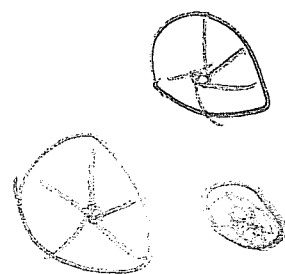
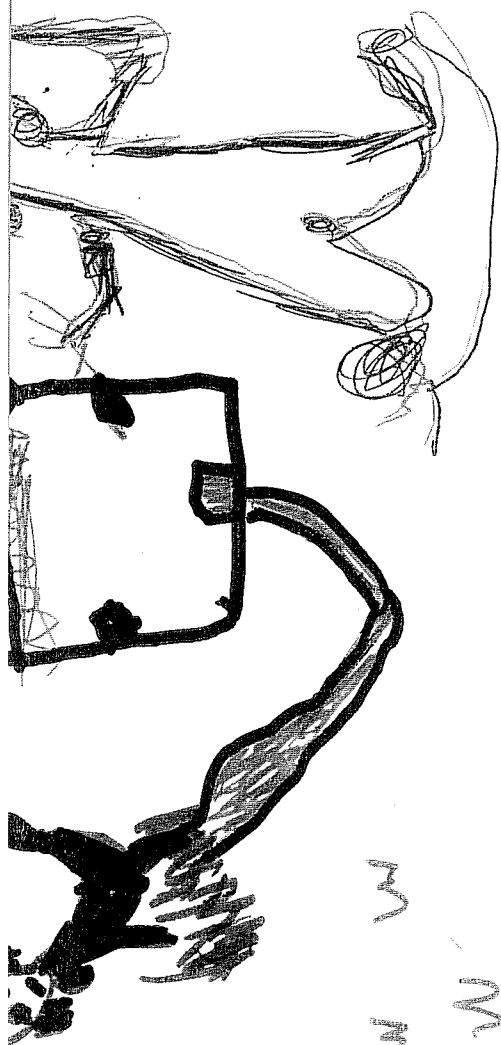


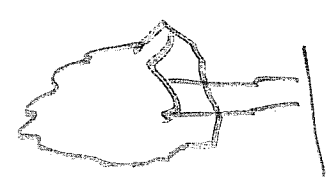
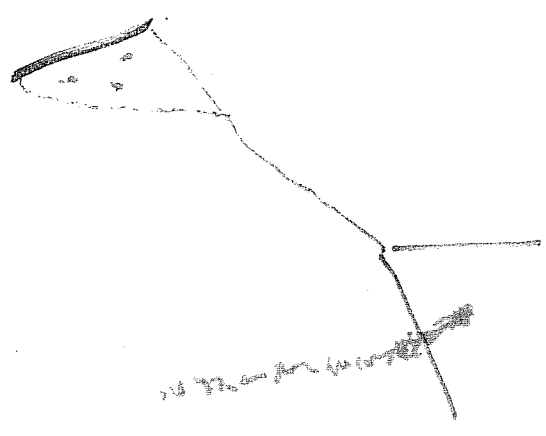
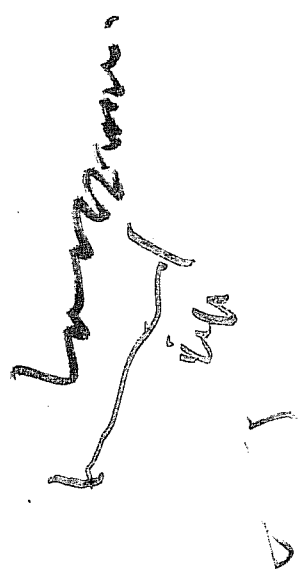












Handwritten text, possibly a signature or name, written in a cursive style. It appears to be "M. J. ...".

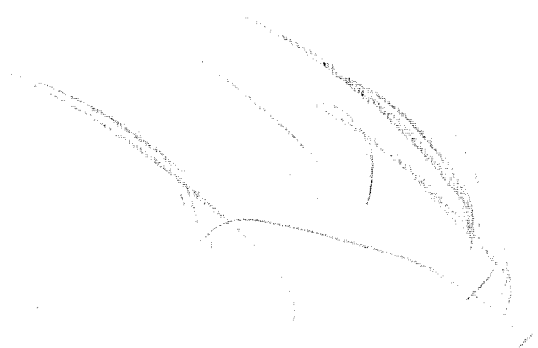
Handwritten text, possibly a signature or name, written in a cursive style. It appears to be "A. C. ...".

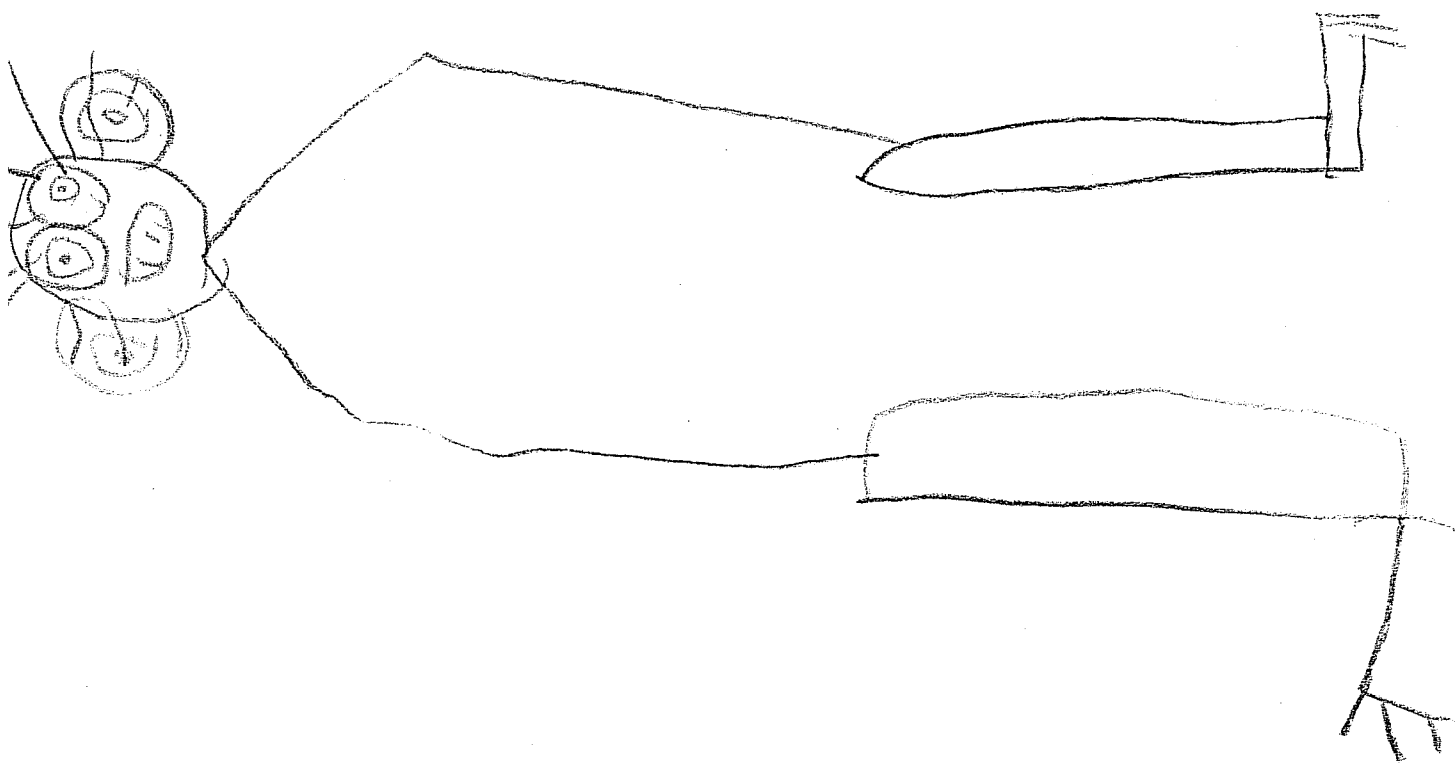


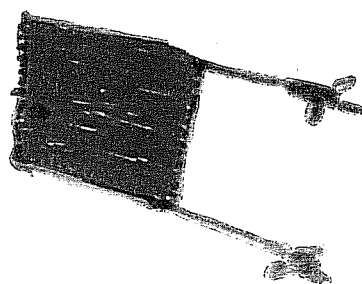
5)- As figuras humanas (a casa ou a árvore) aparecem fragmentadas, em ruínas, sem relação entre as suas partes. -No des. 14 as partes inferior e superior são feitas separadamente. A solução de contininuidade é encontrada nos riscos verticais que a unem. A figura humana apresenta aspecto desumanizado com bizarrias: des. 3, 4, 5,9,11,12 e 13.

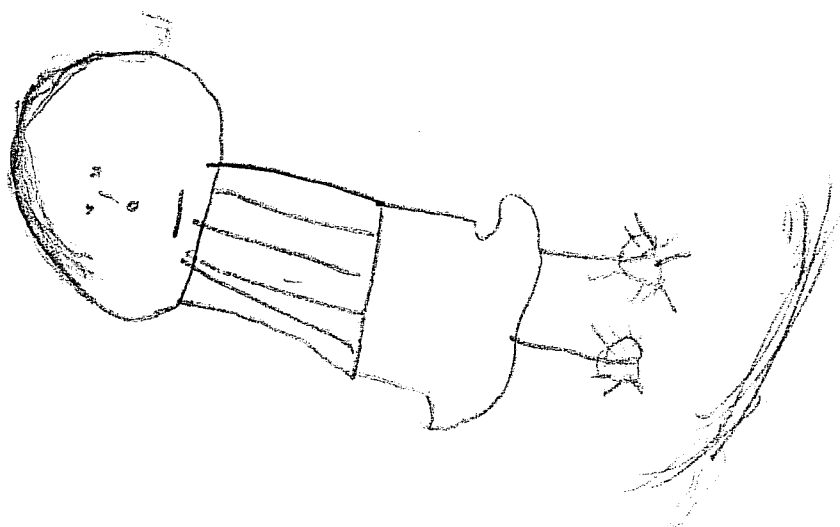
O desenho é, na generalidade: vazio; despessoalizado; sinistro; persecutório; grotesco; e apresenta graves alterações na relação entre as partes; posicionamento de frente e perfil; alterações do limite; tamanho exagerado; projecção de traços estranhos.

No desenho 6, feito por uma menina de 7 anos, podemos ver, de um ponto de vista formal, que parece não haver uma intenção de comunicar uma vez que os objectos não têm relação entre si:são objectos internos sem vínculo entre si e são expulsos com a finalidade de livrar-se deles. Também não existe organização gestáltica, pois não está integrado por uma idéia directriz. Formado por diferentes categorias de objectos sem relação visível entre si. Acontece, por vezes, que a falta de sentido de uma produção gráfica é lacuna preenchida pela verbalização. Neste caso. e apesar de dar nomes a alguns dos objectos, a dificuldade em contar uma história ou de associar idéias a partir dos objectos nomeados, manifestam a dificuldade de simbolização associada ao processos de identificação projectiva maciça.









B)- MECANISMOS ESQUIZÓIDES.

A clivagem , que tem por finalidade defender de temores intensos de aniquilamento e morte, é o processo fundamental neste capítulo, mas aqui é subsidiário da idealização, da negação e do controle onnipotente, constituindo com estes uma configuração inseparável. A clivagem supõe:

- a idealização, tanto da bondade como da periculosidade dos objectos.
- a negação onnipotente, das características persecutórias do objecto idealizado e da impotência.
- Controle onnipotente (do objecto idealizado, aliado ao ego) do objecto persecutório.

Vamos descrevê-los brevemente e em separado, tentando não perder de vista as suas interligações.

I)-A clivagem é o processo pelo qual o ego e um objecto único, são divididos, fantasmaticamente, em dois. A divisão do objecto é estabelecida em função das características idealizadas e persecutórias, e em correspondência com uma concomitante divisão do ego, estruturando-se, portanto, dois vínculos simultâneos: um vínculo entre um ego agressivo e um objecto idealizadamente persecutório; e outro entre um ego cheio de amor e um objecto idealizadamente bom. Esta divisão do objecto e do ego corresponde a um mecanismo primá-

rio que implica, contudo, um certo grau de organização da realidade caótica do começo da vida, já que permite afastar e separar dois tipos de experiência que se sucedem de forma alternada:

- experiências de união, protecção e satisfação.
- experiências de abandono, dor e separação.

A clivagem corresponde, de início, a uma simples divisão do objecto e do ego, sendo que um dos pares dissociados é alternadamente desconhecido, ignorado, isolado pelo ego. As clivagens primárias dão como resultado os objectos parciais: -seio-pénis; ideal-perseguição.

Durante a evolução normal e na medida em que diminui a ansiedade persecutória (graças a uma mãe continente), a clivagem assume características menos rígidas quanto ao grau de distância entre o idealizado e o persecutório, aproximando-se paulatinamente de uma divisão entre o bom e o mau, favorecendo a síntese depressiva e, portanto, a integração de todas as partes do ego e do objecto.

Patologia: Na medida em que a clivagem é a base dos mecanismos defensivos posteriores, estará sempre presente, com maior ou menor intensidade, em toda a produção gráfica (e não só, mas é desta que tratamos aqui).

Interessa, pois, verificar:

- qual o grau de patologia, através do grau de distância entre o idealizado e o persecutório.
- quais são os aspectos do ego e do objecto que são mantidos separados.

No desenho, apontam-se, como principal característica, os traços formais delimitados, rígidos e duros.

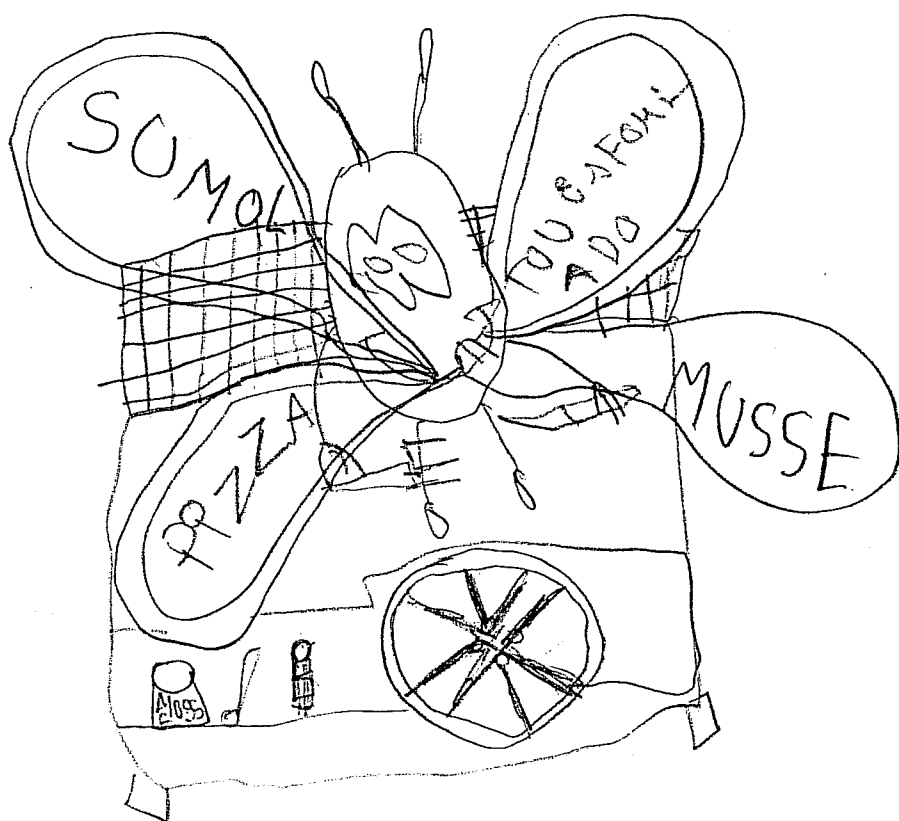
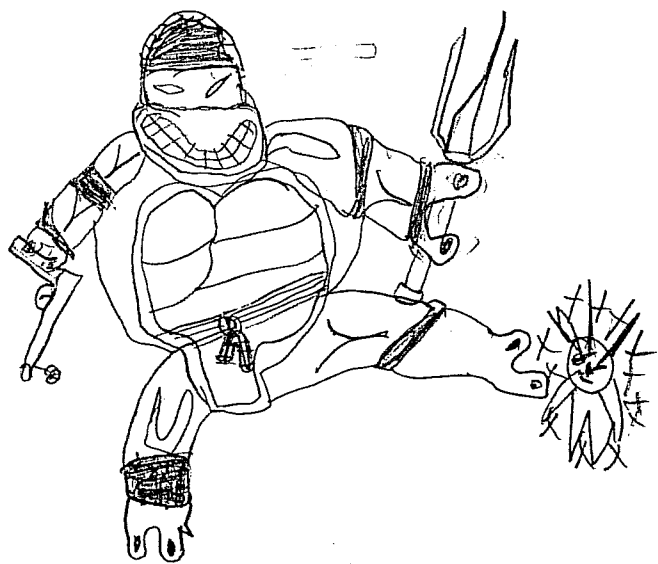
- 1)- Os personagens humanos são revestidos com caracteres extra-humanos de poder, geralmente físico, às vezes mental. (des.15).

-idealmente bom: Deus, fada, super-homem. No desenho 16 o super-homem vai tirar alguém injustamente preso numa cadeia de estilo caixa forte, a avaliar pela grades e portas reforçadas

-idealmente mau (persecutório):diabo, bruxa: "bruxa má" do des. 17.

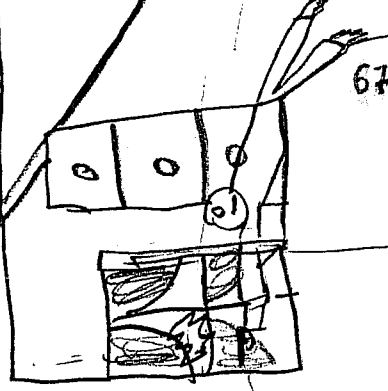
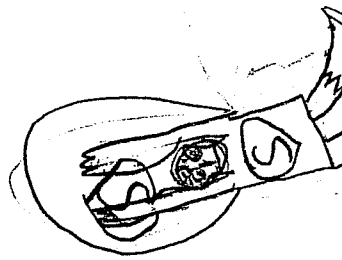
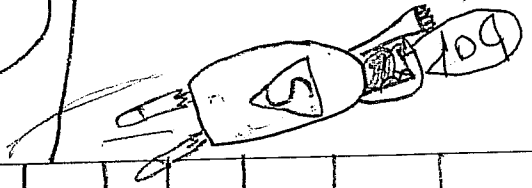
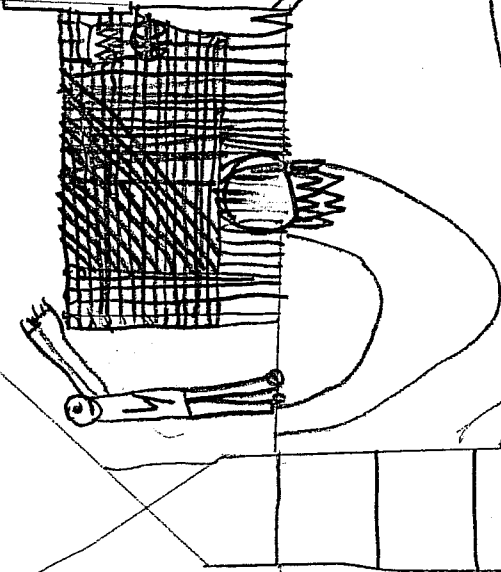
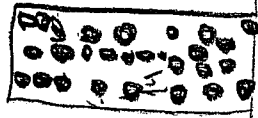
o desenho mostrará:

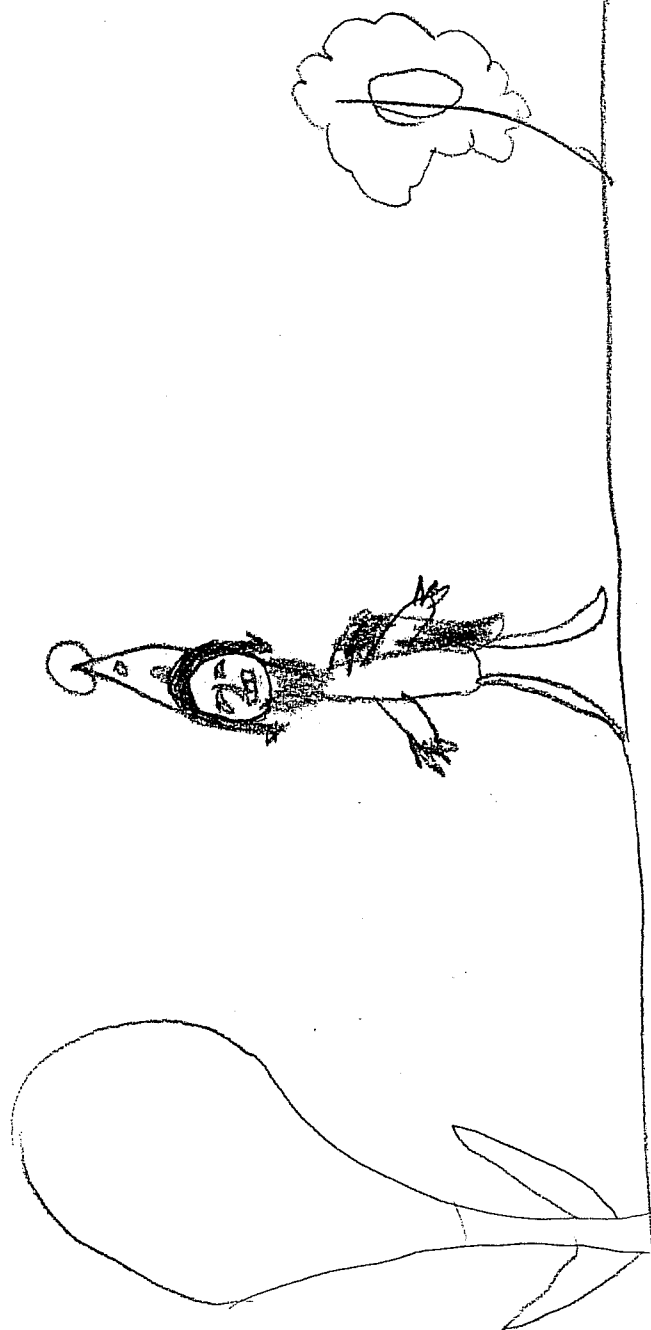
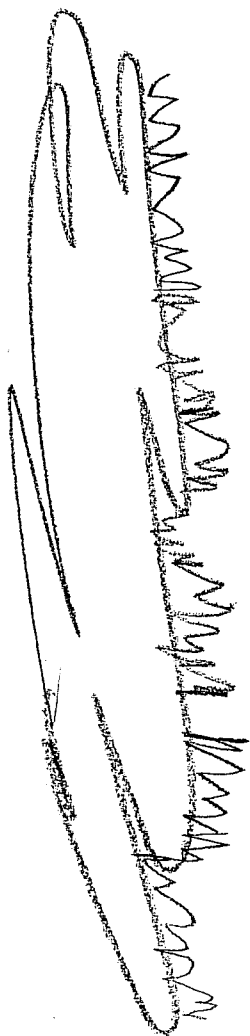
- um dos aspectos dissociados: o idealmente bom ou o idealmente mau.
- ambos os aspectos vinculares dissociados numa mesma produção gráfica: des. 18 no qual uma figura agressiva e má com "venenos" dentro das bolsas, contrasta com a cândida figura da "menina a tratar das flores"; ou do des. 19, em que uma figura protectora tenta esconder ("ch ch ch") o bom objecto da parte destrutiva. Aliás sem sucesso absoluto, visto que o objecto é ainda beliscado por um ténue raio.
- podem manifestar-se ambos os aspectos dissociados do ego: um aspecto impotente e paralisado e um aspecto impulsivo-agressivo.
- O vínculo desejado com o objecto idealizado: Batman, Robin dos bosques: Super-homem do des.16.

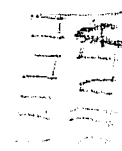
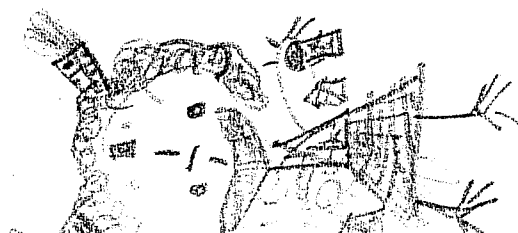
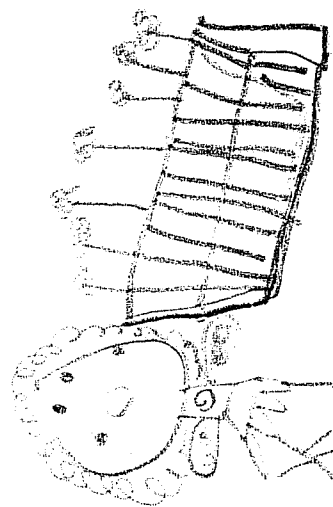
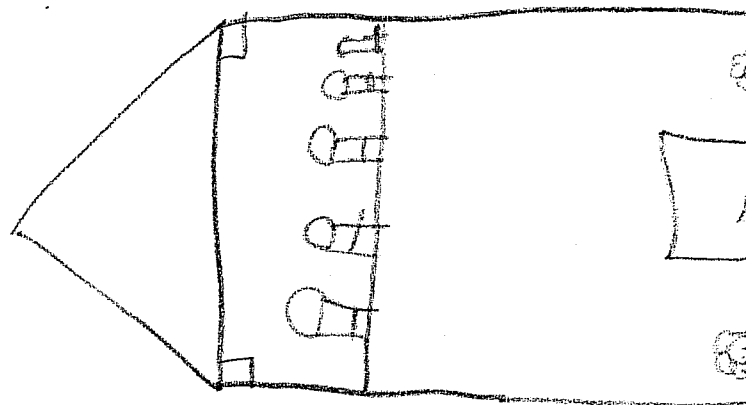


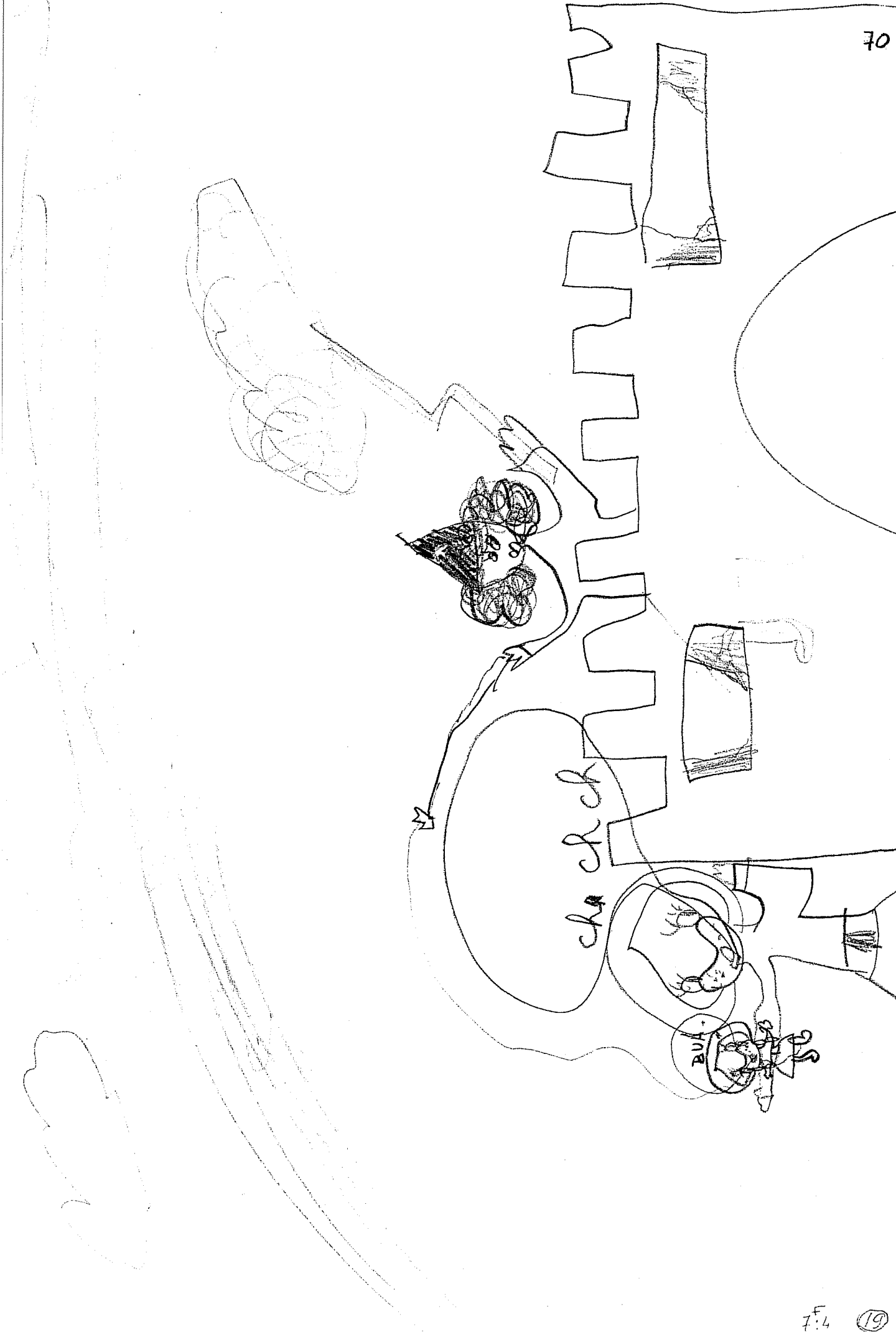
PRISAO

POLICE









2)- Nos personagens humanos estaria enfatizado não só o poder, como também a capacidade defensiva frente a possíveis ataques do mundo exterior: personagens blindados com formas humanas, não sensíveis e invulneráveis: Tartaruga ninja do desenho 15; e o homem de lata dos desenhos 20 e 21.²⁵

Estas características manifestam-se também no desenho das casas como fortalezas e castelos: des. 22 e 23.

Quando a clivagem faz parte da defesa maníaca, costuma manter o mesmo grau de rigidez ou de distância, mas os pares de objectos dissociados variam.

A dissociação é estabelecida entre o objecto idealizado (com características de objecto inteiro, rico em conteúdos não agressivos, unido ao ego idealizado) e o objecto depreciado (despedaçado, empobrecido, destruído, unido ao ego agressivo).

A idealização ou valorização dos aspectos ou funções do ego e do objecto e a depreciação de outros, tornam-se claros em:

²⁵ Vale a pena transcrever a descrição verbal do seu autor:

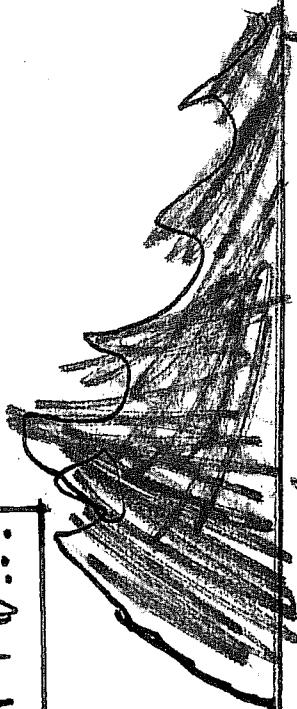
"A aranha agora caiu sobre a Terra e explodiu. Ah!... mas entretanto tinham inventado o homem de lata para combater a aranha. Mas o homem de lata tinha medo porque tinha coração e cérebro. Por isso mesmo, na cabina de comando do homem de lata, o astrónomo não conseguia comandar nada e a aranha mesmo atacada por um canhão, prosseguia a sua acção devastadora".

..."apesar da devastação da aranha, o sábio sobreviveu e construiu outro homem de lata que ficaria no mundo quando ele morresse, o que aconteceu. Mas o boneco tinha um cérebro para pensar e não se atrapalhou..."

Pela eliminação do coração nesta segunda edição do "homem de lata", fica-se a salvo do medo.

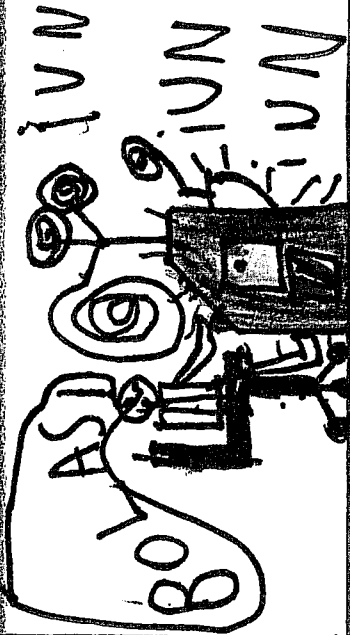
IN 3

NTRE + ANTO...



E A ISTA O R E S O L T A D O . . .

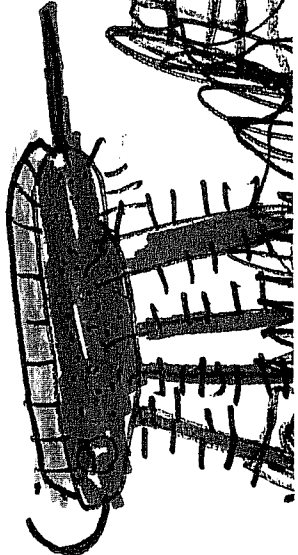
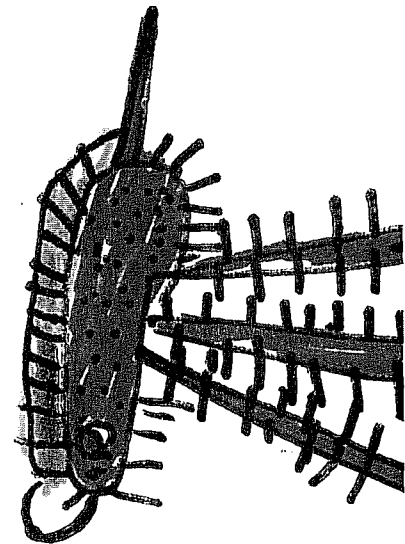
EN A C A B I N E
D E C O M A N D O
D O H O M E D E
L A T A . . .



E F I B O S U
R E S T A !



E A A R A N H A ?



N-T

MENTODOS
MORENAN!

QUE
FAZER

EFICAZMENTE MAS PARA ELE
TINHA CHEGADO

O FIM ESTA VAZELHA
O CANSADO.

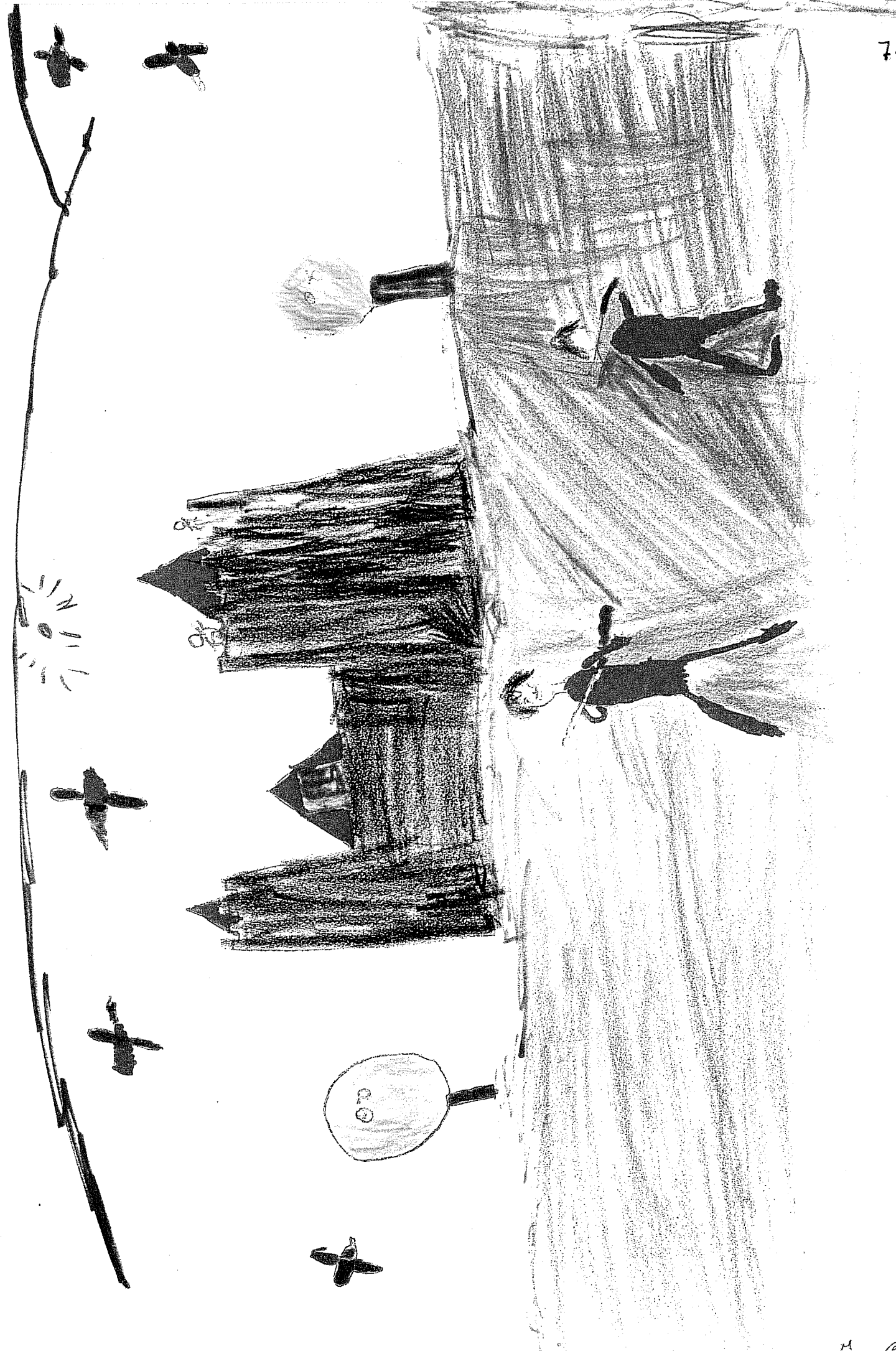
TINHA UN CAPO
PARA PENSAS
EM ATRAPALHA

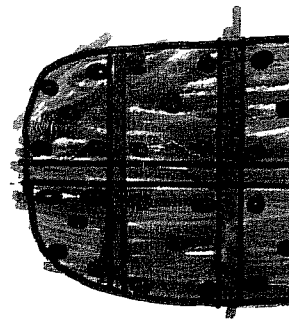
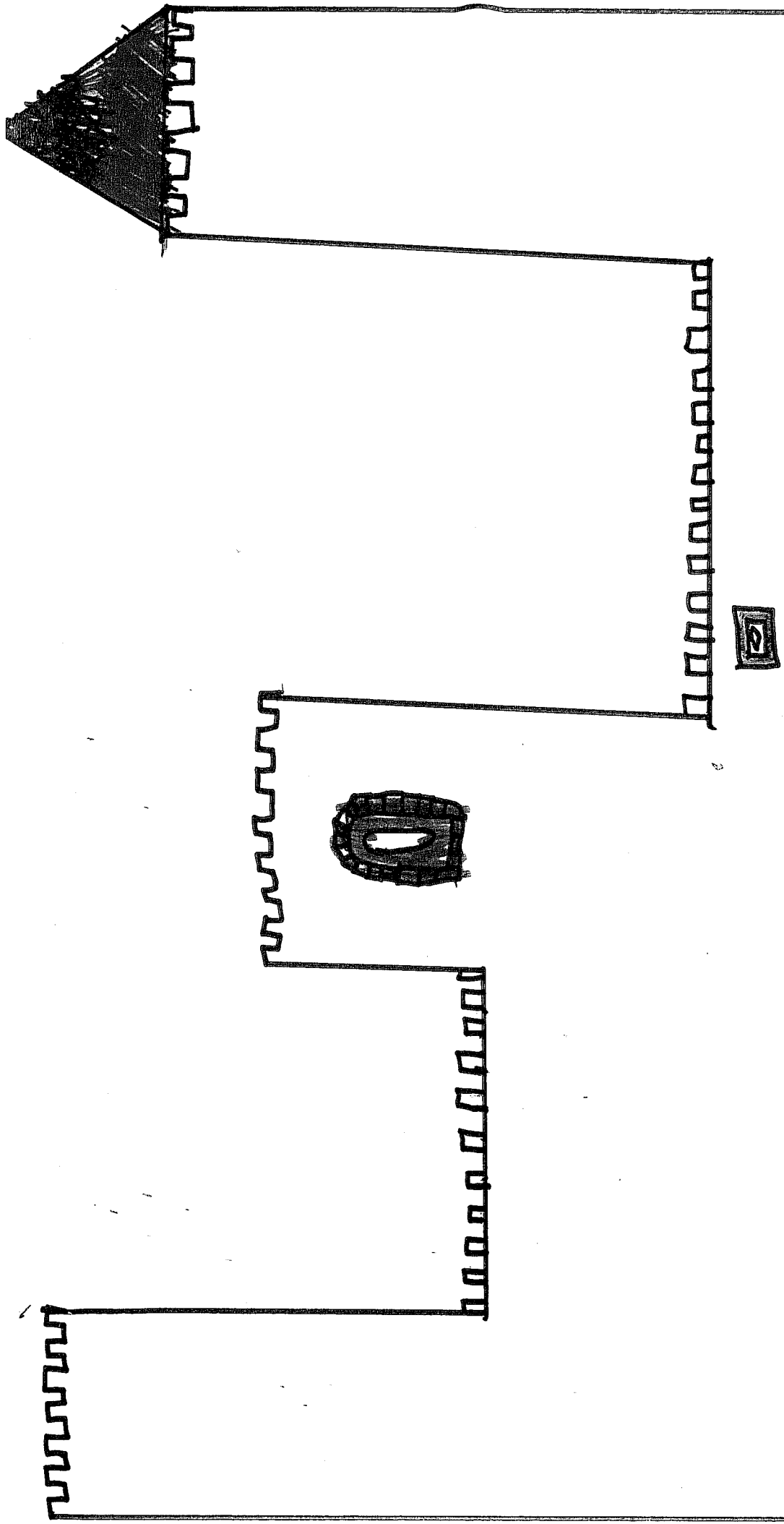
MAU FIN DE MUITAS HORAS

COMO JUVINOS.

E COM VIDAVIEN

PRASEN PRECANDAS
AS LOZES, AS OBRADIAS
AS PLACAS DE FERRO
SE FERRAGAN ELES
FAZENDO A BOMBA





- 1)- Tratamento evidente de certas zonas corporais numa mesma figura (maior ênfase nalgumas em detrimento de outras)
- 2)- Objectos que simbolizam, cada um deles, uma característica ou função pessoal (por ex: o moral e corporal, o agressivo e o bom, mente-corpo, afecto-sexo).

II)- A Idealização. O mecanismo de idealização está inevitavelmente unido ao mecanismo de clivagem e defende, inicialmente, de ansiedades persecutórias. A crescente idealização do objecto bom tem por finalidade afastá-lo do objecto persecutório e torná-lo invulnerável. Tal mecanismo anda a par da negação onipotente: as características indesejáveis do objecto são negadas, enquanto é, simultaneamente, recoberto de bondade, amor, invulnerabilidade, poderes mágicos, poder onipotente de protecção, etc.

A intensidade da idealização está directamente relacionada com a intensidade de perseguição frente ao objecto, e é uma defesa que resulta de ansiedades persecutórias (medo de ser atacado e destruído pelo objecto).

O mecanismo de idealização também faz parte das defesas maníacas na situação depressiva. (mitigando em tal caso a ansiedade depressiva)
Dentro da teoria kleiniana, a idealização é considerada precursora de boas relações de objecto, pois o objecto idealizado é o precursor do objecto bom. Uma idealização extrema, contudo, dificulta a relação com o objecto real, já que não existem objectos ideais e sim idealizados. Uma certa quantidade de idealização, e portanto uma certa tendência a idealizar, mantém-se ao longo da vida adulta: no namoro, ideologias, etc.

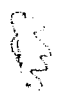
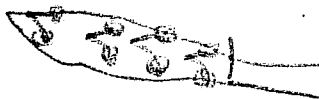
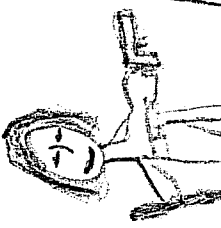
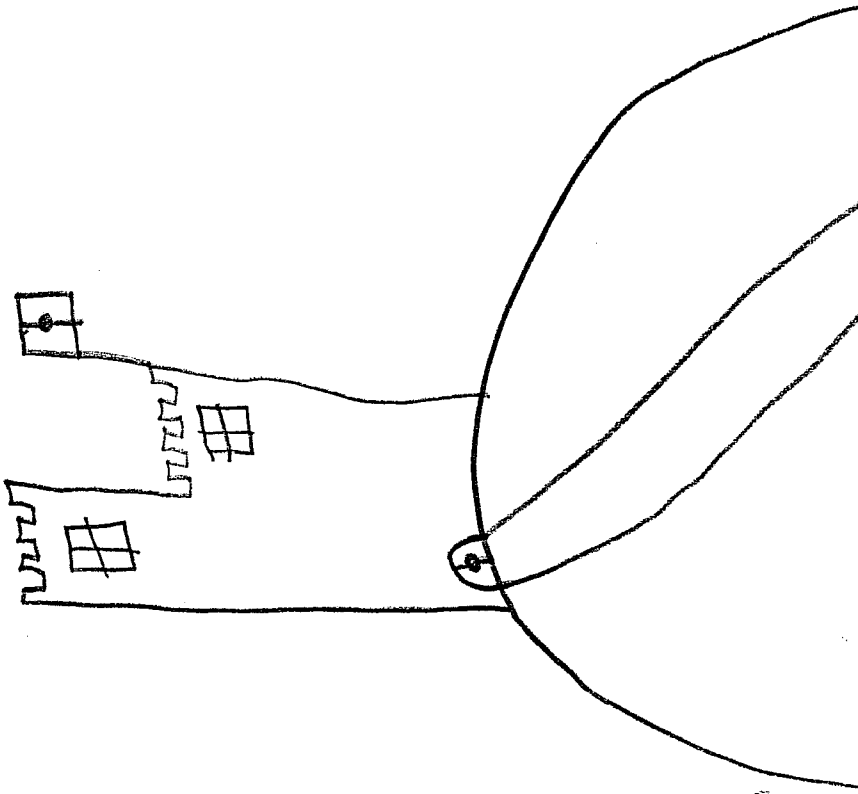
Idealização nos desenhos: a idealização como mecanismo esquizóide (há uma idealização ao serviço da integração: a idealização do objecto que precede o bom objecto), manifesta-se nos desenhos das figuras humanas pela ênfase do poder mágico defensivo, frente a possíveis ataques de morte:

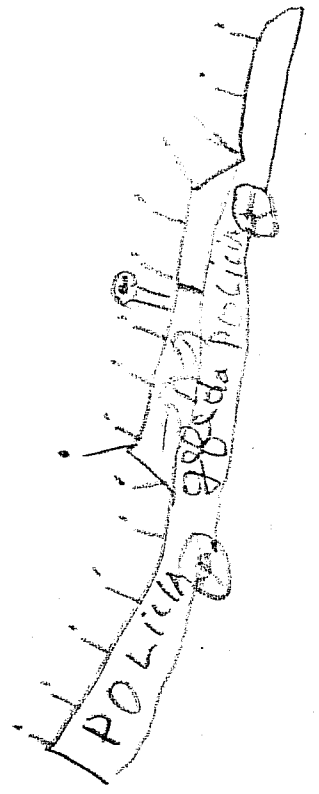
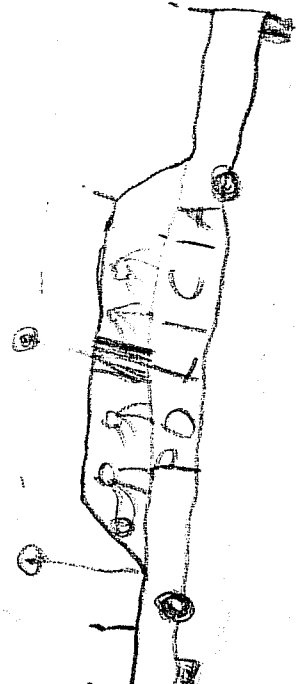
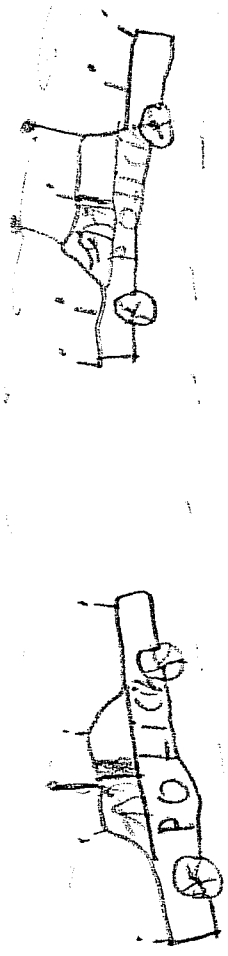
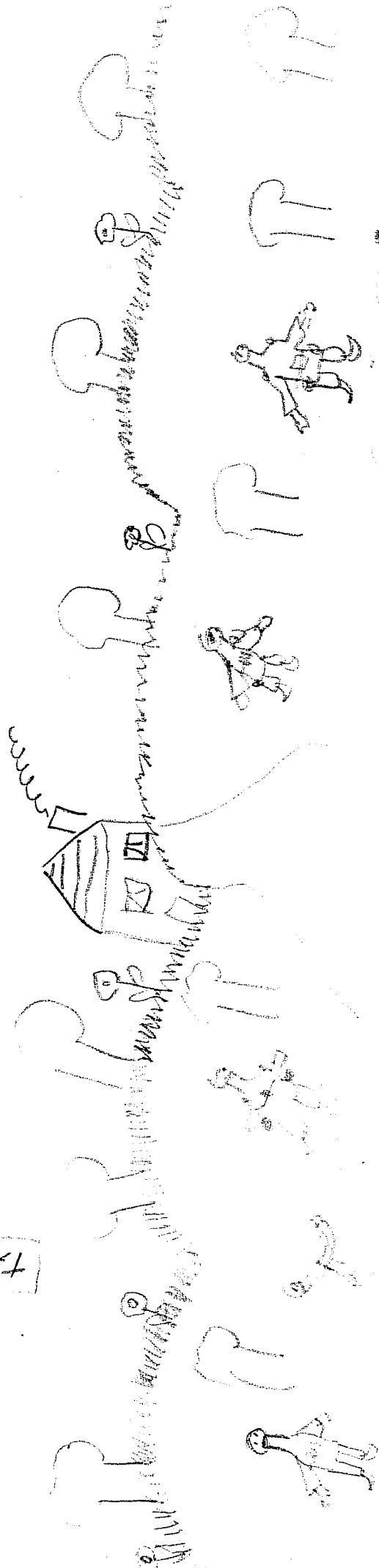
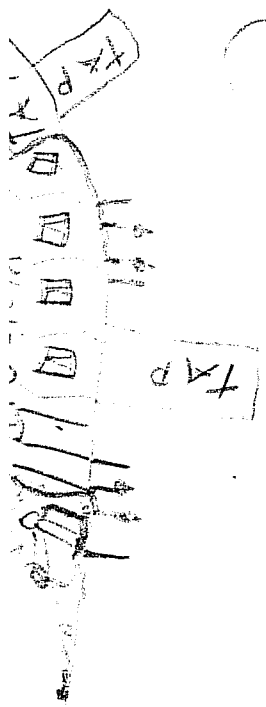
- as figuras humanas são grandes, com exaltação da capacidade mágico onipotente: †
- domínio-controle: Deus, Santos
- de protecção dos fracos: Batman, Super-homem.
- de comando: reis, polícias.
- de força física: boxeurs, atletas, artes marciais. (ver des.15,16,24 e 25:)

Na medida em que idealização supõe clivagem, o par dissociado pode corresponder às características persecutórias ou idealizadas do objecto: objectos desprotegidos, com um objecto idealmente protector. A idealização integra também todos os quadros neuróticos: o que varia é a apreciação dos aspectos que são idealizados e dos que são temidos ou depreciados, o que costuma ser expresso nas zonas corporais enfatizadas, por exemplo, cabeça em detrimento do corpo, ou a musculatura em detrimento da capacidade intelectual.

III)- Denegação e controle onipotente. São mecanismos primitivos que respondem à impotência do ego frente aos impulsos destrutivos e a estes impulsos projectados nos objectos.

A denegação como processo defensivo, tem por finalidade não ver os aspectos do ego e do objecto que atemorizam, e responde à fantasia de que aquilo que não é visto não existe e, portanto, não implica perigo.





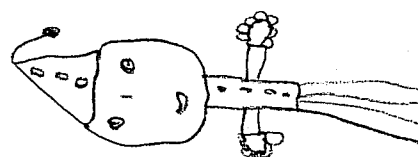
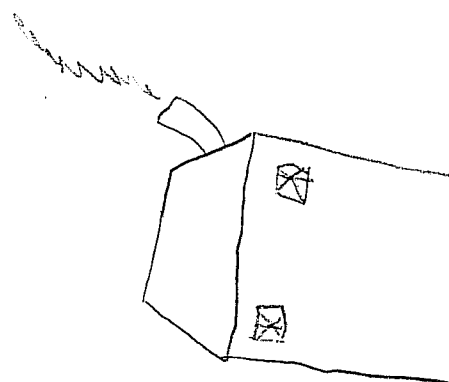
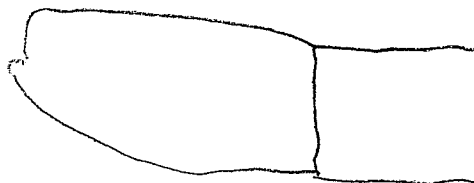
Está ligada ao controle onnipotente, à fantasia de possuir tanto o ego como o objecto idealizado, e de manipulação do objecto persecutório.

O grau de onnipotência do ego e do objecto idealizado, é proporcional ao grau de poder destrutivo do ego agressivo e do objecto mau. Durante a etapa depressiva, a denegação e o controle onnipotente fazem parte das defesas maníacas frente à perseguição e à dor. A denegação propõe-se negar, simultaneamente, a destruição do objecto e os sentimentos de dor, dependência e necessidade do ego. Está ligada à fantasia de controlar o objecto, negando o medo da separação e da dependência e favorecendo as fantasias de reparação do objecto.

Patologia: Estes mecanismos implicam sempre uma privação para o ego, na medida em que limitam as suas possibilidades de conhecimento.

1)-denegação nos desenhos: -Figuras humanas pobres, de olhos fechados, sorriso estereotipado, tipo palhaço, baixo contacto com o meio e com características infantis. A árvore e a casa também são infantis, fechadas, empobrecidas: (v. des. 26).

2)-o controle onnipotente: As fantasias de controle onnipotente frente à perseguição, estão directamente ligadas aos mecanismos de idealização do objecto protector e do ego, quanto ao poder e invulnerabilidade: nos des. 20 e 21, o "homem de lata", há a expressa necessidade de possuir um ego invulnerável, para o que terá de ser forte poderoso e insensível.



Nota importante: Como parte das defesas maníacas, e na medida em que estão orientadas para negar a depressão, a dependência, etc., e para controlar o objecto persecutório destruído, estas defesas manifestar-se-ão através do movimento, riqueza de conteúdo, formas de controle mágico do objecto, ou capacidade onipotente de reparação.

O grau de patologia (e, portanto o critério de diferenciação entre processos esquizóides e maníacos), é medido:

- pela intensidade com que se manifestam.
- pelo maior ou menor domínio de fantasias de desprezo e de triunfo.
- pelo grau de integração ou de adequação do desenho: dimensões relativas, adequação das características reais.

C)- AS DEFESAS MANÍACAS

A organização das defesas maníacas inclui mecanismos que já se manifestavam durante a etapa esquizo-paranóide (mecanismos de clivagem, idealização, negação, controle onipotente), mas que adquirem, durante a etapa depressiva características especiais. No primeiro caso estavam dirigidas para impedir um ataque aniquilador do ego; agora têm por finalidade defender o objecto dos ataques ambivalentes do ego e este da ansiedade e culpa depressivas ligadas à fantasia de destruição do objecto.

Na situação depressiva o bebê consegue uma nova relação com a realidade e descobre situações importantes, a saber:

- 1) A dependência da mãe, que teme haver perdido devido às suas fantasias agressivas.
- 2) O valor que ela tem para si.
- 3) A sua ambivalência, os seus desejos agressivos, vorazes, e o sentimento de necessidade que dela tem, assim como o desejo de a conservar. Surgem, em consequência, intensos sentimentos de culpa depressiva, medo de perder a mãe de que necessita, medo de tê-la destruído e a preocupação e necessidade de repará-la.

As defesas maníacas são uma tentativa de evitar o processo de intensa dor e sofrimento psíquico que estão implicados nesta descoberta. A experiência depressiva está relacionada com o conhecimento da existência de um mundo interno e da posse de um objecto valorizado, do qual necessita. Por isso as defesas maníacas levam a evitar e a negar este sofrimento fugindo para o mundo exterior e negando, evitando ou invertendo, a dependência do objecto, a ambivalência, a preocupação e a culpa.

Um dos mecanismos defensivos específicos é a omnipotência, acompanhada de fantasia de controle e de domínio dos objectos. Este mecanismo é necessário para:

- negar a dependência do objecto, o medo de ser abandonado e a emergência da agressividade por este abandono.
- satisfazer a fantasia de reparação total do objecto, mediante um ego que tem poderes mágicos de reconstrução.

O bebé tem necessidade de sentir que domina os objectos internos e externos, não só para que eles não o abandonem, como também para que não se destruam dentro de si.

Os mecanismos de idealização tendem a negar a fantasia de destruição do objecto, conferindo-lhe invulnerabilidade, riqueza de conteúdo, beleza. Um objecto assim, não detestado nem agonizante, evita tanto o medo da perseguição, como o sofrimento psíquico: o luto.

Os mecanismos de negação tendem a desconhecer a realidade psíquica: o conhecimento entretanto adquirido sobre a agressividade, o valor do objecto e o medo de atacá-lo; assim como as partes da realidade externa que correspondem aos seus conflitos: negação do abandono, das situações que produzem frustração e tristeza, do medo do afastamento real da mãe, etc.

Os mecanismos de clivagem tendem a evitar a dor que é produzida pela ambivalência (amar e odiar ao mesmo tempo).

Uma característica especial da defesa maníaca é a identificação do ego com o objecto idealizado: o ego que se funde e confunde com este objecto parcial, onnipotente, cheio de vida, de poder, de alimento, incha com a fantasia de ter devorado o objecto idealizado, já que as características sofredoras, desprotegidas, necessitadas e dependentes, do próprio ego, são depositadas nos objectos externos. A defesa maníaca implica, então, mecanismos de identificação projectiva: as características projectadas são as de um "necessitado", de um "faminto", enquanto que as características assumidas pelo ego, são as de um "peito cheio", "nutridor", que se auto abastece.

Numa relação maníaca de objecto, participa uma triáde de sentimentos que tendem a anular os ganhos da situação depressiva: O CONTROLE, o TRIUNFO, e o DESPREZO, ligados à valorização do objecto, ao consequente sentimento de dependência do objecto, ao temor de perda do objecto e aos sentimentos de culpa.

Controle. Ao mesmo tempo que controlar é um modo de negar a dependência em relação ao objecto, é também uma maneira de obrigá-lo a satisfazer necessidades de dependência, uma vez que um objecto totalmente controlado é, até certo ponto, um objecto com que se pode contar.

O triunfo é a negação de sentimentos depressivos ligados à valorização e à importância afectiva outorgada ao objecto. Relaciona-se com a onipotência e tem dois aspectos importantes:

- Um deles tem a ver com um ataque primário infligido ao objecto e ao triunfo experimentado ao derrotá-lo (sobretudo quando está fortemente conotado com a inveja);
- o outro ao sentimento de triunfo que aumenta como parte da defesa maníaca, porque serve para manter dentro de apertados limites, sentimentos depressivos que, de outro modo, surgiriam: sentir saudade do objecto, estranhá-lo.

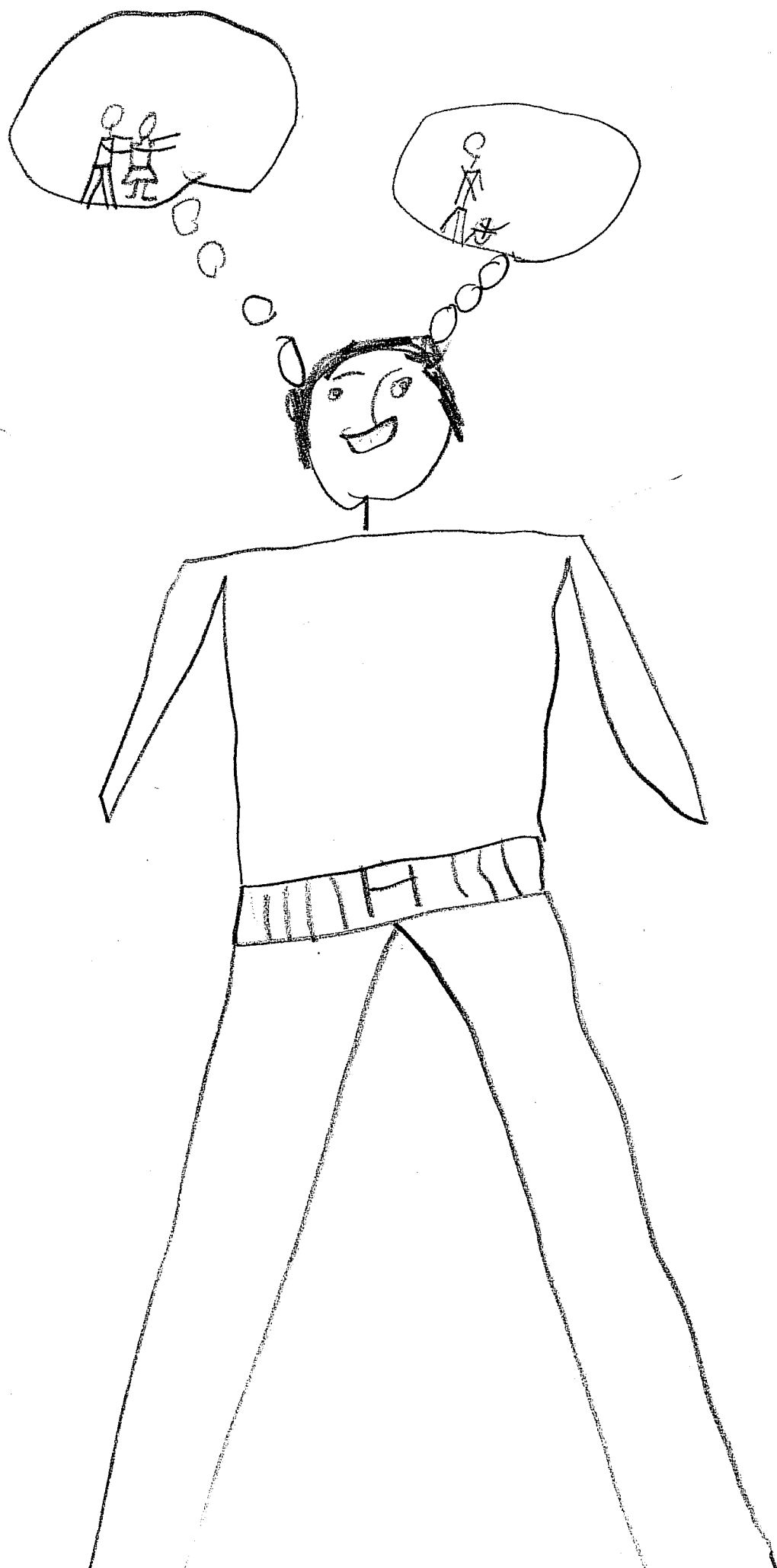
O desprezo em relação ao objecto, é também negar o quanto este é valorizado; actua como defesa contra as experiências de perdas e culpa. Um objecto desprezível não merece que alguém sinta culpa em relação a ele e o desprezo por semelhante objecto fornece a justificação para que se continue a atacá-lo.

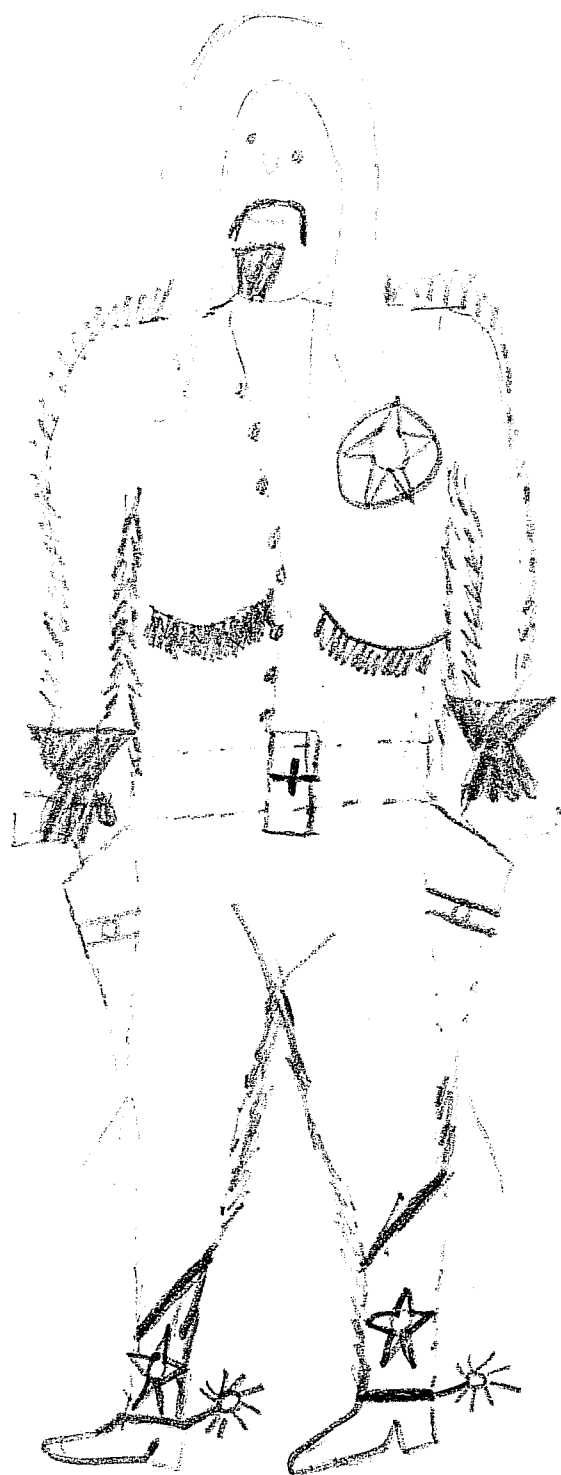
Patologia - Se analisarmos o que foi visto até ao momento, vemos que as defesas maníacas procuram negar a situação depressiva e o trabalho de luto, mas preparam o caminho para outro colapso, já que implica, em si, um novo ataque sádico ao objecto que é devorado, desprezado e despojado de poder de que o ego se apropria para o controlar. O incremento dos sentimentos de desprezo, motivados pela inveja subjacente, interfere no desenvolvimento normal, na medida em que impede o processo de luto, a normal depressão e, consequentemente a elaboração e organização mental.

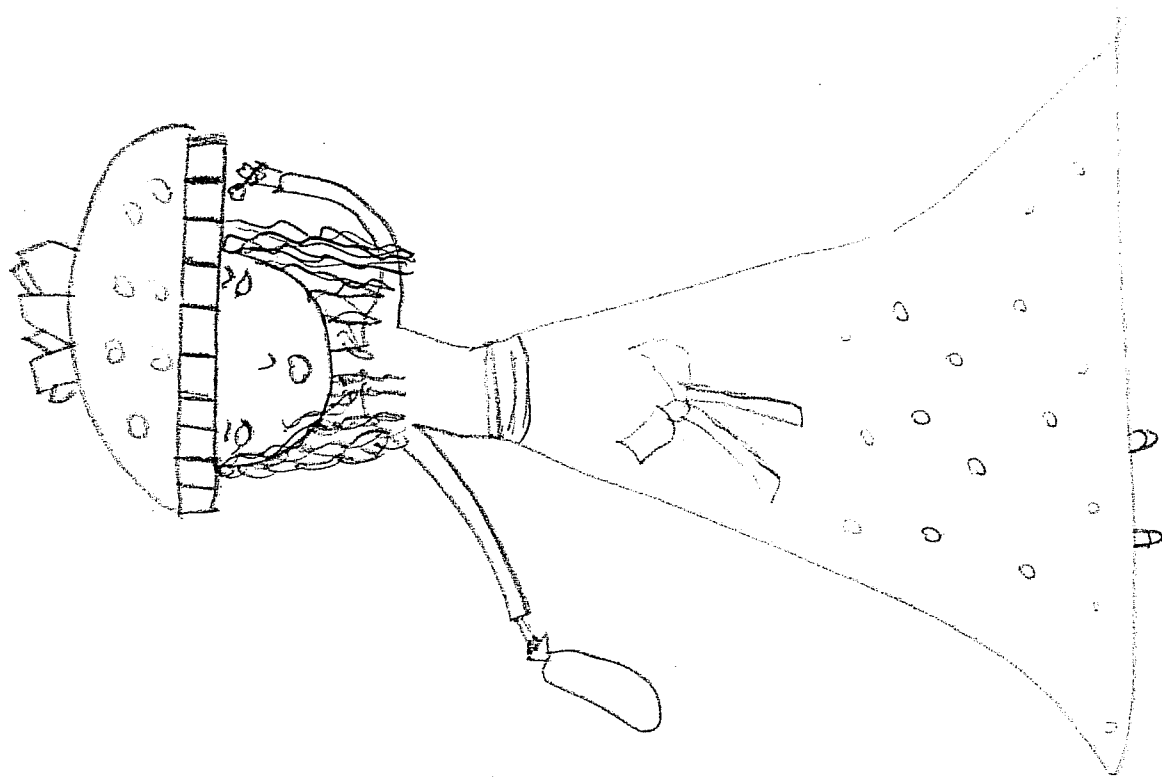
Defesas maníacas nos desenhos:

Figura humana - O tamanho é enfatizado como expressão da inflação do ego. Diversamente dos mecanismos da identificação projectiva indutora, a ênfase não está na musculatura, mas no limite corporal que é aumentado. A localização geralmente é central e para cima o que corresponderá a sentimentos de euforia. No desenho 27, feito por uma criança de cinco anos e meio, numa altura em que se verificava um real abandono por parte da mãe e estava entregue a um pai que pensava sobretudo na mãe ausente, a criança parece inverter a situação: vira ostensivamente as costas a um pai implorante e, portanto, dependente. Aqui parece haver denegação da situação depressiva e evitado o reconhecimento de necessidade do objecto.

Há uma grande preocupação em *encher o desenho de conteúdos*, que tendem a *enriquecer* (e não a dar poder como no des. 15): botões, enfeites, flores: (des. 28 e 29). Evita-se assim o temor à destruição interna do objecto e os próprios sentimentos de vazio e de carência. Outras vezes, esta vivência de vazio manifesta-se abertamente através de figuras muito grandes e vazias (tipo bolas).





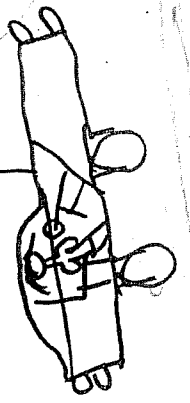
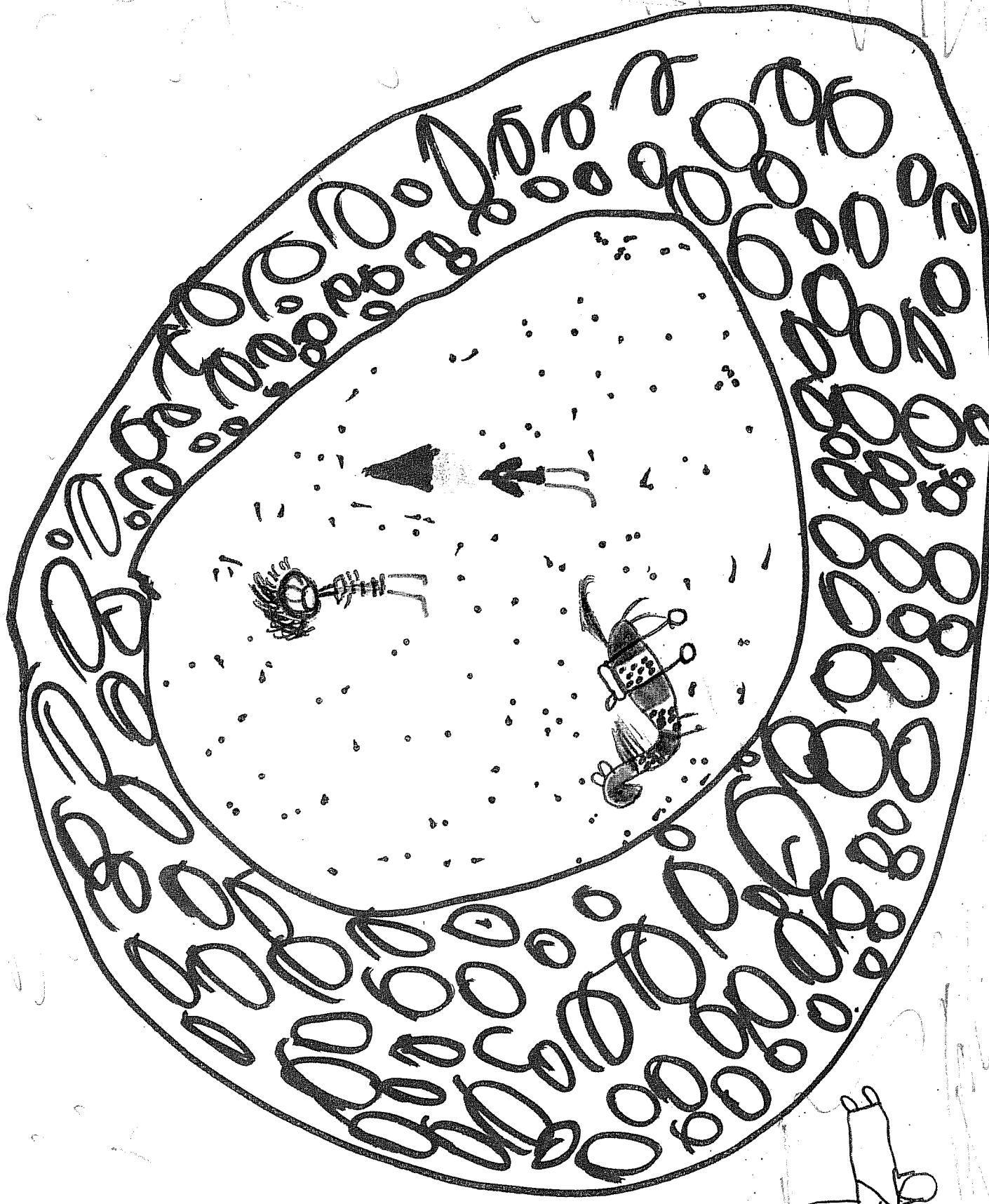


Nos desenhos infantis, a necessidade de negar o medo da perda de objecto é expressa por figuras de criança com bolas, em paisagens cheias de flores, com roupas muito enfeitadas, etc.

Outro frequente modo de expressão é a figuração de rainhas, reis, princesas, personagens possuidoras de grandes riquezas, ou ainda palhaços e circos: (des. 24 e 30).

M A S, o grau de patologia e, logo, o de normalidade) é medido:

- pela intensidade com que se manifestam.
- pelo maior ou menor domínio de fantasias de desprezo e triunfo.
- Pelo grau de integração e de adequação do desenho (dimensões relativas, adequação das características reais).



D)- MECANISMOS DE CONTROLE OBSESSIVO. Como acontece com os outros processos de defesa, também aqui é necessário, para um diagnóstico mais acurado, diferenciar entre a sua utilização num quadro evolutivo (controle adaptativo) e a sua utilização num quadro psicótico latente exigindo defesas obsessivas patológicas: controle onnipotente.

Sob a designação genérica de controle obsessivo, costumam destacar-se:

- a anulação
- o isolamento
- a formação reactiva

Na evolução infantil, a vivência do dano causado ao objecto, e a culpa e a dor por o ter infligido, fenómeno inerente à situação depressiva, trazem como consequência a inibição e controle da agressividade.

Tal controle, tem por finalidade preservar o objecto da própria agressividade, e o ego do sofrimento que implica aceitar a ambivalência.

No começo da situação depressiva, o objecto ainda não pode ser reparado porque a quantidade de ódio continua intensa; o dano ao objecto não pode ser negado maniacamente, de forma total, porque o ego já conseguiu integração suficiente e percebeu o dano. Surge então como possibilidade de protecção e de preservação do objecto, a prevenção contra novos ataques: os mecanismos controlam o vínculo hostil com o objecto previamente dissociado.

Normalmente surgem os mecanismos anal-retentivos modificando os mecanismos antecedentes (anal-expulsivos) da identificação projectiva excessiva.

Marcam a possibilidade de *reter*, *conter* os impulsos e os sentimentos, permitindo, portanto, estabelecer a noção dos limites do ego. Permitem ainda a discriminação entre o dentro e o fora, entre ego e objecto externo, entre o ego e objecto interno, e mantêm uma conexão com os aspectos projectados. Favorecem, portanto, a noção de identidade, a ordenação temporal e espacial e o desenvolvimento do sentido da realidade. Os mecanismos de controle, neste sentido —(ordem versus caos; diferenciação—noção de limite corporal e psicológico versus indiferenciação e processos expulsivos),— marcam o ponto de passagem da psicose e psicopatias para a neurose e adaptação.

O controle obsessivo pode adquirir, contudo, características patológicas correspondentes ao controle onipotente. Tende então a estereotipar-se com características rígidas e excessivas, com predominância dos mecanismos de isolamento e de anulação. A ordem transforma-se em meticulosidade exagerada, o ajustamento à realidade adquire características rígidas, ritualistas. O ego perde possibilidades de sentir e empobrece-se. A finalidade já não é preservar o objecto, e sim evitar a clivagem e a desintegração do ego. Os mecanismos obsessivos actuam, então, como contenção de situações de desintegração psicótica, confusão e indiscriminação.

Nos desenhos:

—controle adaptativo (obsessivo) e controle onipotente: O controle adaptativo permite a realização de desenhos, nos quais se manifesta

um bom ajustamento à realidade, quanto ao tamanho, localização no espaço, discriminação entre mundo externo e o interno, gestalt mantida, organização coerente das partes no todo, correspondência entre o objecto gráfico e o objecto real, e a harmonia, tal como o des. 31, à parte, talvez, o excessivo vazio humano.²⁶ A passagem para o controle onipotente manifesta-se:

1 -desenhos empobrecidos, esvaziados, pelo predomínio de mecanismos de isolamento e de anulação. (des. 32).

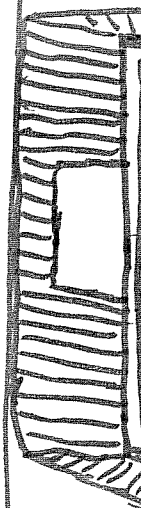
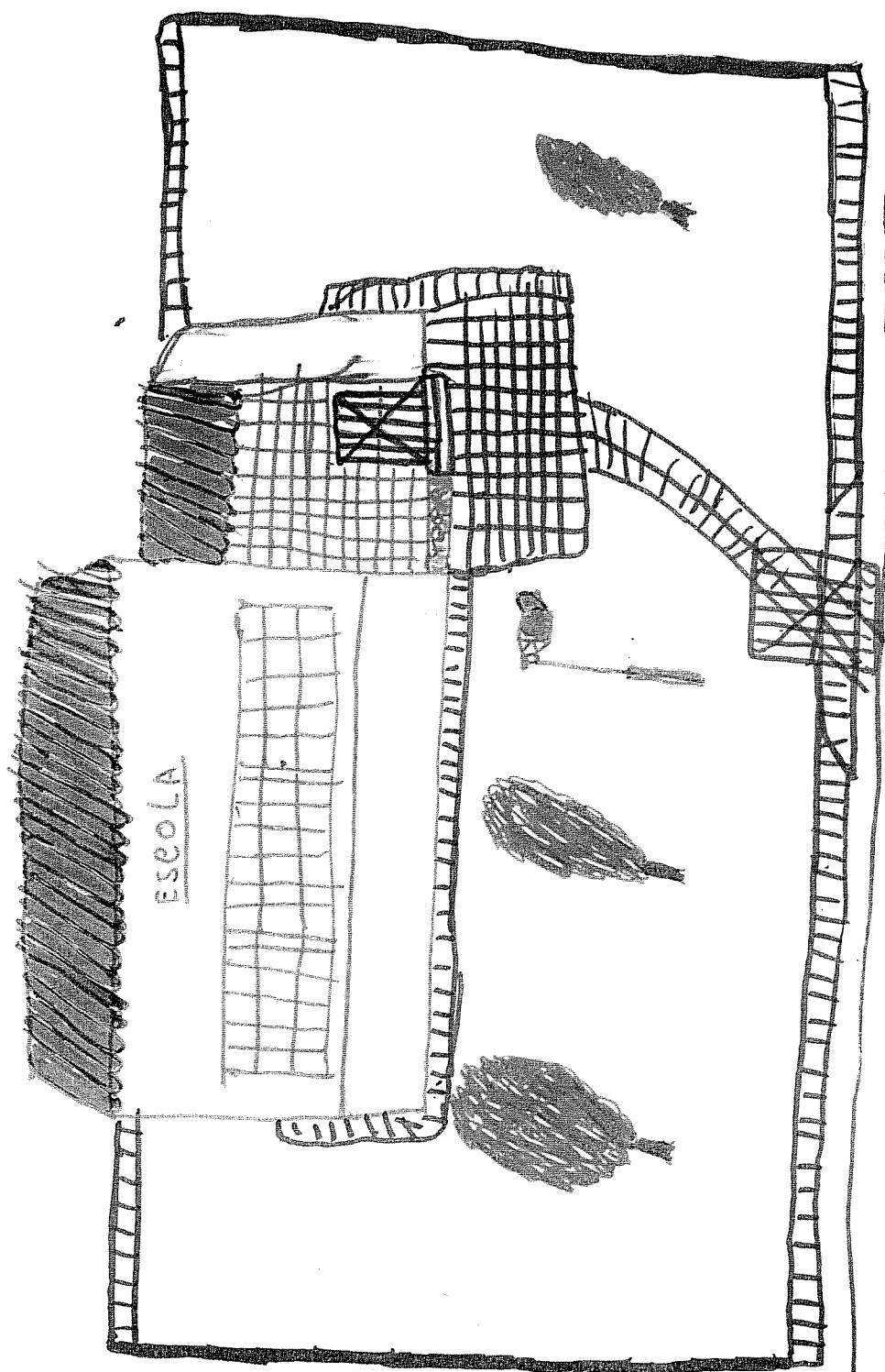
2 -Reforço excessivo dos limites, sombreados ou riscos excessivos que trazem como consequência figuras sujas ou figuras rígidas, imóveis (des. 25 e 26).

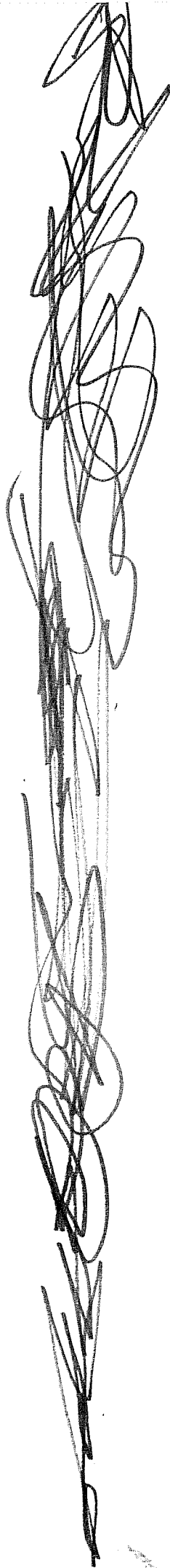
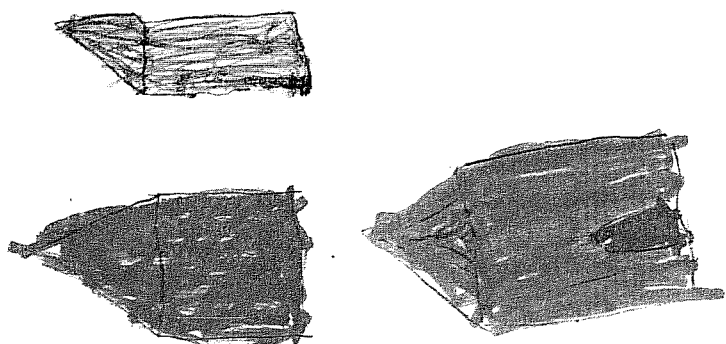
Nas figuras humanas, quanto mais nos aproximamos das situações psicóticas, maior o predomínio de figuras rígidas e vazias, expressão da despersonalização.

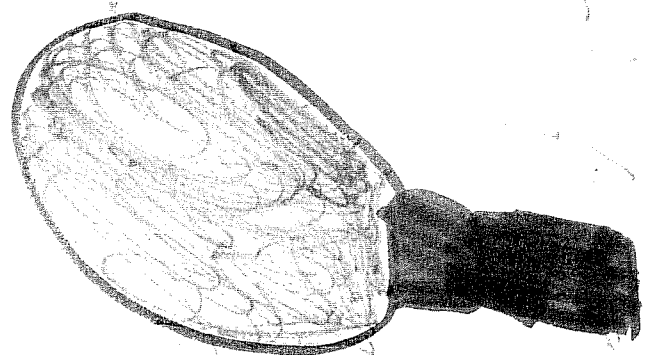
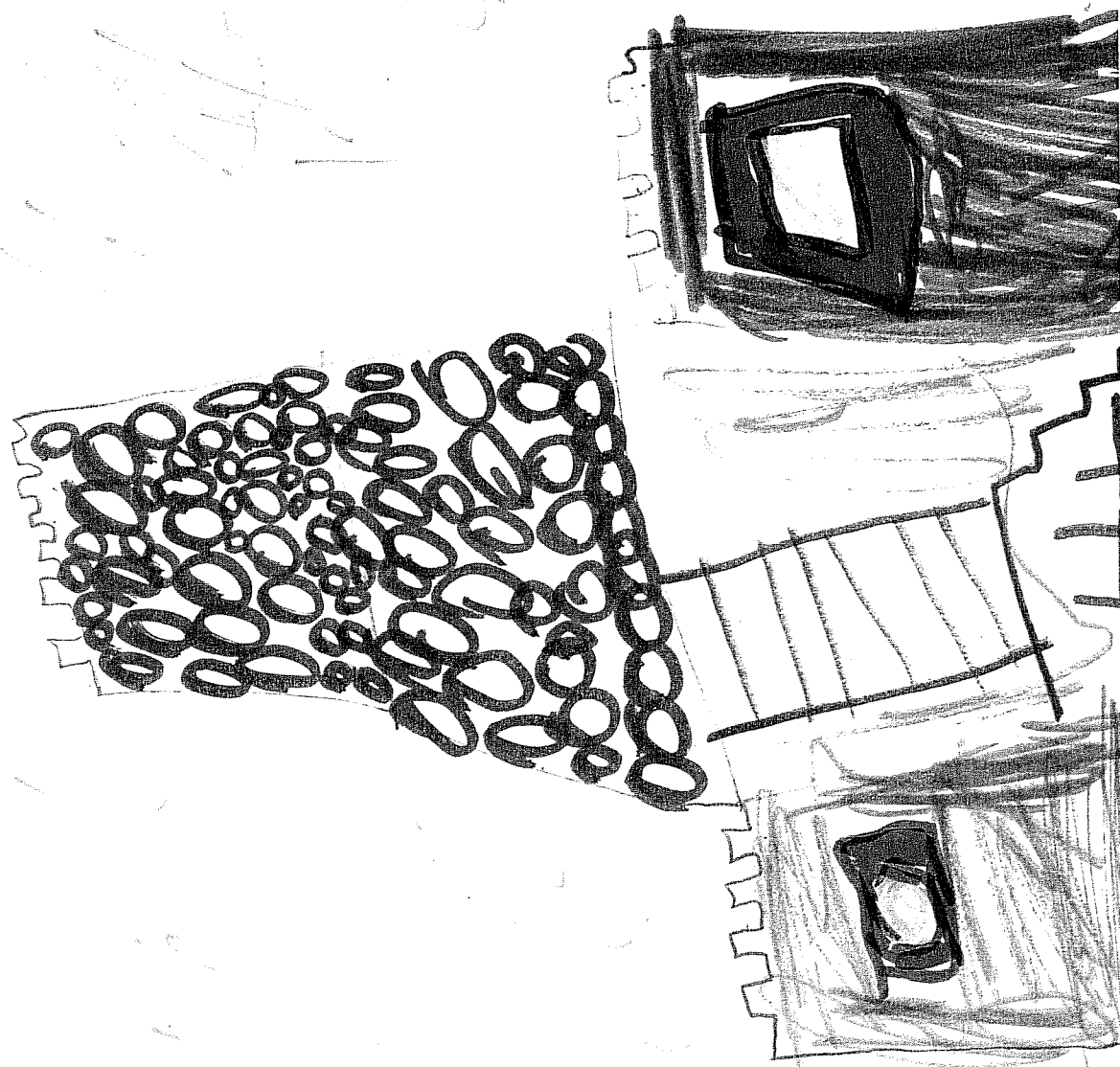
O desenho da casa e da árvore pode ser desordenado ou precariamente organizado: casas-telhado; casas fachada; mostrar aumento de superpormenorização: telhas do telhado, pedras do caminho, folhas nas árvores, etc. (des. 33)

Este controle, na medida em que não é adaptativo, fracassa; as figuras adquirem características incomuns e há desorganização da *gestalt*.

²⁶ Os exemplos são sempre aproximados. Nunca encontrei um exemplo perfeito, ideal. Também aqui, o ideal não existe na realidade.







1)- Anulação. A anulação assenta sobre o mecanismo de clivagem e como os outros mecanismos obsessivos, controla o vínculo agressivo com o objecto.

Mobiliza fantasias mágico onipotentes muito intensas, cujo conteúdo é que uma *fantasia boa* ou um *acto bom*, podem apagar, anular, outra fantasia ou acto agressivo anterior. Os dois vínculos ou estão presentes simultaneamente, ou podem apresentar-se sucessivamente, impedindo que qualquer conflito surja graças à fantasia onipotente de anulação, à intensidade e à rigidez dos mecanismos de clivagem e isolamento que lhe andam associados.

A anulação, na medida em que evita a integração do objecto (evitando assim o confronto com a depressão), reforça a clivagem e ataca a capacidade de síntese. Mecanismo que corresponde a níveis primitivos do desenvolvimento, que assenta na onipotência e na magia do pensamento e da acção. Porque o aspecto perigoso do vínculo com o objecto se impõe de forma constante, o consumo de energia é também constante e em grande quantidade, limitando fortemente o seu investimento em experiências que favoreçam a evolução, trazendo assim um empobrecimento tanto afectivo como intelectual.

Numa personalidade adaptada costuma apresentar-se sob forma de pedido de perdão ou de desculpas, mas como mecanismo dominante mostra a patologia das situações e encontra-se nas personalidades pré-psicóticas, neuroses obsessivas graves e psicopatias, numa palavra em todas as desorganizações graves da personalidade. O que se compreende porque:

- 1 - é um mecanismo que não só evita a ansiedade ligada à presença simultânea do amor e do ódio, sendo, já por isso, indirectamente gratificante, como

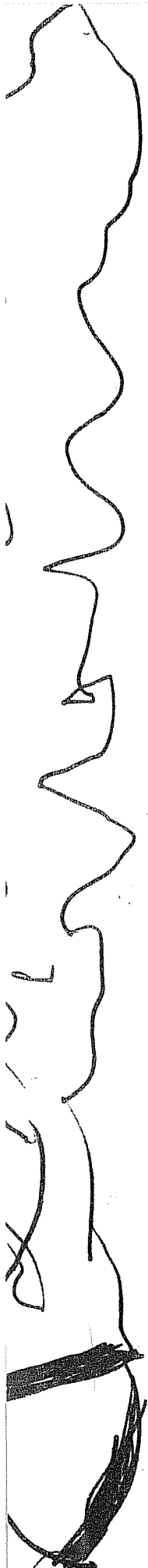
confere uma gratificação adicional directa e imediata ligada ao subsequente sentimento de onnipotência do pensamento²⁷ na modificação da realidade.

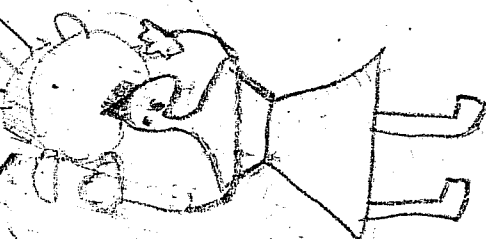
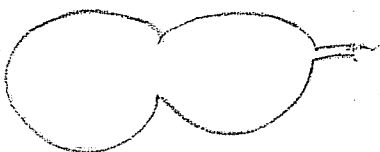
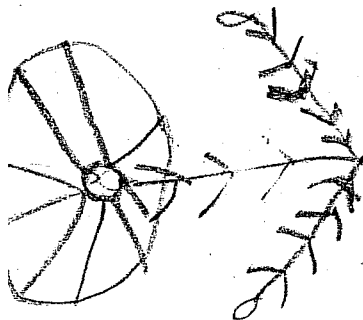
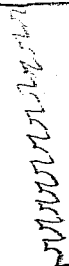
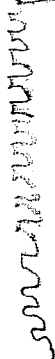
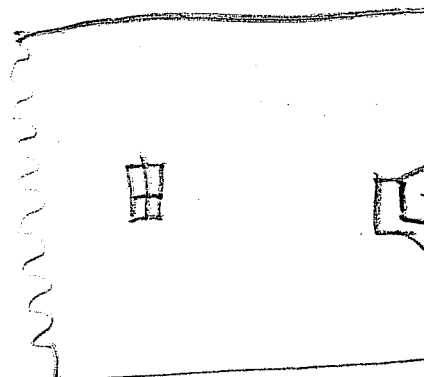
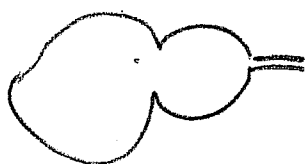
- 2 -Esta gratificação, porque imediata, é uma característica convidativa ao uso e abuso do mecanismo que, na medida que opera sobre a realidade, priva esta de uma importante componente, a temporalidade (anulação retroactiva, se chama), alterando-a profundamente e impedindo a integração do ego ou fomentado a sua desintegração.

Nos desenhos, manifesta-se (ver desenhos 34 e 35):

- 1)- Na necessidade permanente de apagar o desenho já realizado, ou algumas das suas partes.
- 2)- Apagar e sujar partes ou zonas do desenho racionalizando, por exemplo, com sobreaddos.
- 3)- Desenhar sobre um objecto gráfico já desenhado, ocultando-o.
- 4)- Riscar figuras.

²⁷ Aqui equivalente a acção, pois, no dizer de Freud, o pensamento pode ser considerado como uma acção operada com um mínimo de energia.





2)- Isolamento. O mecanismo de isolamento consiste na dissociação primária entre os vínculos de amor e os agressivos. Tende a confirmar essa dissociação e a mantê-la, evitando que os pares associados se unam na fantasia ou na realidade, pois tal união significaria a desorganização do ego, fantasiada como caos ou loucura. Corresponde a um reforço dos mecanismos da clivagem esquizóide, seja porque a marcha para a situação depressiva parou, seja por regressão.

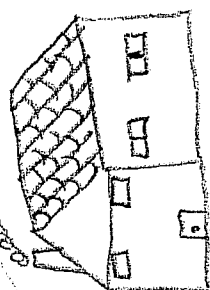
Dado que a fantasia defensiva dominante é evitar a união (vivida como catástrofe persecutória) está bloqueada a possibilidade de síntese (por ruptura das conexões associativas) e com ela, a integração do ego e do objecto.

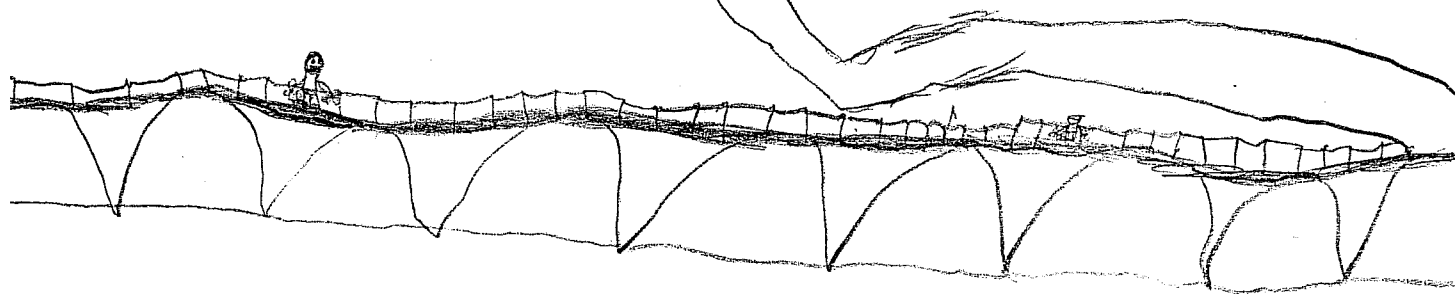
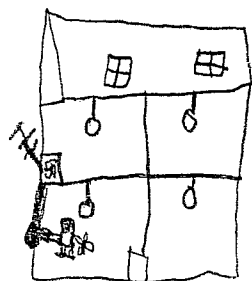
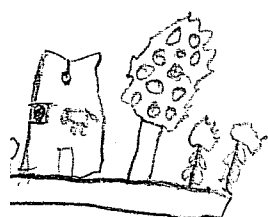
O temor à união dos pares dissociados, cria a necessidade de manter uma distância extrema em relação ao mundo externo (para evitar uma mobilização emocional) e a anestesia afectiva correspondente a um bloqueio.

A patologia do mecanismo depende da sua intensidade e do seu grau de predominância. Pode ser adaptativo se o seu uso for instrumental, por exemplo: manter a angústia isolada numa situação de crise na qual é necessária uma conduta activa e eficaz, o que é o caso do desenho 36, onde não falta uma certa harmonia e leveza de traço.

O isolamento é um mecanismo mais primitivo que a formação reactiva. Implica um marcado afastamento afectivo e está unido a fantasias de controle mágico onipotente do objecto.

Apresenta-se como defesa extrema em quadros pré-psicóticos, como controle do mecanismo de identificação projectiva excessiva, protegendo, no caso, do perigo de desorganização: - ver o desenho 37







em que, à esquerda, figura um homem "entalado", do qual a criança toma distância desenhando (figura do meio) um "boneco" (um homem desvitalizado), o que parece não ser ainda suficiente pois acrescenta, isolado dos outros, um "boneco a dormir".

Nos desenhos em geral: Na generalidade apresentam-se pobres, frios, de escassos conteúdos, frequentemente pequenos, com limites bem definidos e vazios. Estão sozinhos dentro da folha e, nalguns casos, enquadrados. O desenho livre é pobre, rectilíneo, desarticulado, frio. Geralmente são desenhados objectos materiais.

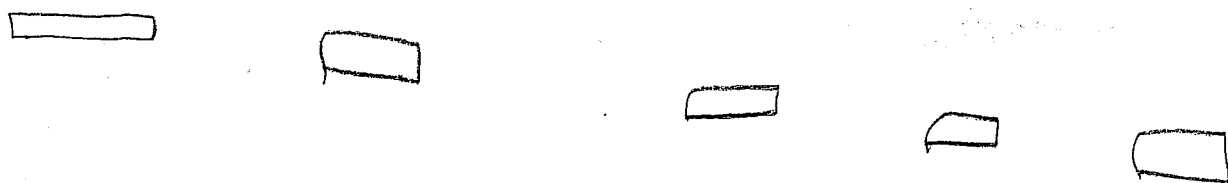
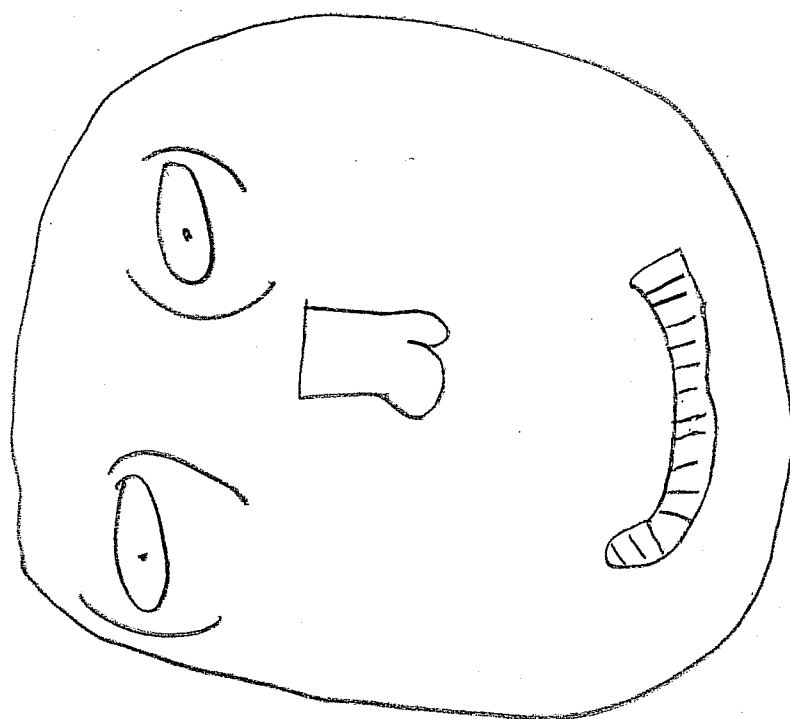
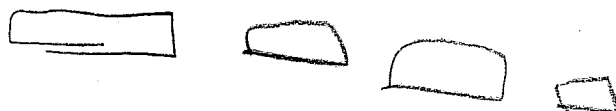
Nas figuras humanas:

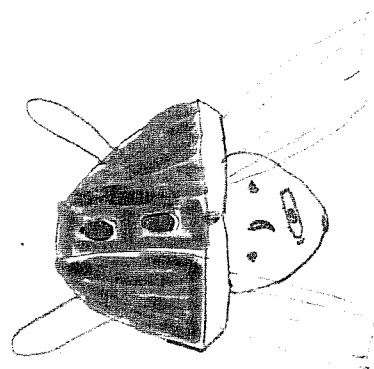
-Figuras com expressão que não revelam afecto, geralmente reduzidas ao tamanho da cabeça. É frequente a cabeça aparecer demarcada como num retrato. Figuras sem movimento, com maior ou menor grau de despersonalização: (des. 38). Acentuação paranóide do olhar.

A cabeça é sempre enfatizada (controle intelectual) e pode aparecer como cabeça de tipo "capacete" ou "robot": (des. 39).

O aumento de patologia do mecanismo manifesta-se na acentuação do fechamento das figuras e no aumento dos traços correspondentes a sentimentos de despersonalização.

-A necessidade de manter isolados os vínculos hostis e afectuosos dissociados, manifesta-se pela criação de personagens antitéticas (como por exemplo, polícia e ladrão)





Na Casa: A casa aparece também pobre, fechada, isolada, sem nada em volta, de difícil acesso: (des. 36 e 36a). As portas e janelas não existem, estão fechadas, ou colocadas muito alto: (des.40).

Importante: Quando domina o medo do fracasso do mecanismo, o controle é intensificado: excessos de fechaduras em portas e janelas, cercas com aspecto agressivo (pontas) ou inclusão de molduras (racionalizando a produção como se fossem quadros); casa telhado, casa cercada, casa forte:

No desenho 41 temos uma casa com porta a sugerir blindagem, com "fechaduras de segredo". Ao lado, isolada, uma "ilha". A vegetação florida desta, sugere claramente a clivagem entre os aspectos amorosos e os agressivos.

Fracasso da defesa: A tentativa de limpar, ordenar e polir o desenho, normalmente não tem sucesso e aparecem desenhos sujos ou borrados: (des. 34 e 35). As provas gráficas mais claras do fracasso das tentativas de anulação correspondem aos casos em que o objecto anulado é somente riscado ou mal apagado, de maneira que permanece graficamente presente: ver a cabeça riscada no desenho 42. Seguramente que o que se queria anular era a realidade. Ver a realidade (olhos abertos) confere-lhe existência, o que parece evidente se cotejarmos esta tentativa com a figura de mulher executada seguir,

na qual os olhos aparecem fechados (aqui defesa conseguida).²⁸

Nota importante:

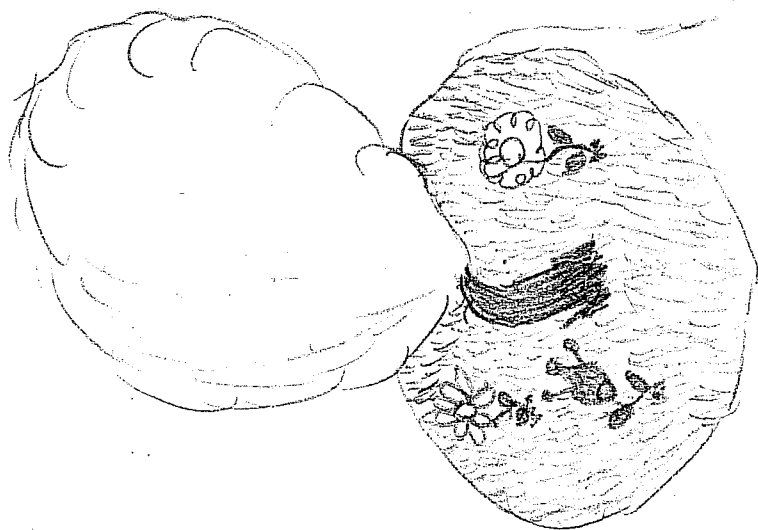
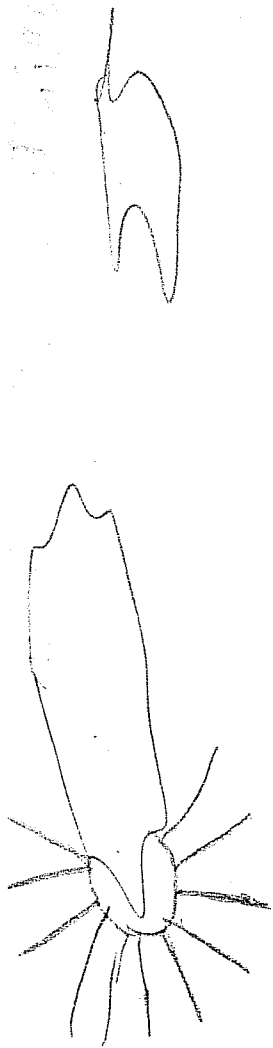
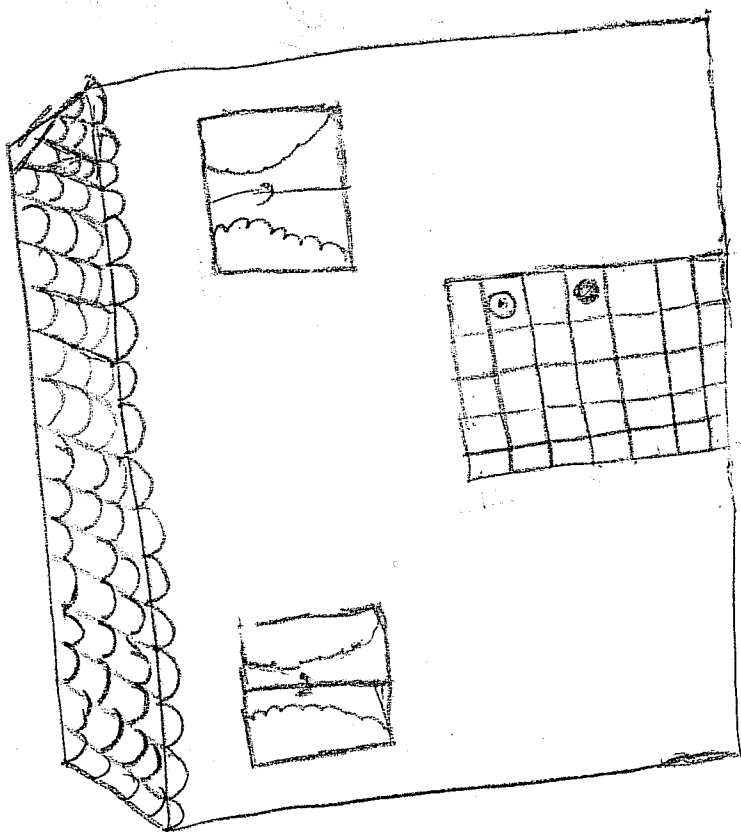
A anulação pode verificar-se entre o objecto gráfico e a verbalização correspondente. Por exemplo:- uma representação gráfica de uma figura com aspecto pouco protector, combinado com uma produção verbal onde se destaca algum aspecto bondoso dela: veja-se um exemplo no desenho 43, onde uma figura monstruosa e agressiva (o que é manifesto nos dentes e nos cabelos espetados, para além do aspecto geral), desempenha o papel de nadador-salvador em efectividade de funções.

²⁸ O produto final bem podia ser apresentado como exemplo de recalcamto e a verdade é que o faço ao tratar, à frente, deste mecanismo. Legitimamente, creio:

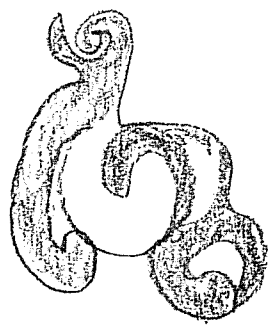
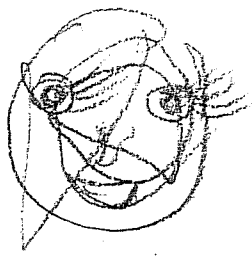
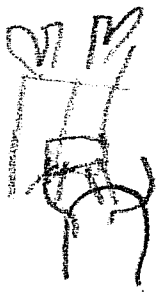
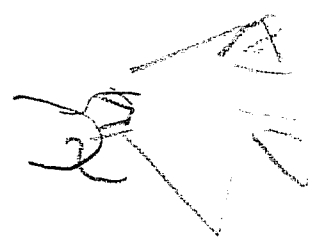
1) Estamos habituados a fenómeno semelhante no uso de outras técnicas projectivas, onde a apresentação de um estímulo "violento" desencadeia respostas de conteúdo defensivo que recorre a processos muito primitivos. Num segundo momento, controlada a ansiedade por esse meio, as respostas seguintes oferecem conteúdos de um mais alto nível evolutivo, de acordo com a organização da personalidade actual do indivíduo.

2) O desenho, ao contrário de um Rorschach ou TAT, que permite ver uma sequência, facilitará a visão de uma actuação convergente e simultânea de diversos mecanismos aparentados. De facto, poderíamos dizer que temos a anulação nas vezes ou ao serviço da negação, a qual, por sua vez, é subsidiária do recalcamto (= "tenho necessidade de não conhecer (ver) tal aspecto meu ou do objecto: se o não conheço (não o vejo) não existe").

Está implícito nos pontos 1 e 2 que um determinado nível de desenvolvimento não aboliu mecanismos de defesa próprios de níveis anteriores. Conserva-os e usa-os na altura, no modo, e na medida em que é necessário.

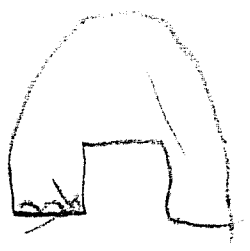
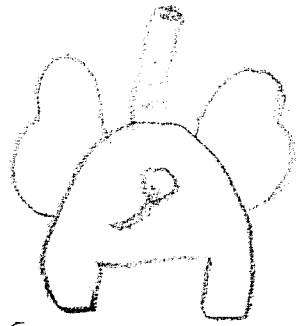


Cristina

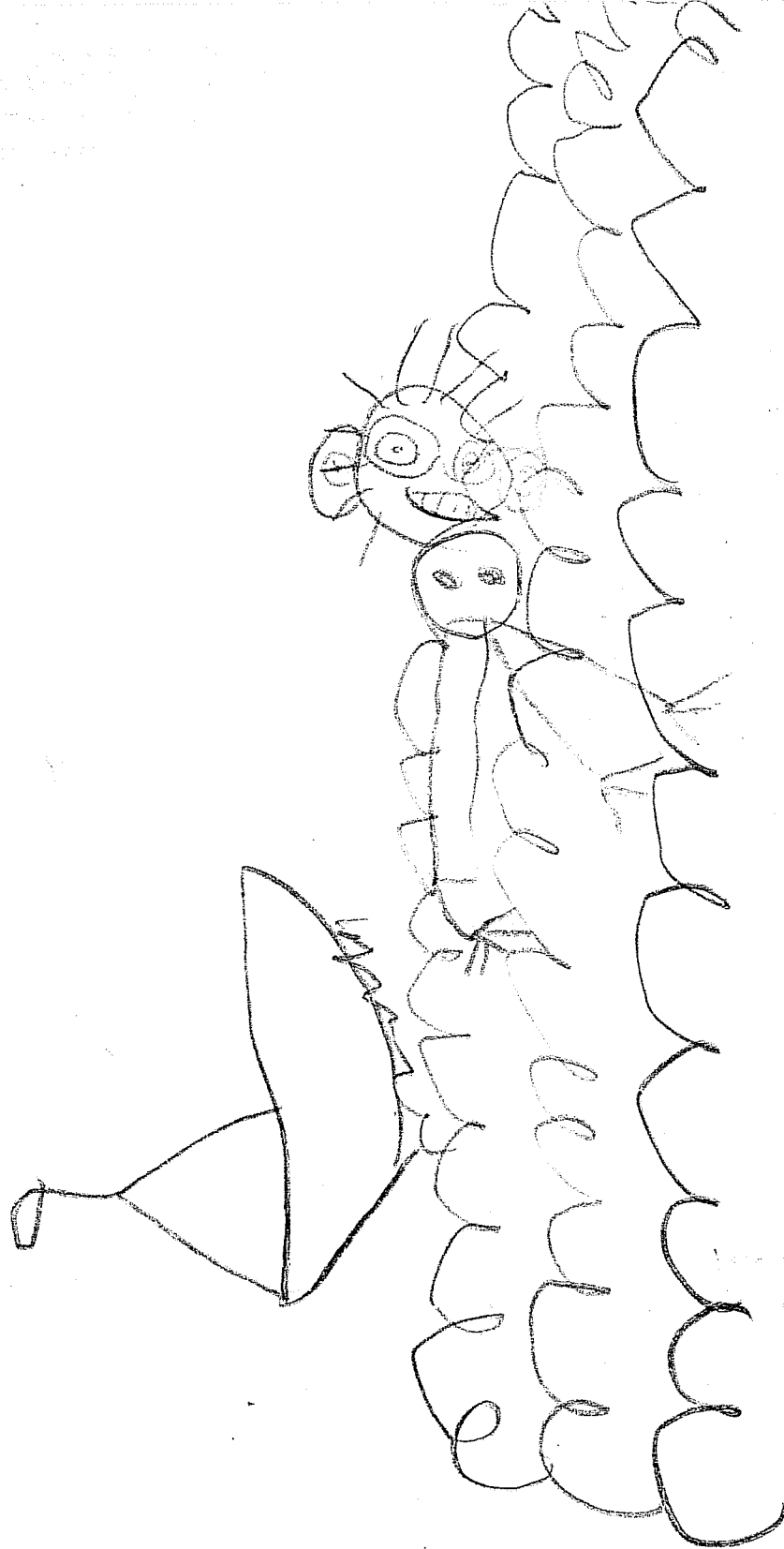


pausa Alexandra

CONF.



Abelardo



3)- Formação Reactiva. A formação reactiva responde à necessidade de manter uma dissociação entre o vínculo amoroso e o vínculo agressivo estabelecidos com o objecto, reforçando o primeiro e mantendo o segundo sob controle.

Apesar de baseada numa relação ambivalente (dissociada) corresponde, do ponto de vista evolutivo, aos ganhos da posição depressiva. Supõe uma preocupação pelos danos causados ao objecto e medo de não poder repará-lo: o ego fantasia, como defesa, que o dano acontecerá no futuro se o objecto for agredido. Mas ao negar o dano já causado ao objecto, fica bloqueada a possibilidade de uma autêntica reparação. No entanto, existem nesta situação sentimentos próprios da situação depressiva: preocupação pelo objecto, empatia com o sofrimento do objecto e desejos de preservá-lo.

A aceitação da necessidade, da dependência e do valor do objecto é maior que no isolamento.

Este mecanismo, quando usado ao serviço da adaptação, da evolução, favorece o reforço dos limites e a modificação dos mecanismos expulsivos de ataque ao objecto. Contudo, estão subjacentes ansiedades persecutórias (medo de enlouquecer/ser enlouquecido; desorganizar/ser desorganizado) relacionadas com a receio de assumir a agressividade clivada, parte da ambivalência.

As formações reactivas adaptativas permitem o ajustamento a normas sociais (horários, cerimoniais, trabalho) que, por se oporem ao princípio do prazer, despertariam, à falta de controle, a agressividade ou a rebeldia.

Como mecanismo dominante da personalidade, dá à conduta um grau de constância mais ou menos exagerado: busca de ordem, meticulosidade,

amabilidade permanente, que leva a diversos graus de rigidez, dureza, falta de espontaneidade e de afetividade: (des. 44, quase todo desenhado à régua. Ver des. 23, também).

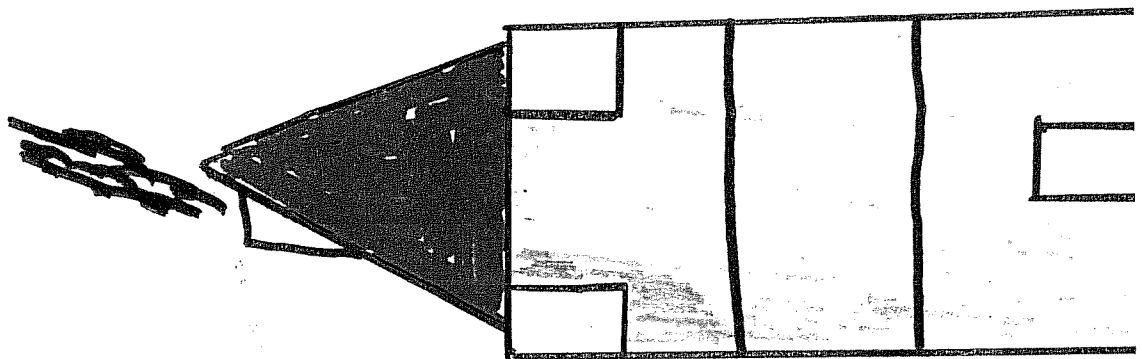
O controle da agressividade por meio deste mecanismo nunca é total. Implica uma luta permanente por parte do ego para manter a agressividade dentro dos limites, determinando um gasto considerável de energia psíquica. O deslocamento, mecanismo mais evoluído, tornará o processo mais económico e eficaz.

Nos desenhos: Quando a defesa faz parte de uma personalidade bem integrada, dará como resultado produções gráficas ordenadas, com boa localização espacial, distinção entre o que é interno e o que é externo e entre as partes internas.

Além das características comuns a todos os mecanismos obsessivos: meticulosidade, pormenorização, necessidade de rever e refazer os desenhos (desenho 35 e também o 42)²⁹ —o que mostra a dificuldade de desprender-se da produção e indica um funcionamento retentivo— e do aparecimento de zonas sujas em consequência das emendas introduzidas (fracasso do controle implícito na busca da ordem, da simetria e da limpeza) as figuras caracterizam-se ainda por:

-não agressivas; roupa cuidada; ausência de sedução, presença de aspectos formais: roupa fechada, fato, gravata; movimento corporal inexistente ou coarctado (rigidez e tensão corporais), mostrando o controle imposto aos impulsos; preocupação pelos limites da figura; localização e tamanho médios.

²⁹ Neste caso, a defesa é algumas vezes uma defesa eficaz, porquanto consegue melhorar a produção de alguns aspectos.



E)- AS DEFESAS NEURÓTICAS

1)- O deslocamento: A necessidade de dissociar o vínculo agressivo do vínculo amoroso com o objecto, está subjacente a este mecanismo. As características persecutórias atribuídas ao objecto externo odiado, são transferidas (deslocadas) para outro ou outros objectos externos que passam a ser temidos ou evitados enquanto depositários de fantasias agressivas.

Este é o mecanismo latente das fobias. Freud estudou-o pela primeira vez no caso do "pequeno Hans". Nele, as fantasias terroríficas em jogo na relação com o pai, foram deslocadas para os cavalos. O deslocamento tem como finalidade proteger o vínculo amoroso com o objecto, situando o temor (e, de modo latente, o ódio) noutros objectos menos necessários, que podem ser evitados e odiados e por cuja perda não se sofre. Isto alivia o ego do perigo e da dor, permitindo-lhe situar impulsos (de morder, de afogar, invadir, etc.) e partes corporais (dentes, genitais, etc) no objecto externo (identificação projectiva).

Na evolução normal, o deslocamento está presente nos processos de generalização e de formação de símbolos.

Quando indica detalhes mínimos, é um mecanismo típico de técnicas obsessivas; a preocupação concentra-se em aspectos ou pormenores não essenciais da realidade, mas sobre os quais foram deslocadas situações vinculares essencialmente carregadas.

Tal é o deslocamento de "baixo para cima", que corresponde a uma necessidade de situar na parte superior do corpo, conflitos relativos às funções e aos órgãos genitais. Este tipo de deslocamento pode estar presente em conversões histéricas. (Por exemplo: equação

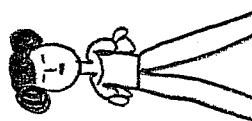
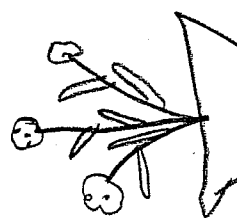
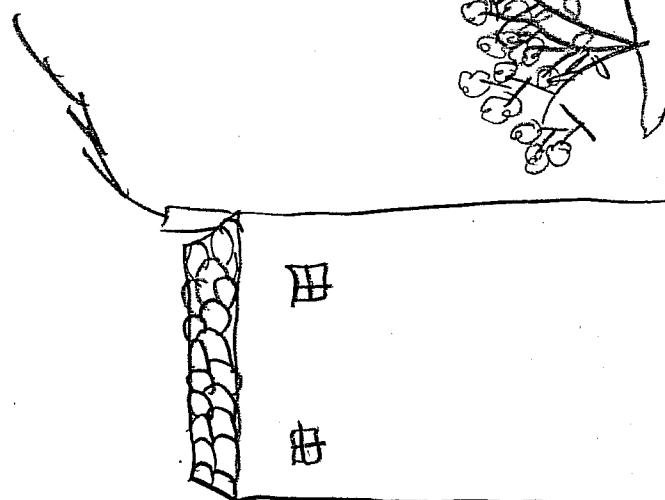
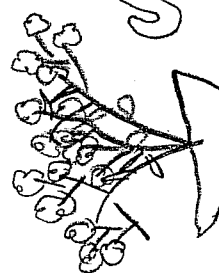
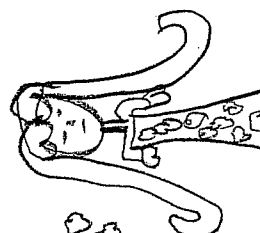
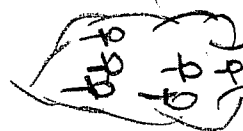
garganta-vagina), ou em conflitos relacionados com rendimento intelectual (equação potência intelectual - potência sexual) ou com a posse do pênis: ver des. 45 e 46 em que este tipo de mecanismo se traduz pelas peculiaridades das cabeleiras.

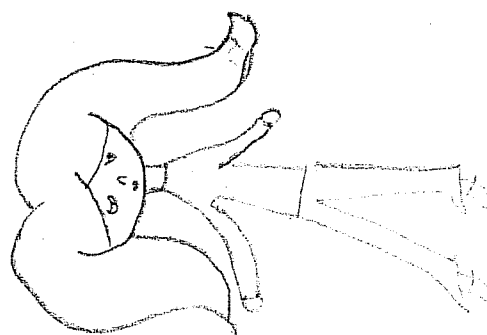
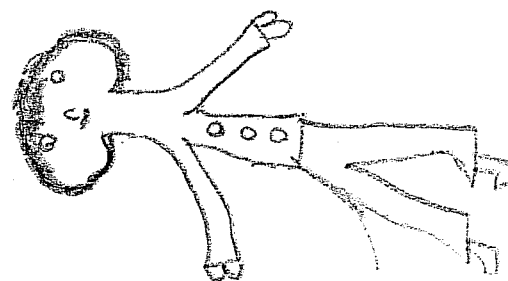
Nos desenhos, o que é "deslocado" varia de um caso para o outro, sendo em termos gerais, um vínculo conflitual com o objecto de que se precisa, no qual está contida sempre uma função, uma parte corporal, ou um impulso vivido como perigoso. Manifesta-se graficamente na:

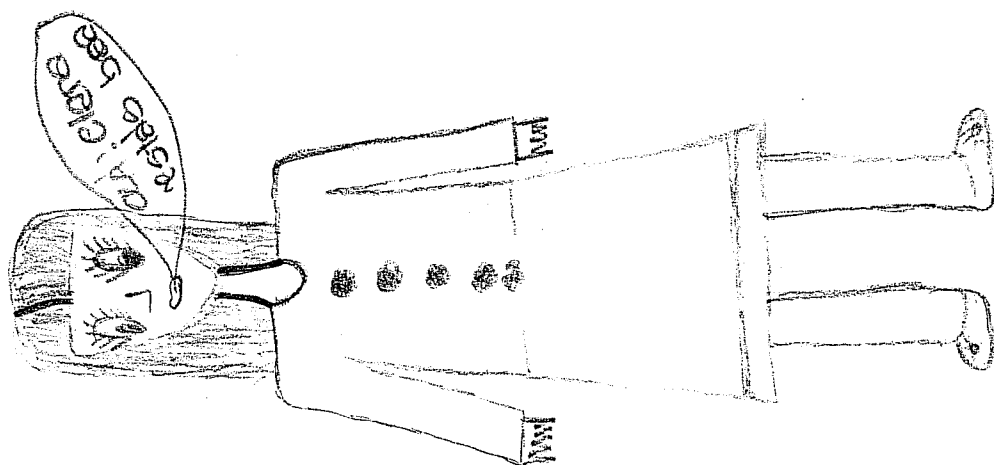
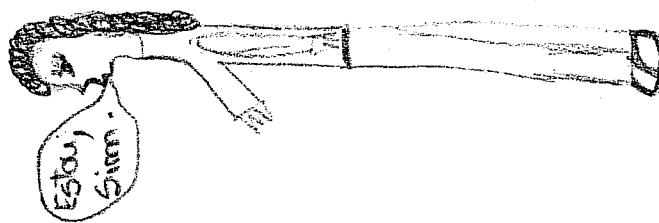
1-Necessidade de adicionar um novo objecto, o simbolizador do vínculo: des. 47, 48 e 49. No primeiro (47) a agressividade aparece deslocada para o cão ladrando e a casa a arder, enquanto é preservado o vínculo amoroso entre sujeito e objecto representado pelos amáveis cumprimentos. Nos dois últimos nota-se o deslocamento do interesse pela procriação: para os pássaros e plantas, no 48, e para o ninho da árvore, no 49.

2-Localização da situação conflitual em objectos acessórios do desenho, no "fundo" ou na "decoração" do objecto gráfico. No des. 47 a "cena" desenvolve-se à frente, à esquerda. Ao fundo, a casa a arder (e, de lado, o cão ladrando) suporta o deslocamento da agressividade, permitindo um relacionamento pacífico entre as duas personagens. No caso em questão, os elementos do protocolo permitem pensar que o conflito se joga entre duas partes de si mesma. Objectos interiorizados, portanto.

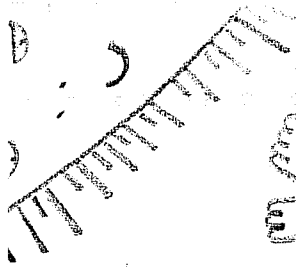
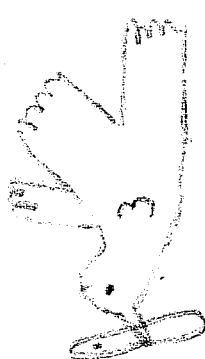
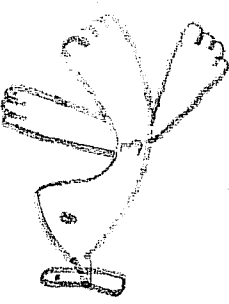
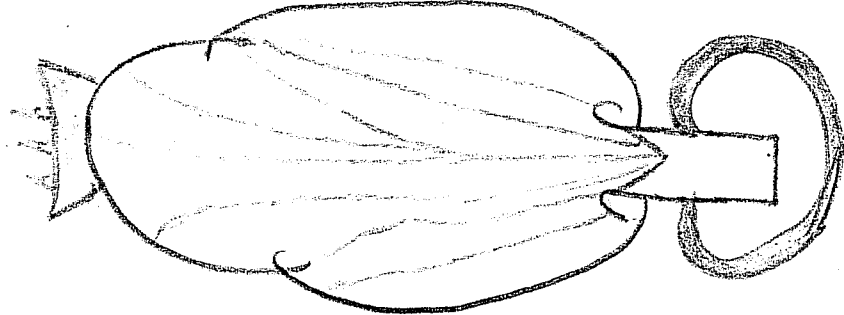
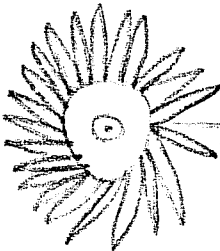
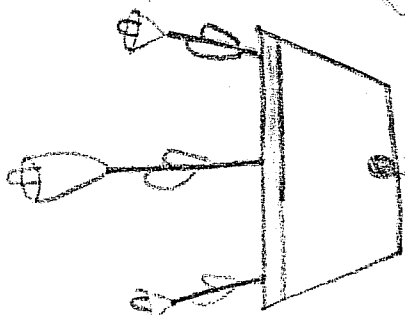
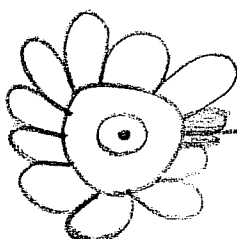
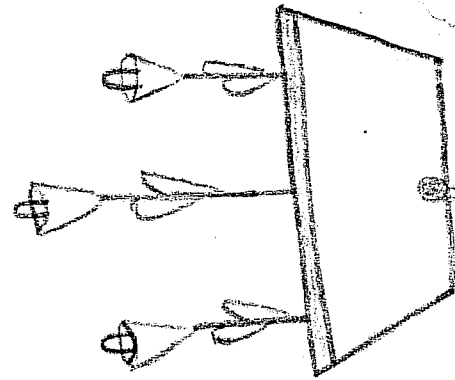
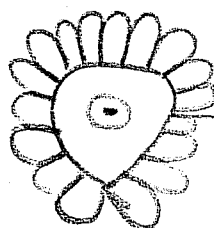
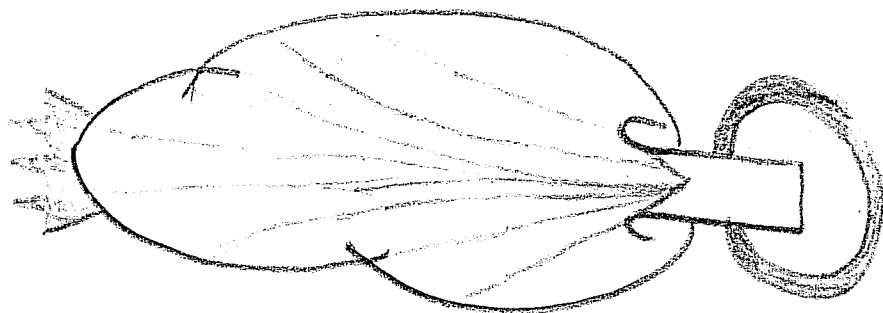
Na figura humana a localização da situação conflitual faz-se em zonas corporais não conflituais: preocupação pela potência sexual deslocada no desenho para a gravata ou para o nariz, etc.

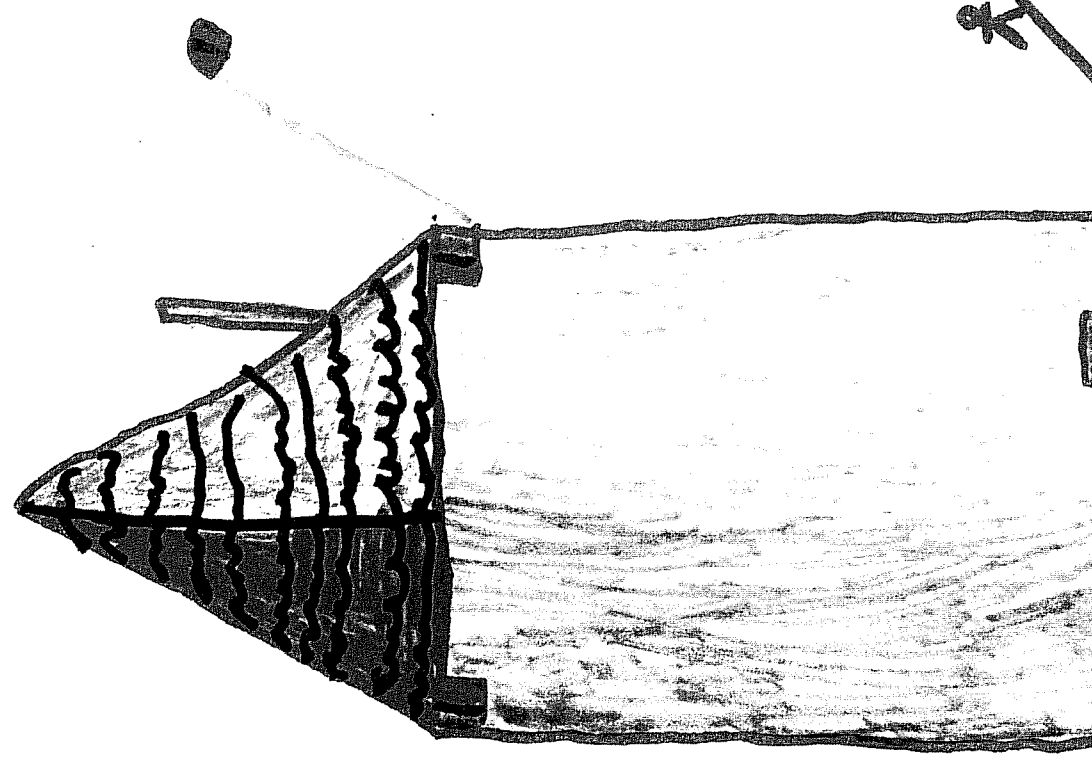
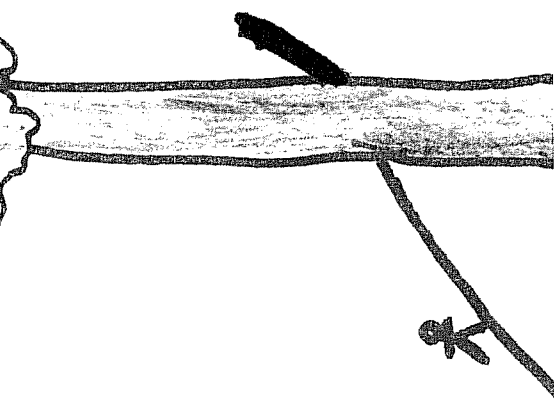
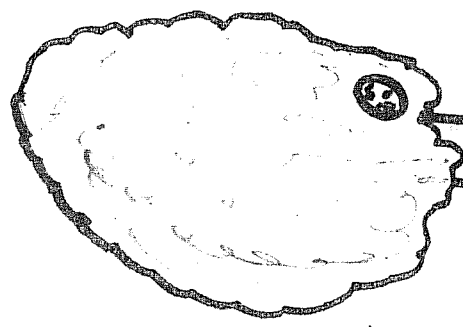
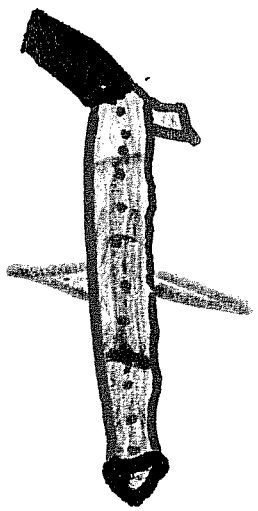
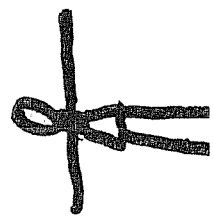






Um dia de Primavera.





2)- O Recalcamento: Fenomenologicamente, manifesta-se por lacunas do pensamento, do sentir ou verbalizar (lapsus). É o esquecimento não intencional dos factos e fantasias, ocorridos na realidade interna e externa.

Está relacionado, em parte, com o mecanismo de negação (responde à fantasia "necessito não conhecer tal aspecto meu e do objecto: se não o conheço não existe").

Assenta também num mecanismo de clivagem embora num plano mais evoluído e adaptativo.

Dentro da teoria kleiniana, na evolução normal, o recalcamento é herdeiro do mecanismo de clivagem e torna-se possível, em resultado da elaboração da etapa depressiva.

O recalcamento como mecanismo adaptativo marca a possibilidade de clivagem entre as fantasias e entre a vida consciente e inconsciente. Tal clivagem não se refere a uma divisão rígida e irreversível mas é comparável a uma membrana permeável, porosa, que, embora possibilite a separação de ambos os aspectos da realidade psíquica, permite ao ego permanecer em contacto com as fantasias ou recordações funcionalmente recalçadas.

Como mecanismo adaptativo, mantém operacionalmente separadas as fantasias inconscientes, que são mobilizadas frente a qualquer contacto com os objectos e situações externas. Se fossem totalmente conscientes, impossibilitariam o contacto com a realidade. Favorece o bom funcionamento psíquico mediante o esquecimento do trivial, do acessório e do secundário.

Como mecanismo neurótico, funciona como um dique de "contenção" provocando empobrecimento e bloqueio.

H.Segal, refere-se às causas de tal rigidez:

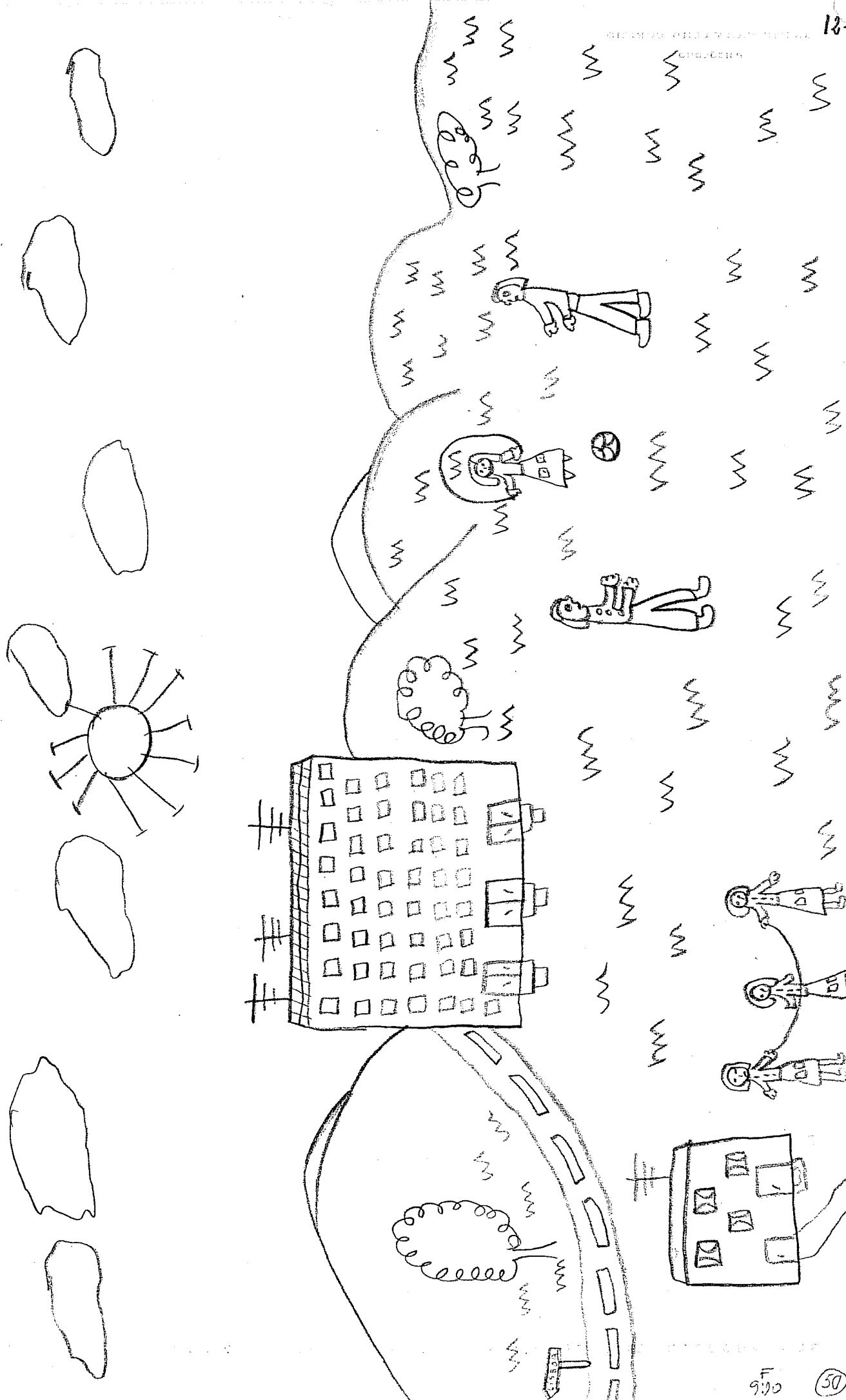
"se a clivagem inicial for excessiva, o recalcamen-
to posterior será de excessiva rigidez neuró-
tica. Quando a clivagem inicial foi menos severa,
o recalcamen- to lesará menos o sujeito e o incons-
ciente estará em melhor comunicação com a mente
consciente" (cit. transcrita de Piccolo).

O recalcamen- to empobrece o ego, na medida em que o limita nas suas
funções mnésicas e perceptivas (para evitar a percepção do vínculo
temido, o sujeito necessita de "não ver" (cf. no des. 47 os olhos
fechados da 2ª figura) aqueles aspectos da realidade e dos objectos
externos que poderiam fazer "recordar" ou despertar os impulsos e
as necessidades recalcadas. É um mecanismo mudo, que se exprime mais
pela "falta de" (recordações, afectos, etc.) do que pelo reforço de
determinadas condutas como é o caso da formação reactiva que impli-
ca uma necessidade permanente de reforçar o vínculo amoroso para o
controle do vínculo hostil na relação ambivalente com o objecto. No
recalcamen- to, o conflito ambivalente resolve-se pela "ausência de
afecto", pela indiferença.

Desenhos: Dado o avançado nível evolutivo a que corresponde o re-
calcamen- to, supõe uma boa organização da personalidade e, portanto,
do esquema corporal.

- As figuras humanas, apresentam com frequência in-
dicadores de outros mecanismos³⁰. Ver o des. 50

³⁰ À medida em que se avança na escala evolutiva, os mecanis-
mos são menos exclusivos e mais interdependentes. Por exemplo,
(muito embora não seja esta a ordem seguida no texto) o desloca-
mento supõe o recalcamen- to que, por sua vez, assenta na clivagem.
É, pois, natural que se manifestem, frequentemente, em simultâneo.



onde se pode observar o movimento coarctado (inibição) numa actividade que pressupõe grande movimentação das figuras; vislumbra-se também o recurso a mecanismos de controle obsessivo, na quantidade e simetria dos pormenores do edifício maior, assim como do mecanismo de isolamento, no espaço à esquerda onde se situa a árvore e a tabuleta.

- São figuras habitualmente completas e harmoniosas com localização espacial e tamanho adequados.
- A gestalt está conservada. De acordo com a intensidade do recalçamento, pode aparecer pobreza de conteúdos e aspecto rígido (falta de movimento ou movimento coarctado).
- Figuras harmoniosas e agradáveis com baixa sexualização.
- A preocupação e a luta contra as tendências exibicionistas e o erotismo corporal, evidenciam-se:
 - Nas figuras harmoniosas mas não sexuais, muito vestidas, "tapadas". Pouca preocupação com os pormenores da roupa.
 - Na falta de traços sexuais secundários, cortes marcados na cintura, corte de figura a nível genital ou tronco alto. Ênfase na cabeça, no cabelo, nos olhos.
 - Na expressão directa do conflito através de figuras humanas antitéticas quanto ao exibicionismo: bailarina, mulher sedutora versus

figura vestida, tapada.

- Pode aparecer pela sobre ou sub-dimensionação das figuras que representam o par antitético. No desenho 51, o exibicionismo, representado pela menina a saltar à corda, aparece reduzidíssimo, enquanto o outro elemento do par antitético, a escotofilia, aparece deslocada para o sol, um ser longínquo e inanimado, na realidade, mas que graficamente se impõe pela proximidade e características.
- A clivagem pode manifestar-se entre a realização gráfica e a verbal: por ex., figuras sedutoras e exibicionistas e escotomização destas características centrais na verbalização.

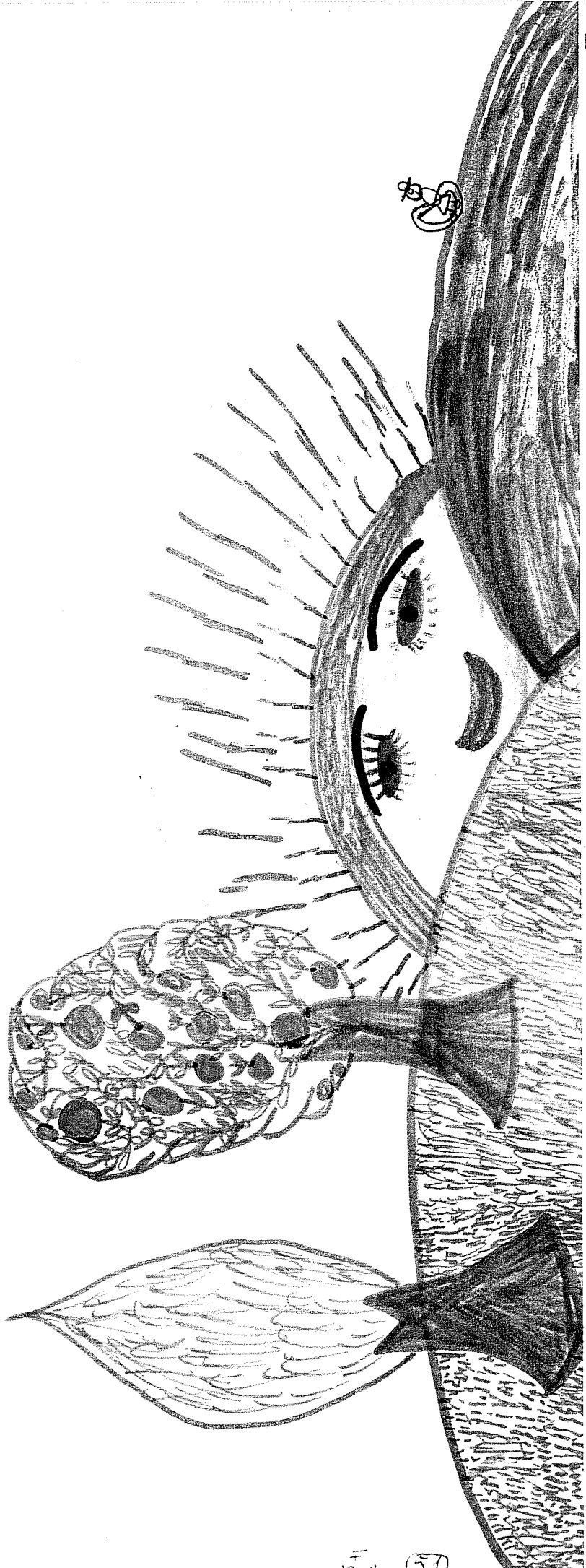
A intensidade ou o grau de recalçamento pode manifestar-se, por:

- Figuras rígidas ou coarctadas em seus movimentos.
- Figuras pobres quanto a conteúdos.
- Distância entre os pares dissociados quando estes aparecem desenhados: no desenho 51, a distância é significada pelos tamanhos das representações e pela escala dos seres: figura humana de um lado, e ser inanimado do outro).

No desenho da casa e da árvore, mantêm-se como características gerais: boa organização gestáltica; relação de partes, tamanhos e localização espacial adequados; características harmônicas. Vazio e pobreza de conteúdos, são características variáveis de acordo com o grau de rigidez e de controle das defesas.

41/4/1975

SEAKUA



3) A Inibição (ou restrição do ego), manifesta-se como impotência ou déficit de uma ou mais funções do ego: Não ver, não ouvir, não aprender etc. Uma função ou conduta é inibida por ser sentida como perigosa por estar ligada à realização de fantasias agressivas³¹. Evita-se o perigo fantasiado, anulando ou restringindo a função ligada a estas fantasias. (ver os desenhos apresentados como exemplo do mecanismo anterior «recalcamento» e os comentários feitos a propósito).

A inibição surge como defesa perante ansiedades paranóides e depressivas.

Frente a ansiedades paranóides, exprime a necessidade de autocastração, para evitar ataques retaliatórios do objecto (ppo exemplo: se os ganhos intelectuais são vividos como triunfos sádicos sobre os pais, a capacidade intelectual transforma-se em fonte de ansiedade e conflitos. Inibir uma capacidade provoca sofrimento e impotência, mas protege o ego de temores mais primários.

A inibição torna-se presente, da mesma forma, frente a ansiedades depressivas. As fantasias subjacentes são também de agressão ao objecto, mas é acentuado o medo de danificá-lo e a inibição tem a finalidade de protegê-lo.

A inibição ou restrição do ego, refere-se não só à limitação de uma função que potencialmente se poderia desenvolver, como também a um empobrecimento e a uma diminuição geral do ritmo das funções egóicas (percepção, motricidade, ritmo associativo) e costuma acompanhar os estados depressivos. Resulta de introjecções patológicas do objecto (introjecção dos objectos danificados, mortos ou agonizan-

³¹ Quanto mais severa a inibição mais próxima da "equação simbólica", na qual o símbolo é tomado pelo simbolizado.

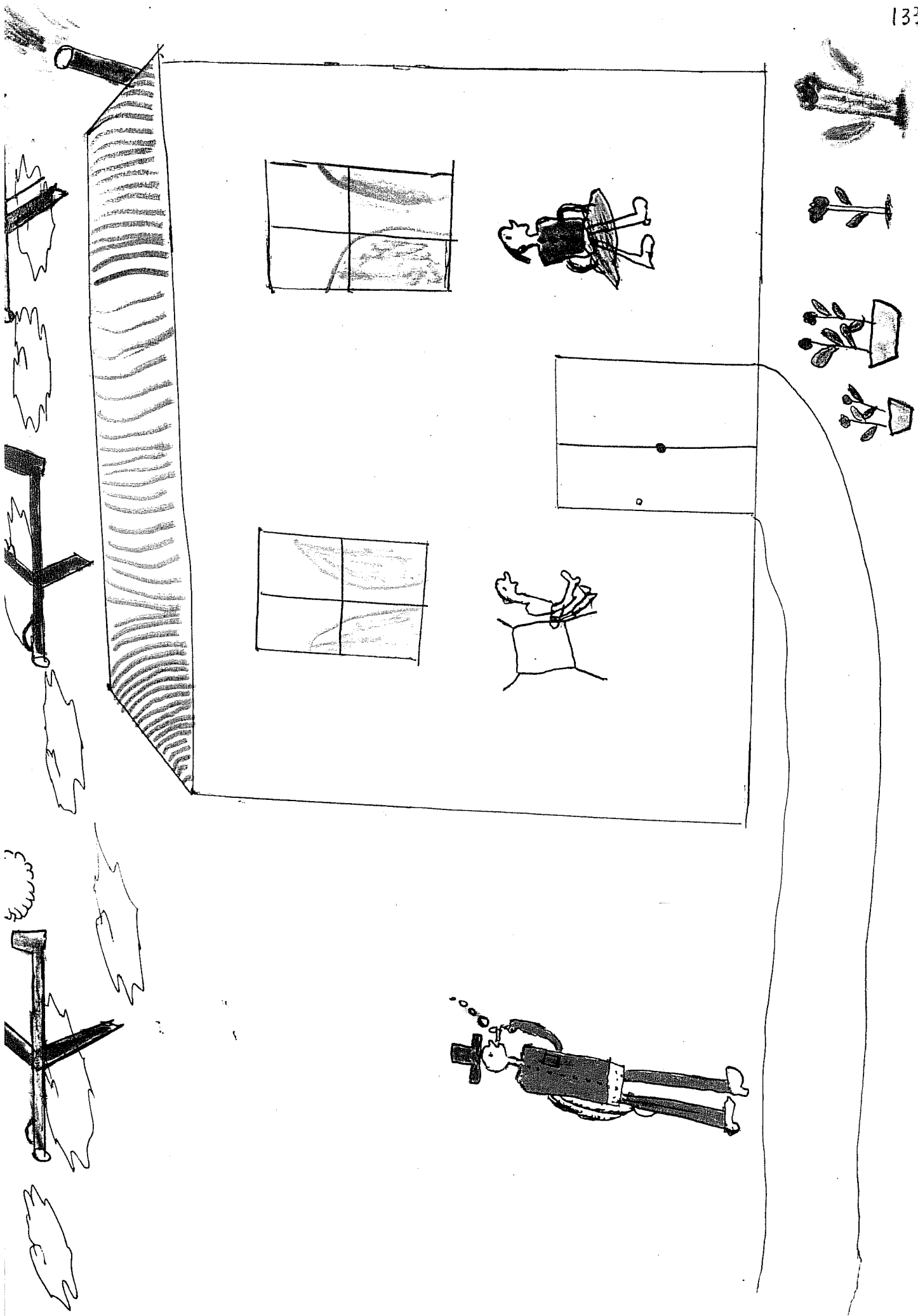
tes, com os quais o ego fica identificado.)

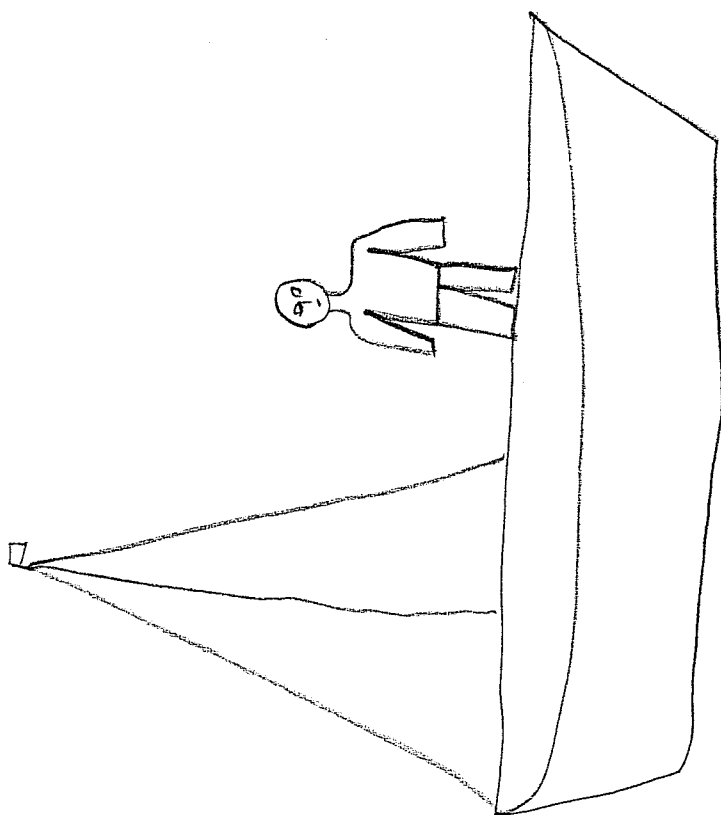
No desenho 52, perante duas figuras de simbolização sexual evidente, "o menino fica em casa porque partiu uma perna e não pode andar". Os aviões que "não são de passageiros" (e esconderão, por detrás desta afirmação, um potencial bélico não visível, expressão, também, de inibição), dão-nos uma idéia do que poderá ser a razão da imobilização (inibição) da criança: A contenção da sua agressividade destrutiva que, no caso, estava ligado a sentimentos de exclusão e abandono.

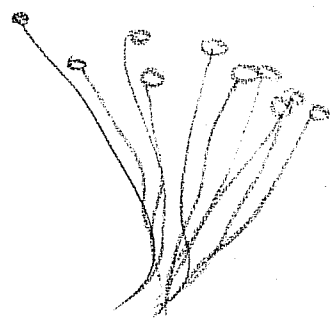
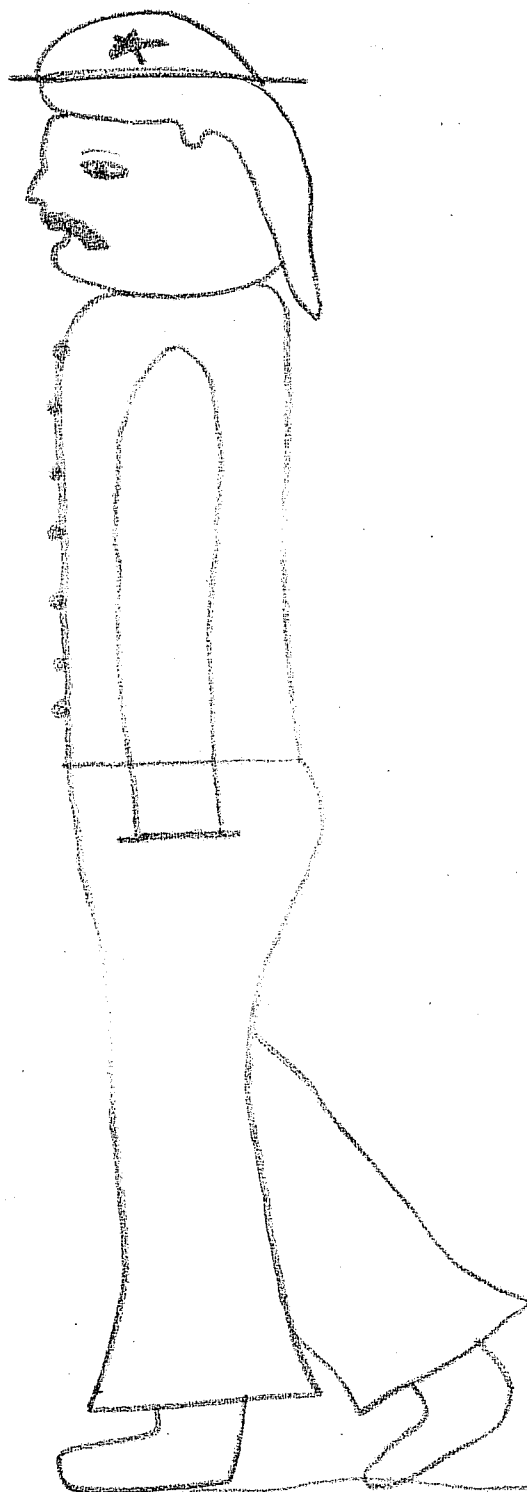
Desenhos:

Figuras humanas: A vivência de impotência e de inadequação evidencia-se através de:

- 1 -figuras humanas pequenas e fracas.
- 2 -traço débil
- 3 -amputação ou castração de zonas corporais conflituais ou relacionadas com as situações conflituais: des. 53 e 54. Neste último o esconder das mãos dentro dos bolsos (inibição da agressividade) é acompanhado por um esboço de formação reactiva: as flôres. O mesmo se pode verificar no des. 52. Os sinais variam conforme a conotação da inibição: por exemplo, nas inibições intelectuais são características a cabeça quadrada, o cabelo tipo capacete com aspecto de "robot" e muito sombreado.
- 4 -A inibição transparece ainda no reforço ou pelo tratamento especial de certas zonas ou,







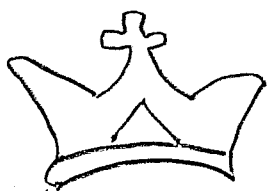
ao contrário, pela ausência de partes específicas: mãos, pés, por exemplo. Manifesta-se também por impotências verbalizadas pelo sujeito durante a produção: "não sabe, não pode desenhar tal ou tal aspecto do desenho": No des. 55, a criança, colocada perante a tarefa de executar um desenho livre, depois de muita hesitação e manifestações verbais de incapacidade, desenha os contornos da marca do papel que costuma ver-se à transparência.

- 5 -A inibição como mecanismo mais abrangente da personalidade aparece no desenho de figuras fracas, inseguras, pequenas; ou figuras de pessoas sentadas ou encostadas, como expressão de baixa vitalidade e de fraqueza do ego (com excepção das pessoas que tem impedimento físico real, em cujo caso seria indício de uma boa integração da deficiência).

Na casa e na árvore, predominam as características gerais de pequenez e pobreza de conteúdo; a casa é rudimentar, solitária e pequena: ver des. 56 de uma menina com uma inibição grave.

A árvore é pobre, com pouca folhagem, sem frutos, com desconexão de partes ou zonas mais importantes. Estas características correspondem à expressão directa da inibição como defesa.

Na inibição, contudo, o material gráfico pode registar a fantasia onipotente e agressiva do triunfo, que motiva, na conduta manifesta, a inibição como sintoma e defesa, um pouco à semelhança do Rorschach em que a um número alto de respostas movimento, corresponde, com frequência, uma conduta inibida na prática.



LIMHO BOND

Jose Antonio



4)- A Regressão é a reactualização dos vínculos objectais correspondentes a momentos evolutivos já superados no desenvolvimento individual. O ego capitula frente a situações actuais que não pode resolver e apela para modalidades de relação mais primitivas do ponto de vista evolutivo, que foram, no seu tempo, eficazes para manter o equilíbrio.

A regressão pode implicar uma modificação estrutural (que se reorganiza, então, a um nível mais primário) ou pode limitar-se a afectar determinados vínculos ou funções (p.ex.: reactivação da dependência limitada a figuras paternas, diferentemente de uma regressão total à atitude oral-receptiva-passiva infantil).

Como mecanismo normal manifesta-se quotidianamente no dormir e no sonhar; evolutivamente, a regressão está unida à necessidade de progressão, já que a evolução nunca é linear: processa-se em etapas através de pequenas regressões ao estado intermediário anterior.

Tais processos apresentam-se como consequência natural de situações dolorosas, chegando a ser indispensáveis para a sua elaboração:- por exemplo nas situações de luto, a reactualização de atitudes oral-receptivas, a reactivação da dependência e corte transitório com o mundo externo, implicam processos de regressão indispensáveis para a consecução de um bom desprendimento do objecto perdido.

Quando a regressão se coloca ao serviço do ego, torna possível a conexão com fantasias inconscientes que o favorecem e enriquecem, constituindo a base dos processos criativos.

"A regressão patológica implica uma regressão estrutural, reversível ou não, a pontos perturbados do desenvolvimen-

to. Na doença psíquica produz-se sempre uma regressão a fases do desenvolvimento anteriores nas quais estavam presentes perturbações patológicas que criaram bloqueios e constituíram pontos de fixação" (H.Segal.Citação transcrita de Piccolo)

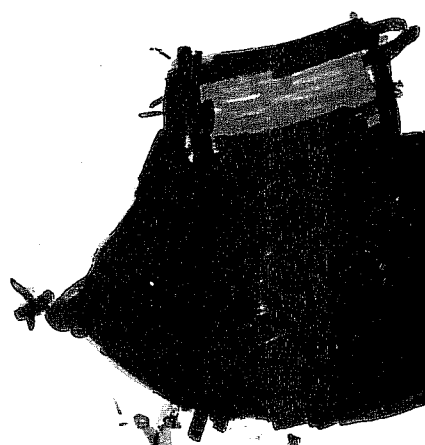
Na avaliação psicológica, interessa-nos determinar quais as possibilidades de regressão, quais as possíveis situações de tensão susceptíveis de desencadear a regressão e o nível de organização (neurótica ou psicótica) a que essa regressão levará.

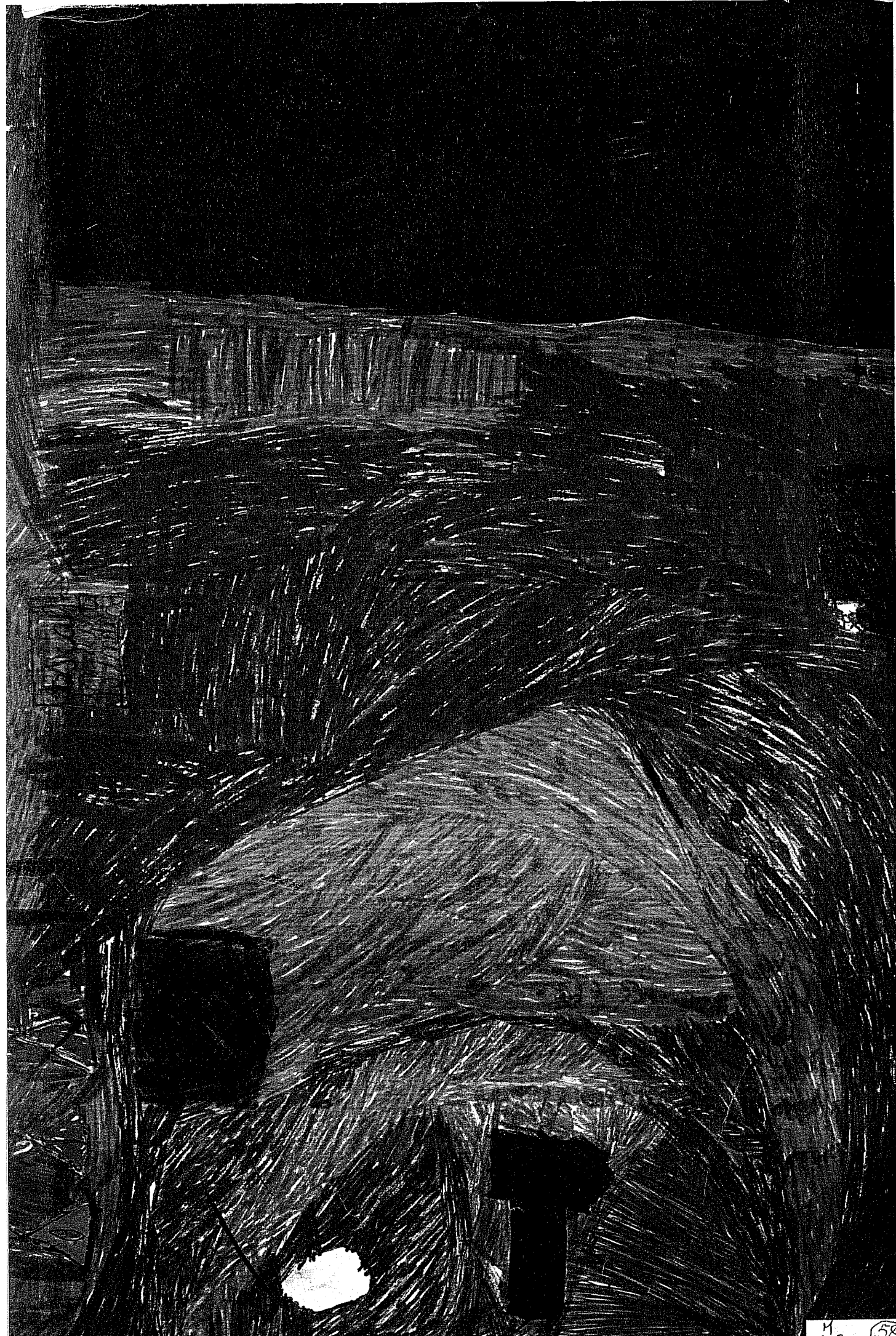
Desenhos: Nos desenhos o melhor meio seria comparar uma série de desenhos anteriores com os actuais. Na falta, a análise dos seus elementos, a sua sequência e direcção, podem ajudar.³²

Também o modo como são feitos, nos pode dar uma idéia. Um dos indícios facilmente observáveis é um progressivo incremento e exacerbação do controle obsessivo (incremento do reforço, super-por-menorização), acompanhado de um maior empobrecimento e confusão do objecto conseguido: des. 57 e 58.

A análise dos elementos do desenho também nos podem fornecer indicações, na medida em que apresentarem zonas destruídas; casas em ruína, com rupturas; perdas de equilíbrio ou equilíbrio precário: figuras caindo, ou sem base de apoio: No desenho 59 podemos observar alguns destes sinais.

³² Estes aspectos são mais visíveis em testes onde se pede ou favorece essa sequência, como é o caso, por exemplo, do teste HTP, onde é pedido para se desenhar uma casa, uma árvore e uma pessoa. Não é o caso aqui, pois o material exemplificativo deste trabalho é constituído apenas por amostras do chamado desenho livre.







5)- A Sublimação na teoria freudiana, é a canalização dos impulsos instintivos para as actividades criadoras, socialmente adaptadas, como resultado de um processo bem sucedido de renúncia a um fim instintivo.

As abordagens à teoria kleiniana permitem vincular o conceito de sublimação às ansiedades e ganhos derivados da situação depressiva. A dor e o sofrimento relacionados com os objectos queridos e valiosos, que se teme haver destruído, mobilizam impulsos de reparação, e de recriação dos objectos internos e externos, que constituem a base da criatividade e de sublimação. H.Segal refere-se a este momento da situação depressiva:

"A ânsia de recriar os seus objectos perdidos impele o bebé a juntar o que despedaçou, a reconstruir o destruído, a recriar e a criar. Ao mesmo tempo, o desejo de proteger os seus objectos leva-o a sublimar os impulsos que sente como destrutivos. Deste modo, a preocupação pelos objectos muda os fins instintivos e produz uma inibição dos impulsos instintivos".

Referindo-se ao conceito de Freud:

"Só através de um processo de luto se podia produzir uma renúncia bem sucedida. A renúncia a um fim instintivo, ou a um objecto, é uma repetição e ao mesmo tempo, uma revivência da renúncia ao seio. Como nesta primeira situação, o bebé tem êxito se o objecto a que deve renunciar pode ser assimilado pelo ego, graças a um processo de perda e de recuperação internas. Eu sugiro que um objecto assim assimilado se converte num símbolo dentro do ego..."
(transcrito de Piccolo).

A possibilidade de sublimar, supõe a capacidade de reparação, e está em relação directa com ela, na medida em que se propõe proteger o objecto de novos ataques hostis e a repará-los pelos danos que já sofreu. A sublimação é em si mesma, um trabalho de reparação, que implica um vínculo de amor com um objecto total e se exprime através da criatividade, da capacidade de se realizar e de se auto-reparar.

Desenhos: Seguindo este ponto de vista, pode conceber-se que a necessidade de desenhar surge, na evolução, como uma tentativa de recriação e de reparação dos objectos. Assim como as primeiras palavras recriam o objecto interno e o tornam independente do externo, o desenho responde, da mesma forma, à necessidade de recriação dos primeiros objectos. Quando pedimos a alguém que faça um desenho, estamos a colocar esse alguém diante de uma tarefa de criação, ou de recriação, de um objecto, de uma tarefa reparatória. Tarefa que nos pode mostrar tanto as ansiedades, as dificuldades ou as preocupações que se mobilizam nessa tarefa face à reparação, como o estado dos seus objectos internos e do seu ego: inteiros, despedaçados, parcializados, etc.

Na medida em que a sublimação e reparação estão indissoluvelmente unidas, o grau de desenvolvimento da capacidade de sublimação vai transparecer:

- a)- Na disposição, atitude e modalidades com que o sujeito enfrenta a tarefa projectiva: ansiedades e defesas frente à (re)criação.
- b)- No aspecto inteiro, sólido, harmonioso (reparado) ou, pelo contrário, destruído, do objecto gráfico.

1 - No tocante à atitude do sujeito quanto às suas capacidades reparatórias, Piccolo refere:

a)-Atitude depressiva adaptativa, traduzida na preocupação em realizar a tarefa adequadamente, no clima emocional de introspecção, na adequada capacidade de auto-crítica e na adequada valorização.

b)-Diferentes tipos de condutas desajustadas, indicadores de conflitos que interferem na execução de uma autêntica reparação: referências à inabilidade e ao medo de realizar a tarefa; auto-crítica exagerada (medo de não contar com recursos reparatórios); incapacidade de defender-se do objecto gráfico, que é vivido como permanentemente incompleto, não terminado (tendência reparatória em luta contra impulsos hostis); necessidade de sair da tarefa rapidamente, evitando todo o contacto afectivo-depressivo (evitamento de ansiedades depressivas); entusiasmo exagerado, diversão, brincadeira: negação maníaca.

2 - Referindo-se às características que objecto gráfico terminado possui e que evidenciam o grau de reparação que o sujeito consegue em relação aos seus objectos e a seu ego, assinalamos que:

quanto mais destruído, despedaçado, desarmónico é um objecto, maior será a quantidade de destrutividade e menor a capacidade para conseguir uma síntese depressiva adequada e para desenvolver capacidades sublimatórias. Como a sublimação é o resultado da elaboração parcial ou total da situação depressiva, ela exprime-se nos desenhos pelo grau de aproximação a objectos inteiros, integrados, har-

moniosos, adequadamente relacionados com o que há em volta, receptivos, protectores, etc.

Critérios de análise:

- a) - Gestalt mantida: Objectos gráficos completos, inteiros, sólidos, por oposição a objectos destruídos, atacados na totalidade ou em zonas circunscritas. Atitude do sujeito face aos objectos desenhados: preocupação em corrigi-los, grau de aceitação das imperfeições, negação delas, etc.
- b) - Objectos totais ou parcializados: O objecto gráfico obtido regista todo o objecto real ou partes do mesmo, e, neste caso, importa saber que partes do objecto são desenhadas e se correspondem a zonas diferenciáveis do corpo: cara, tronco, etc.
- c) - Diferenciação e conexão mundo interno/mundo externo: Verificam-se através dos limites do desenho e do tipo de tratamento dos órgãos de recepção e das zonas de contacto com o mundo externo.
- d) - Integração das diferentes áreas da personalidade: (pensamento-afecto-acção): Tratamento balanceado, supercentrações, omissões.
- e) - Plasticidade e ritmo: Movimento harmónico, versus rigidez, estereotipia e coarctação.

4- A LEITURA DOS MOVIMENTOS PSÍQUICOS na situação de avaliação psicológica.

Ficou claro ao longo da exposição dos mecanismos reguladores da ansiedade, que é na relação com o objecto que eles se processam. A análise das condutas através das quais se revelam (no caso presente as produções gráficas), parecer-se-ia com a elaboração de uma qualquer tabela/chave-dos-desenhos, se não sublinhássemos o facto. Mas mesmo chamando a atenção para ele, não fica suficientemente mitigado o carácter aparentemente estático, um tanto funcionalista e gratuitamente analógico, da análise isolada dos desenhos. Propomos, por isso, abordar agora a leitura dos movimentos defensivos na vívida dinâmica relacional da situação de observação, para o que terei, simultâneamente, de descrever esta.

A situação de observação³³ é uma situação desencadeadora de ansiedade a vários títulos. Sublinhemos, de momento, o facto de ser um encontro da criança com um estranho, o que desencadeia uma série de mecanismos de defesa tendentes a transformar o desconhecido em conhecido.

O nível de ansiedade, a habilidade no uso dos mecanismos seus regu-

³³ Exame Psicológico, Avaliação Psicológica ou outras expressões equivalentes.

ladores, assim como a actuação do próprio observador, determinam a "escolha" desses mecanismos e o modo de usá-los, situando-se o resultado entre uma aceitável percepção da realidade e a "denegação" dela ou de parte dela.

Falámos atrás da identificação projectiva na sua acepção mais conhecida, talvez, e que consiste em encará-la como a operação de colocar partes do self no objecto a fim de o controlar ou atacar. Este é apenas um aspecto da identificação projectiva que se destaca para melhor compreensão. O conceito é mais rico, pelo menos quanto às finalidades, e abrange, entre outros, os interligados sectores do conhecimento e da comunicação. Betty Joseph (1987) comenta:

"...é frequentemente difícil determinar, num dado momento, se a identificação projectiva tem por finalidade principal comunicar um estado da mente que não pode ser verbalizado... ou se o seu objectivo visa mais a invasão e o controle (ou o ataque)... Frequentemente ambos os objectivos estão presentes e merecem ser considerados" (pg. 72).

Para servir os fins propostos nesta secção (a situação de observação psicológica) vamos encarar a identificação projectiva nos seus aspectos de técnica de conhecimento e de comunicação. Sabemos como estes têm importância na regularização dos níveis de ansiedade.

A primeira finalidade na utilização deste processo seria submeter o desconhecido (ansiógeno) a uma "familiarização" forçada, por

efeito da tendência à repetição, transformando uma situação ainda sem significado numa vivência de sedução ou agressão.

Neste sentido, a identificação projectiva, de uma forma global, considerando-se como um complexo processo de regulação da ansiedade desenvolve-se em quatro tempos³⁴:

1º TEMPO: De projecção, propriamente dita, em que uma percepção, tendo sofrido uma certa distorção, é de algum modo externalizada, isto é, atribuída ao objecto ou à sua representação.

2º TEMPO: De recepção. O conteúdo projectado é recebido (percebido) pelo destinatário.

3º TEMPO: De resposta, pelo receptor, que devolve o conteúdo projectado, intacto ou modificado.

4º TEMPO: De reinternalização do projectado, devolvido pela resposta.³⁵

³⁴ C. Amaral Dias, elaborando este aspecto particular da identificação projectiva escreve em *Da Identificação à Identificação Projectiva*, 1984, in "Para uma Psicanálise da Relação", 1988: "Basicamente consideramos a identificação projectiva como um mecanismo fundamental na interacção e na relação de objecto, mecanismo esse com sincronias e diacronias extremamente complexas, mas que basicamente se estruturam em três tempos (num escrito posterior, *Da Identificação Projectiva à Identificação*, refere quatro tempos o que torna mais funcional o esquema, do qual me sirvo): tempo da projecção, tempo da recepção pelo objecto com a consequente transformação do que nele foi projectado e tempo de internalização pelo sujeito do que dele se projectou sob a forma modificada da resposta objectal. O mecanismo é, em síntese, a forma sob a qual se estrutura toda a comunicação humana, quer no sentido positivo, quer negativo. (sublinhado meu).

³⁵ Um quinto tempo poderia ainda ser inserido entre o segundo e o terceiro. Teria a vantagem de dar espaço ao estudo da função continente, função de rêverie, etc., do objecto, funções basilares do processo relacional.

Tomemos, por exemplo hipotético, o caso de uma criança que, assustada com uma situação de exame psicológico a que foi levada por motivos que, eventualmente, nada terão a ver com dificuldades escolares, identifica a situação de observação com uma situação escolar, alheia aos indícios (suprimindo, distorcendo: 1º tempo) que lhe apontam para uma radical diferença entre as duas situações e, num jogo de sedução, faz um desenho estereotipado, perfeitinho, limpo, e que, inclusivamente, perguntará ao observador se está bem, ou mesmo se gosta.

Este recebe a mensagem e tem duas possibilidades de resposta:³⁶

a)- Valorativa: Positivamente valorativa e continua o jogo de sedução; ou negativamente valorativa e desencadeia (ou continua) uma vivência relacional agressiva.

Em qualquer das modalidades corrobora e reforça a denegação operada, tendente a fazer equivaler a situação real a uma situação escolar e a demonstrar que, por conhecida, não há que ter medo dela. Em qualquer dos casos também, os elementos de comunicação tenderão a repetir-se indefinidamente num processo defensivo cíclico e estéril.

b)- Compreensiva: O observador propõe-se saber porquê e para quê o desenho foi feito e feito desta maneira e, assim, faz descobrir (e descobre ele próprio) o sentido das coisas que o não tinham (conscientemente), dinamizando a actividade mental e impedindo que se estabeleça o ciclo estéril da primeira hipótese. Ao mesmo tempo valoriza nar-

³⁶ Na realidade tem muitas mais.

cisicamente a criança na medida em que desloca o interesse pelo produto (aquilo que a criança faz) para o processo e suas motivações (para aquilo que a criança é): terceiro tempo.

Analisemos um caso concreto:

CASO I

Os desenhos numerados de 60 a 63, pertencem a um rapaz de cerca de oito anos, que nos é trazido pelos pais, a pedido da escola, por "irrequietismo", característica que os pais não verificam em casa, à exceção de uma certa agitação durante o sono.

Desenha rapidamente o primeiro e coloca-o à minha frente, com um movimento de rotação da folha, chamando-me a atenção para a imperfeição do canto inferior direito.

Comenta que se tivesse desenhado a lápis podia apagar, mas assim (...) Não teria eu uma borracha de tinta...?

Miguel, chamemos-lhe assim, aborda a situação de observação psicológica fazendo-a equivaler a uma situação escolar em que eu avalio um produto final notando e corrigindo erros. A situação não é escolar e ele sabe-o nalgum lugar de si mesmo, o que é inquietante. Para diminuir a inquietação, a situação que não é escolar passa a sê-lo, por distorção da realidade.

- "O importante é a gente falar do que tu desenhas-te, e do que pensaste enquanto fazias o desenho,

daquilo que querias dizer com isso", foi a resposta, tentando corrigir a distorção perceptiva, o que levará a uma internalização da resposta (40 tempo) mais de acordo com a realidade e bem mais apropriada para um funcionamento em processo secundário.

- "É uma escola", diz.
- "Numa escola passam-se coisas. Pensaste nalguma enquanto desenhavas..."
- "Não se passa nada", responde.

Se nada se passa porquê, então, fumega a chaminé? - Pergunta que não foi feita, pois que, entretanto, Miguel inicia o desenho seguinte (61). É um desenho colorido, feito com cuidado, em silêncio.

Disse-lhe quando me parece concluído:

- "Ao contrário da casa um barco mexe, vai de um lado para o outro. De onde será que ele vem e para onde irá?"
- "Está parado", foi uma das respostas.

A outra, veio sob a forma de desenho (62), onde o barco, para além da bandeira (elemento de identidade) tem mais dois elementos em significativa evidência: a hélice e a âncora: - Propulsão e amarra. Forças pulsionais e contra-pulsionais a manterem o barco (o ego) parado. Parado mas irrequieto. O "irrequietismo" do cavalo fogo

enquanto o cavaleiro não lhe alarga a brida? O seu "irrequietismo", talvez.

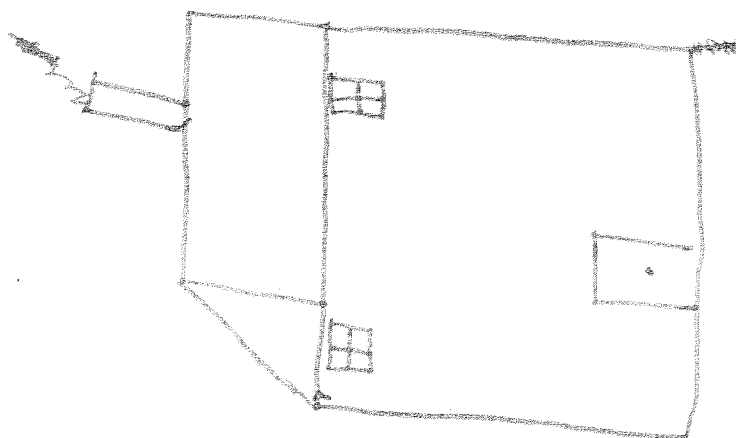
- "Há uma coisa que empurra e outra que prende", disse-lhe, apontando, sucessivamente, a hélice e a âncora.

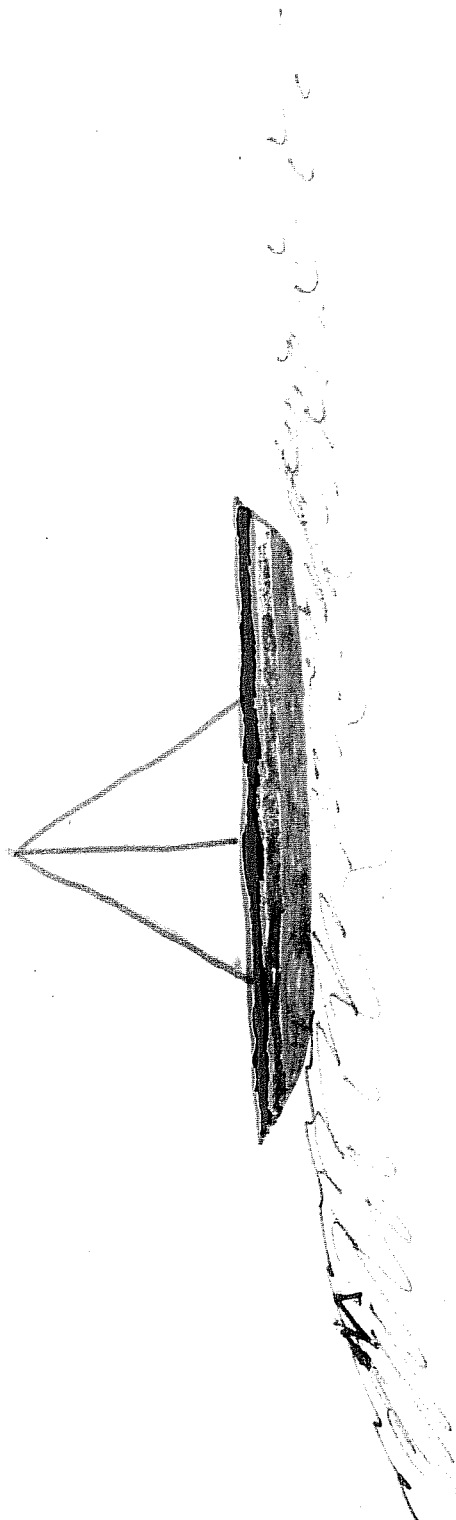
Aparece então uma visível ansiedade com expressão motora: remexe-se, pisca os olhos..., sinal possível da dificuldade em elaborar alguma idéia.

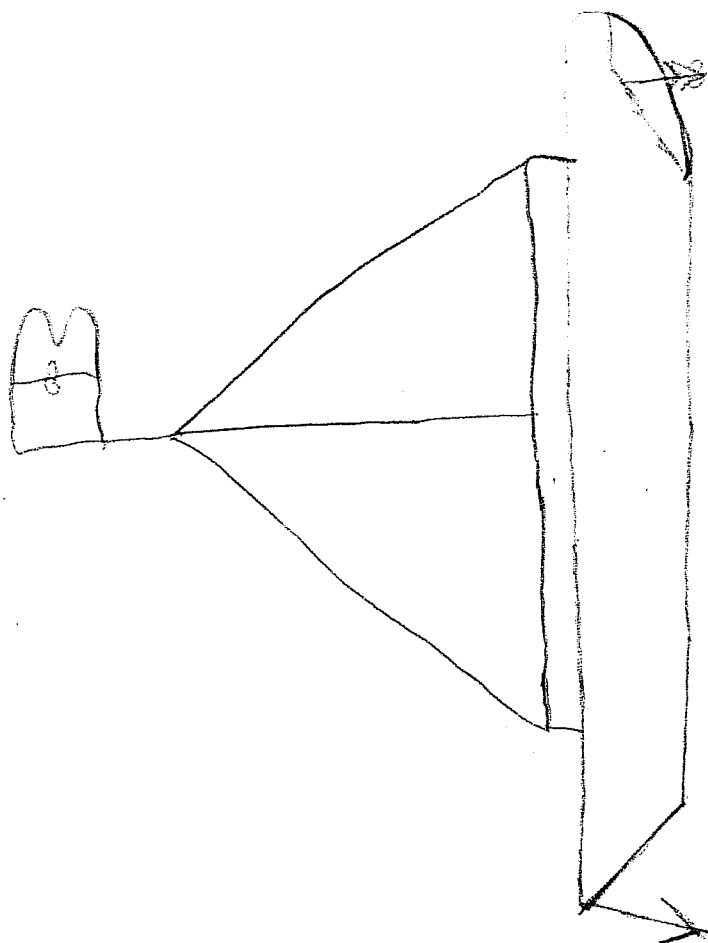
Partindo deste princípio, digo-lhe, em resumo, que não estando nós na escola nem em casa (corrijo a equivalência que ele estabelece entre uma coisa e outra: função do 3º tempo), mas em lugar onde podemos pensar e falar de tudo, não acontece desgrça nenhuma a ninguém se ele imaginar, por exemplo, o que aconteceria se o motor arrastasse a âncora ou se esta fosse levantada.

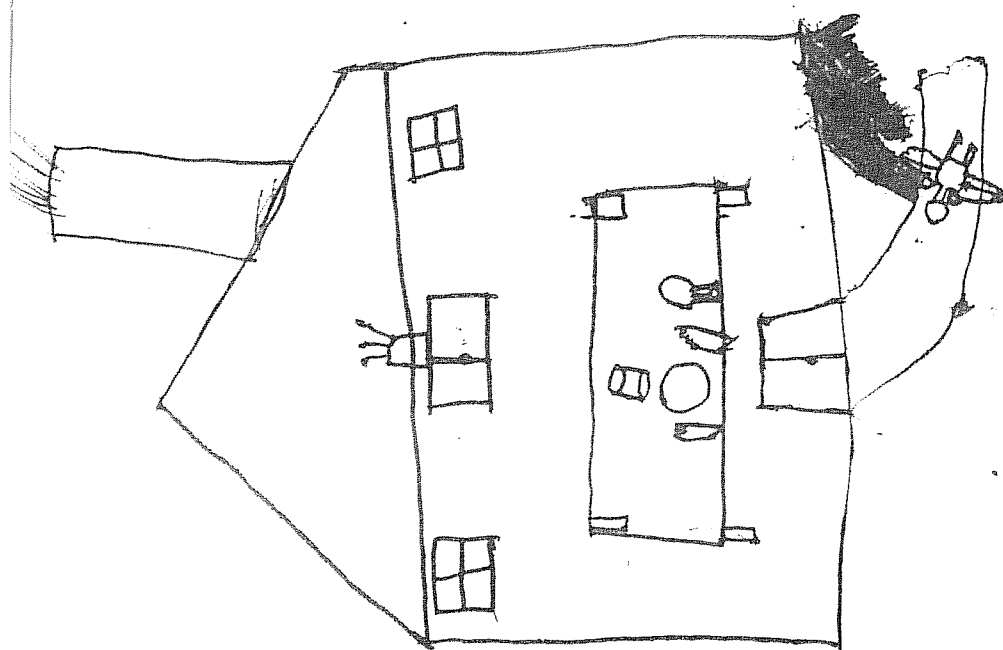
-"Libertavam-se perigosas idéias agressivo/destrutivas"-, foi a resposta, vinda em forma de um desenho, a vermelho (63), onde é representado "um pai" a esvair-se em sangue, que não chega para o jantar, por ter sido atropelado na rua.

Tenta dar um certo ar realista, contando uma história, confusa do ponto de vista formal verbal, em que efectua um deslocamento para a família de um professor da escola: a agressividade deslocada para o professor, o que lhe permite viver em paz (em casa não é irrequieto) com os objectos a quem ela primeiramente é destinada.









Neste caso podemos ver como a criança, ajudada pelo observador que recebe, elabora e modula as projecções, nos dá elementos sobre a problemática, a organização e funcionamento mentais. Vejamos alguns:

A problemática é sustentada por uma pulsão agressiva, contida por forças inibidoras que invadem já a capacidade de pensar e elaborar mentalmente. Talvez daí o "pensar motor" do seu "irrequietismo". A problemática é conflitual e de contornos edipianos. Por outras fontes tinha informação de que mantinha uma relativamente boa e efectiva relação com o pai, o que aponta para uma clivagem e deslocamento da hostilidade para "um pai" - o do desastre - provavelmente identificado, por acção da projecção, com o professor, para quem foi deslocada a carga hostil subjacente.

Miguel utiliza o mecanismo do deslocamento, mas fá-lo para muito perto, o que lhe diminui a eficácia. A proximidade pai-professor-família-escola, torna este mecanismo, na prática, próximo da equivalência simbólica, o que podemos ver em, pelo menos, dois momentos:

- o desenho da casa confundida com a escola (uma escola não tem e habitualmente não é representada com chaminé); a reacção de ansiedade no desenho do barco, como se de uma possibilidade de perigo real se tratasse e não apenas de uma idéia pensável.

Isto aponta para a possibilidade de invasão dos processos secun-

dários pelos processos primários e, portanto, para uma relativa fragilidade da barreira de separação consciente/inconsciente.

Relativa fragilidade, pois são facilmente assinaláveis os mecanismos de deslocamento que começam por ficar patentes na sua capacidade de desenhar (simbolizar) o que nos garante a existência dessa barreira e, logo, do recalçamento que a institui. Vejamos como:

Representação e símbolo. Algumas considerações a propósito destes termos.

Um aspecto importante a ter em conta ao analisar as produções infantis, neste caso concreto o desenho, é a sua dupla função de representação e de símbolo.

Num desenho uma figura representa o pai, a mãe, um objecto ausente; um boneco "é" o professor; um risco, o chão; um círculo "é" uma bola, etc. É um "faz de conta", é uma representação e a criança tem consciência de que uma coisa figura a outra e não confunde, em geral, o representado com o representante.

Símbolo é, no sentido restrito em que a psicanálise utiliza o termo, uma representação inconsciente.

Na prática, se uma criança desenha um carro de bombeiros, essa figuração representa o carro dos bombeiros e a criança disso tem perfeita consciência. Carro e desenho podem simultaneamente significar o pénis e as suas funções, facto de que a criança não tem conhecimento.

Esta distinção é importante porque:

- 1 - Neste sentido psicanalítico o símbolo é subsequente à entrada em acção do recalçamento. É o seu terceiro momento: é um modo de retorno do recalçado. É assim, uma formação de compromisso, portanto, uma solução negociada entre as diversas instâncias psíquicas.
- 2- O recalçamento institui a ordenação essencial do espaço psíquico, separando o Inconsciente do Consciente e, de certo modo, o Eu do Id, criando departamentos, instâncias, instituindo um funcionamento secundário relativamente autónomo dos processos primários de funcionamento. (Diatkine, 1985).

Um primeiro passo na Avaliação Psicológica será, pois, verificar se esta ordenação essencial foi feita e, depois, como funciona. No caso que vamos examinar em seguida veremos que, ao contrário do primeiro onde eram visíveis mecanismos evoluídos de defesa (recalçamento, deslocamento, inibição), a utilização de mecanismos primitivos de defesa anda aliada à inexistência ou fragilidade dessa barreira.

CASO II

Uma observação psicológica e uma primeira consulta, não são designações sinónimas de uma mesma realidade. Se o caso anterior parece favorecer essa confusão na medida em que é possível situar com alguma precisão o conflito, em termos de uma relativamente evoluída organização e da sua dinâmica, numa primeira consulta, há casos em que a gravidade da situação obriga a procedimentos mais longos e complexos, sobretudo se queremos saber alguma coisa sobre as potencialidades dinâmicas mobilizáveis para ulteriores acções psicológicas, pedagógicas ou outras.

No caso de Pedro, menino de oito anos e meio, a sua incapacidade de expressão não nos permitia ter alguma idéia utilizável do seu funcionamento: Ar assustado, respondia, quando o fazia, com acenos de cabeça, sem nos olhar. Dobrado sobre si, queixo contra o peito, tinha uma postura rígida onde só a contínua manipulação dos botões nos dava o sinal de alguma vitalidade. A solução foi esperar para ver e, no entretanto, oferecer-lhe um quadro de observação que lhe proporcionou um contacto prolongado e cadenciado (dias e horas combinadas e respeitadas)³⁷ que se alongou por vários meses e de que omitiremos os pormenores.

Durante os primeiros tempos a postura e comportamento eram os acima descritos, intervalados por manifestações de ansiedade que se traduziam num olhar esgazeado e, nestas ocasiões, fixo em mim, a que

³⁷ Quadro semelhante ao que costuma chamar-se psicoterapia com fins diagnósticos.

se seguia um roer compulsivo do que restava das unhas: projecção das partes agressivas do self e do retorno persecutório delas, era o que parecia indicar a ansiedade e o medo de mim. (1º tempo do esquema apresentado atrás).

Incitava-o a falar, sobretudo nestas alturas, dizendo-lhe coisas assim: "Se conseguires falar-me do que estás a pensar e a sentir eu posso ajudar-te melhor a enfrentar os teus medos": função continente e moderadora das fantasias por parte do objecto: 2º e 3º tempos. Isto aparentemente acalmava-o e permitia-lhe retomar o rígido sistema de defesa habitual que se traduzia pela postura corporal já descrita e a que correspondia certamente, no plano psíquico, à recusa da realidade psíquica por inteiro, erigida contra a emergência de ansiedades primárias vividas como ameaça de desintegração.

Bergès, 1985, escreve, a propósito do hipercontrole motor:

"A evolução destes casos, quando tratados, mostra até que ponto a paratonia, a contracção muscular vigilante e permanente, as atitudes em flexão, constituíam a única barreira contra os fantasmas de desarticulação, de desmembramento; como eram o garante e o suporte de uma recolagem da imagem do corpo..." (pg. 369).

Sempre incitando a verbalização sem a forçar, passaram-se muitas sessões sem que nada aparentemente mexesse, a que se seguiu um período onde a procura de contacto se deu a dois níveis: físico, procurando com o seu, o meu pé e exercendo leve pressão lateral;

visual, olhando-me de soslaio e rapidamente, mas sem o ar de pânico inicial. As estas procuras de contacto sucediam-se sempre períodos relativamente longos de ensimesmamento.

Algum tempo mais tarde, fez um desenho. (des. 64) onde, não havendo coisas bizarras, nem confusões maiores (a tartaruga e o caranguejo, na realidade podem partilhar o ambiente do homem), e tendo mesmo dado nome a alguns objectos ainda que sem os relacionar entre si e, inclusivamente, contado uma confusa história, --a presença de figuras rígidas e imóveis (à excepção dos animais que parecem ter algum movimento); a preocupação demonstrada de reforçar alguns traços; o isolamento dos objectos feito pela ausência de comunicação entre si, indiciam o uso de mecanismos de controle obsessivo, de que a história nos dará a finalidade: evitar a desintegração, o aniquilamento.

A história, arduamente organizada --por mim em termos logico-verbais, por ele, no sacar lá de dentro a idéia que teimava em não vir,-- conta-se assim:

"Era uma vez um peixe. Andava debaixo de água. O pescador andava a pescar. Depois o peixe ficou pendurado ao bico da cana. O peixe foi lá comer a comida e ficou lá agarrado. Depois ele puxou para cima"

--Que irá o pescador fazer com o peixe? --pergunto.

Pergunta que, talvez por demasiado directa, o coloca de chofre perante uma realidade intolerável: a perspectiva de ser comido, fim

lógico de todo o peixe pescado. Um "não sei, não sei" extremamente ansioso, foi a resposta e, por algum tempo, voltou o mutismo e a postura encurvada.

A barreira separadora entre o consciente e o inconsciente, entre os processos primários e secundários, é de uma maior fragilidade que no caso anterior. Neste, essa barreira permite a manutenção fora do consciente das fantasias arcaicas. Membrana porosa, como costuma ser designada, permite a passagem dessas fantasias na quantidade e nos modos aceitáveis para o ego e de modo indirecto. O deslocamento, que encontramos no primeiro caso, é um desses modos indirectos. Neste caso, a precaridade da barreira permite o acesso directo e invasor das fantasias ligadas aos processos primários, que são vividas como realidades e tão perigosas quanto estas. Pedro lança então mão de processos drásticos de contenção das fantasias: recusa saber.

Nos desenhos, como em qualquer actividade simbólica, o significado não é constante nem unívoco. Daí que, como aconselha Freud em 1937, o sentido deva ser procurado, ou confirmado no contexto e na evolução do trabalho. É no contexto e, como veremos, na evolução, que este primeiro desenho de Pedro adquire algum sentido além daquele que nos pode dar uma análise formal. De facto, o quase mutismo, o "encapsulamento", enfim, todo o seu comportamento, aponta para uma dificuldade de relação, que adquire contornos paranóides no pormenor do olhar aterrorizado com que, por vezes, me olha. Podemos entender a causa desses terrores pelo modo de relação oral, sustentado por fantasias vorazes (o peixe vai comer a comida), fantasias

que são projectadas no objecto alimentador que se transforma, assim, em objecto devorador.

Mas estas fantasias contêm também o desejo de contacto com o objecto, prejudicado que seja pelos aspectos devoradores da fantasia. Sentido que o contexto comprova: a procura do pé, os olhares fugazes, são também tentativas de contacto, são manifestações de desejo de relação com o objecto.

Se a existência da divisória entre consciente e inconsciente será a primeira preocupação na avaliação psicológica da criança, como se disse a propósito do primeiro caso, a inventariação dos recursos individuais mobilizáveis para o relançamento de um processo evolutivo, vem logo a seguir. O desejo de contacto manifestado na relação com o observador e, sobretudo, na história contada à cerca do seu primeiro desenho faz-nos entrever a existência desses recursos, mesmo se o desejo de contacto acorda angústias muito arcaicas de aniquilamento.

Tempos depois, ao reemergir do seu novo mergulho no isolamento, onde só "falava com os seus botões", a disposição para uma comunicação mais directa, reaparece também.

Um dia em que lhe notei uma certa ansiedade traduzida numa desusada intraquilidade motora, disse-lhe:

- "Hoje estás com dificuldade em falar de coisas que te preocupam. Há várias maneiras de falar, como sabes: com a boca..., com um desenho..."

Pega no lápis e no papel e desenha uma carro (des.65). Pousa a seguir o lápis, deixando-me a sós com a incumbência de entender aquela palavra.

- "Um carro serve para viajar...para ir de um lado para o outro...", disse eu, a apalpar terreno.
- Faz que sim com a cabeça.
- "Para onde será a viagem deste?"
- "À praia", responde.
- "À praia...", repito, em jeito de incitamento à continuação do diálogo, sem correr o risco de introduzir elementos que lhe desviem a direcção do pensamento.
- "Está lá um caranguejo", diz ele.
- "Um caranguejo..."

E como nada adianta a esta retoma das suas palavras, insisto :

- "Que acontecerá quando o carro e o caranguejo se encontrarem..."
- "O caranguejo dá uma dentada no homem", diz.
- "Depois...", incitei
- "Depois, foge".
- Certamente com medo que o homem se vingue e lhe dê, também, uma dentada.³⁸

³⁸ De novo o mesmo cenário: o mar, a praia. O mesmo tema de fundo: a actividade oral agressiva. Os mesmos medos paranóides. Mas uma maior capacidade de representá-los sem a inquietate e paralisante equivalência simbólica

Nesta altura não havia homem algum representado, o que aponta para uma eventual equação carro-homem. Verdade ou não, assumo, no meu discurso, essa equação, utilizando também o termo homem.

Em seguida Pedro pega de novo no papel, acrescenta-lhe as árvores e depois um polícia, o que pode ser lido da seguinte forma:

Balizados que estão pela palavra do observador (as árvores, uma de cada lado,) os mênos pré-genitais (as estruturas arcaicas), outra organização poderá aparecer: o super-eu, representado pelo polícia.

Será uma leitura correcta atendendo à significação geral dos símbolos e, neste caso, na evolução que uma longa terapia permitiu, foi verificada a sua correcção em termos gerais, estando este sentido como que contido em embrião. Mas como um representante pode condensar diferentes representações simbólicas, uma outra leitura pode ser feita com o recurso ao entendimento da simbólica pessoal.

Representará o polícia sempre ou só o super-eu, sobretudo se entendido como normativo e persecutório? - Pedro tinha dois irmãos com frequentes problemas policiais. Um deles encontrava-se naquele momento a cumprir uma pena de cadeia. Este vivido pessoal, será, naturalmente, representado na clássica acepção. Mas outras experiências lhe permitiam ter outra imagem dos polícias: Pedro com frequência se perdia nas ruas, sendo encontrado pela polícia ou a esta entregue por alguém que o achasse (haveria ocasiões em que não saberia sequer dizer a morada) e reconduzido depois a casa. O polí-

cia, a partir desta vivência repetida, assume um significado diferente do geral, na simbólica pessoal de Pedro: -é uma figura protetora, orientadora, reintegrante.

Penso ser este (também) o significado da introdução do polícia no contexto, embora de início só tivesse lido o primeiro, ao imaginar que o que polícia (super-eu/censura rígida) estaria a fazer era a prender, dentro dele, o seu pensamento, a sua capacidade de fantasiar. É no seguimento deste raciocínio que, aproveitando um compasso de silêncio em que volta à manipulação dos botões, lhe digo:

- "Pensar, podemos pensar tudo..."

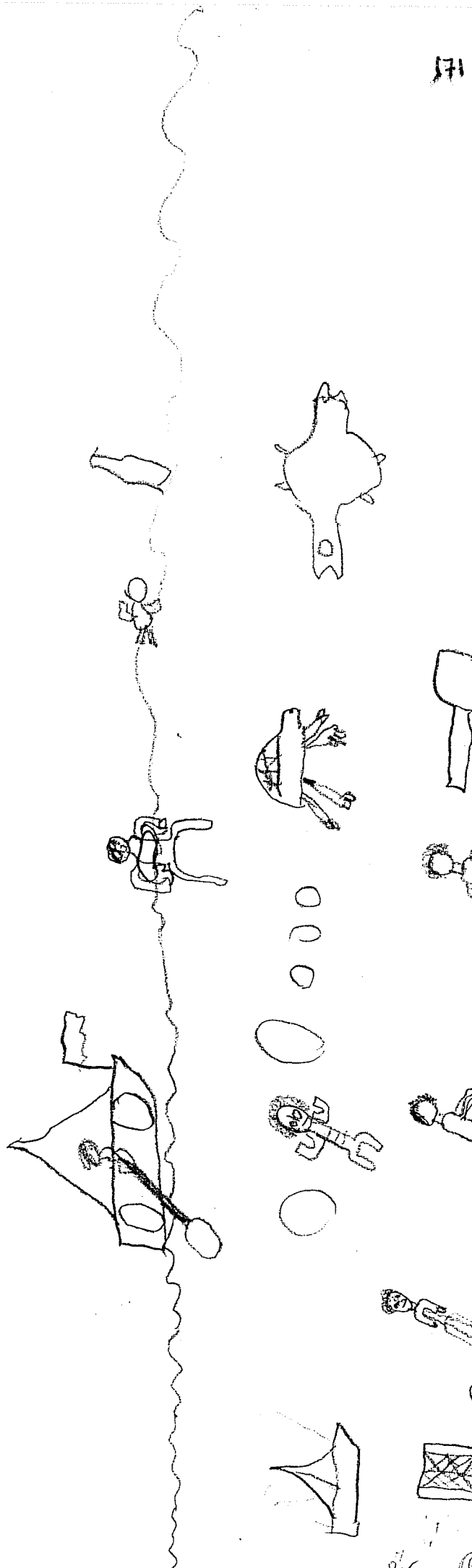
Desenha então os dois personagens do carro e, depois de um pausa, acrescenta a antena. Respondo a esta "palavra", dizendo:

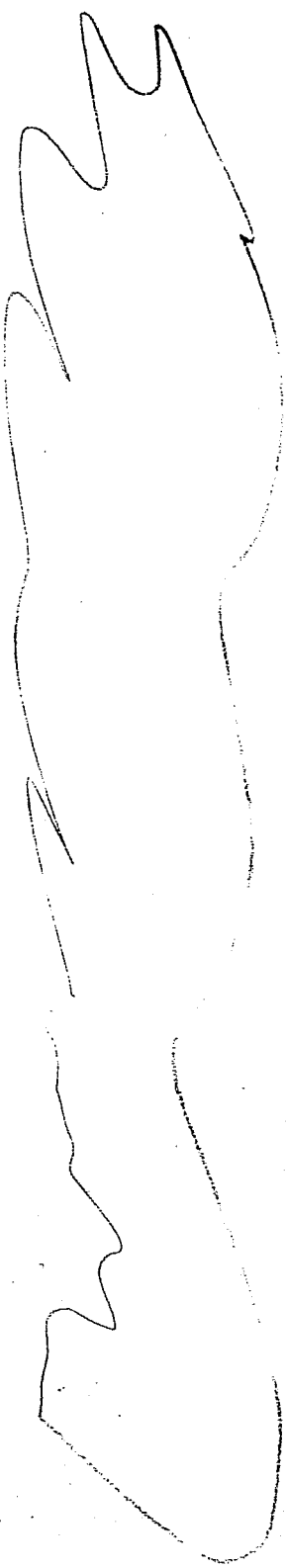
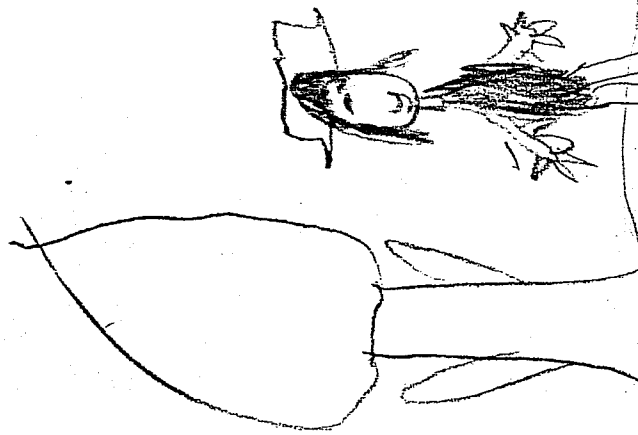
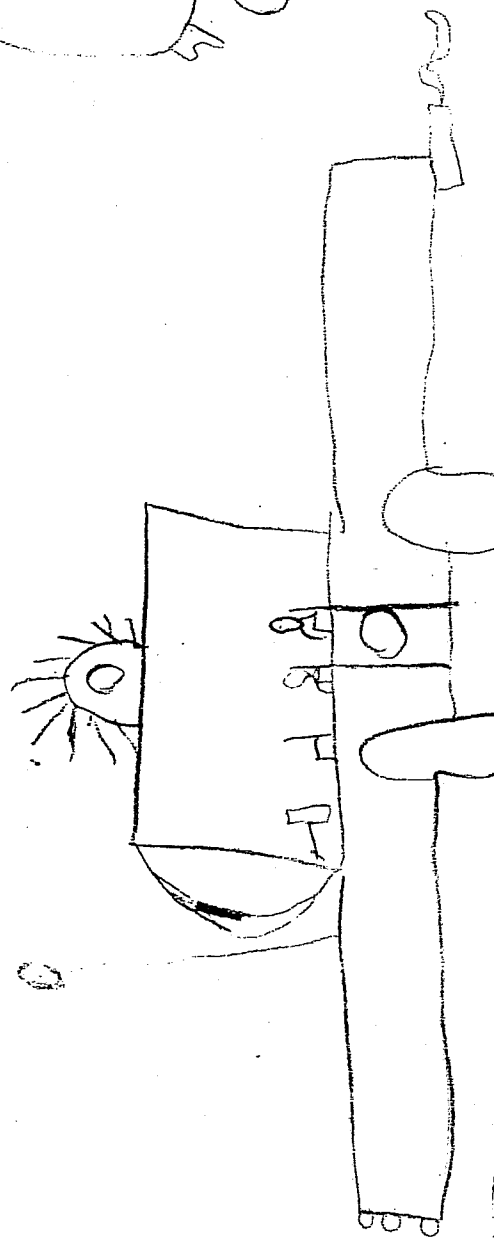
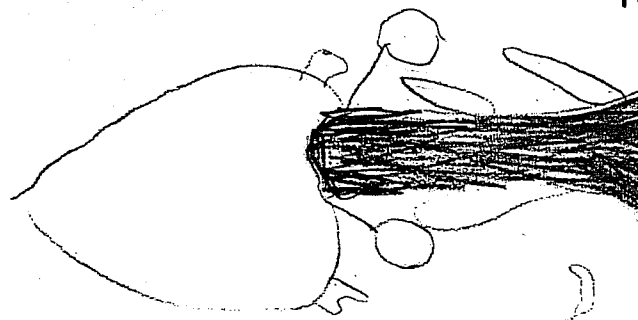
- "Sim, os dois juntos podemos pensar e falar das coisas que te preocupam, de todas."

O significado da antena como instrumento receptor/emissor de comunicação, parece verosímil, não só porque tem esse significado geral, mas, também aqui, porque ele lhe conhece a sua função de muito perto: a mãe trabalha numa importante estação de rádio, onde Pedro a acompanha com frequência.

Um "sol" sobre o carro, derradeira "palavra" dessa sessão, havia de percebê-lo mais tarde, pelo encadeamento dos temas que se seguiram, como expressão do desejo de esclarecer (iluminar) zonas obscuras do seu entendimento do mundo e das pessoas.

Para além do desejo de contacto, de relação, de comunicação, Pedro, manifesta sinais da existência de mais um recurso necessário à evolução: -o desejo e a capacidade de entender-se. Neste diálogo, em que à minha palavra dita, responde com a sua palavra gráfica, a sua capacidade de insight é manifesta e constitui garante de potencialidades actualizáveis.





B I B L I O G R F I A

- ABRAHAM, A. (1976): *Les Identifications de l'Enfant à travers son Dessin*. Privat, Toulouse.
- ARNHEIM, R. (1969): *Visual Thinking*. Londres, Faber & Faber.
- ARNHEIM, R. (1980): "The Puzzle of Nadia's Drawings". *The Arts in Psychotherapy*, 7.
- BAUDOUIN, C. (1951): *L'Ame Infantile et la Psychanalyse*. Neuchâtel, Delachaux-Niestlé.
- BELLAK, L. (1950): "Introducción a los Fundamentos Teóricos de la Psicología Proyectiva", in L. Abt e Bellak, *Psicología Proyectiva*. Buenos Aires, Paidós.
- BENDER, L. (1938): "A Visual Motor Gestalt Test and its Clinical Use", . Research Monograph nº 3, *American Orthopsychiatric Association*.
- BERGERET, J. (1976): *Psychologie Pathologique*. Paris, Masson.
- BION, W. (1959): "Attacks on Linking". *Int. J. Psychoanal.*, 43, 308-15.
- BION, W. (1962): "Theory of Thinking". *Int. J. Psychoanal.*, 43: 306-10.
- BOURGÈS, S. (1978): *Approche Génétique et Psychanalytique de l'Enfant*. Paris, Delachaux-Niestlé.
- BOUTONIER, J. (1968): *El Dibujo del Niño Normal y Anormal*. Buenos Aires, Paidós.
- BOUTONNIER, J. (1953): *Les Dessins d'Enfant*. Paris, Scarabée.
- BRACONNIER, A. (1991): "Projection", in R. Dorot e F. Parot: *Dictionnaire de Psychologie*. Paris, PUF.

- BRENNER, C. (1981): "Defense and Defense Mechanisms". *Psychoanalytic Quarterly*, 1.
- BUCK, J. (1948): "The HTP test". *Journal of Clinical Psychology*, 4, 151-9.
- CHABERT, C. (1983): *Le Rorschach en Clinique Adulte*. Paris, Dunod.
- COOPER, S. (1989): "Recent Contributions to the Theory of Defense Mechanisms: A Comparative View". *J. Amer. Psuchoanal. Assoc.* 1989, 865-891.
- DIAS, C.A. (1988): *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto, Afrontamento.
- DIATKINE, R. (1985): "Introduction à la Théorie Psychanalitique de la Psychopathologie de l'Enfant et de l'Adolescent", *Traité de Psychiatrie de l'Enfant et de l'Adolescent*, vol II. Paris, Puf.
- DOLTO, F. (1948): "Rapport sur l'Interpretation Psychanalytique de Dessins au Cours de Traitemnets Psychiatriques". *Psyché*, 17, p. 324.
- DOLTO, F. (1961): "Personnologie et Image du Corps". *La Psychanalyse*, VI, pg. 59-92.
- DORON, J. (1985): "Comparaison de L'espace Projectif du Scéno-test et du Dessin". *Bulletin de Psychologie*, Tomo XXXVIII, 369.
- FENICHEL, O. (1945): *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. S.Paulo, Ate-neu.
- FONTES, V. (1950): "Interpretation Psychologique du Dessein Anthropomorphique Infantile, Spécialement Observé chez les Oligophrènes". *Sauvegard de l'Enfance*, 1950, pg. 403-435.
- FREUD, A. (1946): *Le Moi e les Mécanismes de Défense*. PUF, Paris.
- FREUD, S. (1894): *As Psiconeuroses de Defesa*, SE, 3, 43. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1895): *Estudos sobre a Histeria*, SE, 2. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1896): *Novas Observações sobre Psiconeuroses de Defesa*, SE, 3, 159. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1905): *Tres Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, SE, 7, 125. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1917): *Luto e Melancolia*, SE, 14, 239. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1926): *Inibição, Sintoma e Angústia*, SE, 20, 77. Londres, Hogart.

- FREUD, S. (1937): *Construções na Análise*, SE:23,257. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1922): *A propósito de alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia, e na Homossexualidade*, SE 18,223. Londres, Hogart.
- FREUD, S. (1925): *Negation*, SE 19,235. Lodres, Hogart.
- GERO, G. (1951): "The Concept of Defense". *Psychoanalytic Quarterly*, 565.
- GILLET, E. (1987): "Defence Mechanisms versus Defence Contents". *Int. J. Psychoanal*, 68,261.
- GOODENOUGH, F. (1926): *Measurement of Intelligence by Drawings*. New York, Harcourt, Brace & World.
- GOODNOUGH, F. (1957): *L'Intelligence d'après le Dessin*. Paris, PUF.
- HAMMER, F. (1958): *The Clinical Application of Projective Drawings*. Springfield, C.C. Thomas.
- HARRIS, D.B. (1963): *Childrens Drawings as Measures of Intellectual Maturity*. New York, Harcourt, Brace & World.
- HARTAMN, H., KRIS, E. e LOWENSTEIN, R. (1964): *Papers on Psychoanalytic Psychology. Psychol. Issues. Monogr. 14*. Nova Iorque, International Universities Press.
- HARTMAN, H. (1939): *Ego Psychologi and the Problem Adaptation*. Nova Iorque, International Universities Press.
- HEIMANN, P. (1952): "Certas Funções da Introjecção e da Projecção no Início da Infância", *Os Progressos da Psicanálise*, M. Klein e outros. Rio de Janeiro, Zahar.
- HINSHELWOOD, R. (1991): *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- ISAACS, S. (1952): "A Natureza e a Função da Fantasia", M. Klein e outros: *Os Progressos na Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- JOSEPH, B. (1987): "Projective Identification: Clinical Aspects", *Projection, Identification, Projective Identification*, Colectânea de textos organizada por Joseph Sandler. Madison/Connecticut, International Universities Press.
- KLEIN, M. (1921): "The Development of a Child". *Int. J. Psychoanal.* 4:419-74.
- KLEIN, M. (1947): *Contribuições à Psicanálise*. S.Paulo, Mestre Jou.
- KLEIN, M. (1952): "Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides", *Os Progressos da Psicanálise*, M.Klein e outros. Rio de Janeiro, Zahar.

- KLEIN, M. (1955): "A Técnica Psicanalítica através do Brinquedo: sua História e Significado", *Novas Tendências na Psicanálise*, M. Klein e outros. Rio de Janeiro, Zahar.
- LAMPL-DE GROOT, J. (1957): "On Defence and Development: Normal and Pathological". *Psychoanal. Study Child*, 12.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. (1967): *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Moraes.
- LEEuw, VAN DEER J. (1971): "On the Development of the Concept of Defence". *Int. J. Psycho-Anal*, 1971, 52, 51.
- LEVY, S. (1950): "Figure Drawing as a Projective Technique", in L. ABT e L. Bellak, *Projective Psychology*. New York, Grove Press.
- LUQUET, G. (1913): *Les Dessins d'un Enfant*. Paris, Alcan.
- LUQUET, G. (1927): *O Desenho Infantil*. Porto: Civilização, 1974.
- LURÇAT, L. (1973): "Luquet et le Dessin de l'Enfant". *Bull. Psychol.*, 26 (306), pg. 698-700.
- LURÇAT, L.; WALLON, H. (1963): "Entretiens sur le Dessin de l'Enfant". *Cahiers du Groupe Françoise Minkowska*, Dez., 1963.
- MACHOVER, K. (1949): *Personality Projection in the Drawing of Human Figure*. Springfield, C.C. Thomas.
- MORGENSTERN, S. (1927): "Un Cas de Mutisme Psychogène". *Rev. Franc. Psychanalyse* (I), 3, pg. 492-504.
- MORGENSTERN, S. (1937): *Psychanalyse Infantile, Symbolisme et Valeur Clinique des Créations Imaginaires chez l'Enfant*. Paris, Denoel.
- MORGENSTERN, S. (1939): "Le symbolisme et la Valeur Psychanalytique de Dessins Infantiles". *Rev. Franc. Psychanalyse*, II-39.
- NAVILLE, P. (1950): "Éléments d'une Bibliographie Critique Relative aux Graphismes Infantins jusqu'en 1949". in *Enfance* n° 3-4, pgs: 310-343.
- OCAMPO, M. L. e outros (1979): *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*. S. Paulo, Martins Fontes.
- OSTERRIETH, P. (1957): "The use of Drawings in Personality Diagnosis in Clinical Psychology". *Bull. Assoc. Int. Psych. Appliquée*, 6 (1), 5-26.
- PICCOLO, E. (1979): "Defesas nos Testes Gráficos", *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*, M. L. Ocampo e outros. S. Paulo, Martins Fontes.
- PRUDHOMMEAU, M. (1947): *Le Dessin de l'Enfant*. Paris, PUF.

RIOUX, G. (1951): *Dessin et Structure Mentale: Contribution a l'Étude de Psychosociale des Milieux Nord-Africains*. Paris, PUF.

ROSENFELD (1983): "Primitive Object Relations and Mechanisms". *Int. J. Psychoanal.* 64:216-7.

ROUMA, G. (1913): *Le Langage Graphique de l'Enfant*. Paris, Misch. et Thron.

SANDLER, J. e outros (1987): *Projection, Identification, Projective Identification*. Madison/Connecticut, International Univ. Press.

SCHILDER, P. (1935): *Image and Appearance of the Human Body*. Londres, Kegan Paul.

STERN, A. (1963): *Le Langage Plastique*. Delachaux-Niestlé.

STERN, A. (1966): *Une Grammaire de l'Art Infantin*. Delachaux-Niestlé.

STORA, R. (1963): "Étude sur le Dessin comme Moyen d'Investigation Psychologique". in *Bulletin de Psychol.*, 225, XVII, Nov. 1963, pgs: 266-307.

SUPPES, P. e WARREN, H. (1975): "On the Generation and Classification of Defence Mechanisms", *Int. J. Psychoanal.*, 56, 405.

THOMAS, G.; SILK, A. (1990): *An Introduction to the Psychology of Children's Drawings*. London, Harvester Wheatsheaf.

VAILLANT, G. (1992): "The Historical Origins and Future Potential of Sigmund Freud's Concept of the Mechanisms of Defence". *Int. R. Psychoanal.*, 19, 35.

WALLON, PH. (1985): "Bibliographie sur le Dessin d'Enfant". *Bulletin de Psychologie*, Tomo XXXVIII, 369.

WIDLOCHER, D. (1965): "Étude du Dessin d'Enfant comme Mode de Communication". *Hig. Ment.*, 1965, 5, 165-169.

WIDLOCHER, D. (1965): *Interpretação dos Desenhos Infantis*. Vozes, Petrópolis.